Quando o Pensamento Cessa

J. KRISHNAMURTI

DO MESMO AUTOR:

A Arte da Libertação.
Que estamos buscando?
A Renovação da Mente.
Novo Acesso à Vida.
Novos Roteiros em Educação.
A Canção da Vida (Poemas) (Nova edição).
Da Insatisfação à Felicidade.
Viver sem Confusão.
Porque não te satisfaz a vida?
A Conquista da Serenidade.
Nós somos o problema.
Solução para os nossos conflitos.
Uma nova Maneira de Viver.
O egoísmo e o problema da paz.
A Finalidade da Vida.
O Caminho da Vida.
Palestras no Chile e no México.
Palestras no Uruguai e Argentina.
Acampamento em Ommen, 1937/38.

J. KRISHNAMURTI

QUANDO O PENSAMENTO CESSA

TRADUÇÃO
DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117, sala 203
Rio de Janeiro — Brasil

I

DESEJO primeiramente anunciar-vos que estas reuniões se efetuarão aos sábados e domingos, até o dia 10 de fevereiro, e que teremos discussões às terças-feiras, às 17,30, como de costume.

Penso que os mais de nós estamos bem cônscios dos problemas ingentes e extraordinàriamente complexos que nos rodeiam. Vemos tanta contradição entre os especialistas políticos, sociais e religiosos. Há os que se não cansam de afirmar que só um determinado sistema deve ter validade. Religiosamente, há contradição, no tocante à crença. Parece-me que, se desejarmos resolver qualquer um dêsses problemas, temos todos de pensar de maneira nova, sem ficarmos na dependência de qualquer fonte, de qualquer autoridade que seja; e, à maioria de nós, isso se afigura dificílimo. Assim, ou nos voltamos para o passado, como fonte de esclarecimento ou com propósitos de imitação, ou depositamos nossa inteira confiança nalguma promessa para o futuro — no sentido econômico, político

ou religioso. *Voltamos* ao passado, como meio de consolação, e afirmamos que o conformismo religioso é essencial, ou confiamos na influência econômica da revolução e na promessa do futuro Estado ideal. Enquanto nós mesmos não pensarmos nos problemas a fundo, com muito cuidado, inteligentemente, creio que não teremos meios de resolver qualquer dêsses problemas confusos e contraditórios.

O que pretendo fazer, durante estas discussões, é estudar com cada um de vós o problema extraordinàriamente complexo do viver, problema que não se restringe a uma estreita área. Êle é o mesmo no mundo inteiro. Estamos confusos; não sabemos o que fazer; não sabemos por onde começar ou como descobrir a razão por que cada grupo está em luta com outro grupo. A ambição, a corrupção, em nome da paz e de outros ideais, impera no mundo inteiro, não apenas regionalmente, mas em escala global. Ora, se realmente desejamos resolver êste problema, cumpre-nos estudá-lo nós mesmos. Temos de encontrar a solução correta. Creio que ela existe, estou plenamente convencido da sua existência. Mas o mero descobrir da solução não representa uma solução. Cabe-nos, pois, a vós e a mim, averiguar, significando isso que devemos prestar ouvidos uns aos outros, a fim de encontrarmos a solução correta. Escutar é uma arte extremamente difícil. Isso, porque nos falta, à maioria de nós, a capacidade de escutar, porque estamos cheios de ciência, de ilustração; temos lido demais; nossos preconceitos são sobremodo poderosos; nossas experiências são como muralhas que nos circundam; e através dêsses preconceitos, do cimo dessas muralhas, tentamos

escutar. Será possível prestar ouvidos a qualquer coisa, se a nossa mente não está, ao menos temporàriamente, livre dos seus preconceitos, se não está sempre conferindo o que ouviu com algum conhecimento já traduzido e interpretado por todos nós? Esta é uma das maiores dificuldades, não achais?

Conquanto pareça que somos incapazes de escutar, julgo que essa é uma das coisas mais necessárias e essenciais que nos cumpre fazer, que vós e eu devemos fazer. Não deveis traduzir o que digo, não deveis interpretar o que digo, segundo o vosso fundo, o vosso *background;* porque quando assim procedeis pondes fim ao pensar. Não é exato isso? Se dizeis: "Isso está de acôrdo com o meu entender" — parastes de pensar, cessastes de ouvir; não abris a porta para contemplar visões mais grandiosas, para sondar mais profundamente as palavras. Escutar sem interpretação exige extraordinária vigilância por parte da mente. Tentai, tanto nestas reuniões como em casa, escutar verdadeiramente uns aos outros, abstendo-vos de interpretações — escutar, simplesmente, sem traduzir em conformidade com os vossos preconceitos. Traduzir, afinal de contas, significa que tendes um conhecimento prévio, o qual limita o pensamento e o impede de penetrar mais longe, mais no fundo. Essencial é que estabeleçamos entre nós uma relação correta, adequada. Não creio em autoridade de espécie alguma: e se ao que estou dizendo atribuis autoridade, nesse momento parais de pensar. Cabe-vos investigar, para achar a solução, a solução correta, a maneira de sairmos desta desordem terrível, relacionada com a guerra e a paz, desta contradição existente entre ricos e pobres, entre

os que buscam a autoridade, em nome de tôda espécie de violência e em nome da paz. Se não procurarmos e não compreendermos a solução correta, creio que não temos direito algum nem obrigação alguma de nos reunirmos para escutar uns aos outros, e perder tempo. Sinto muito ardentemente que se nós, mesmo uns dois ou três de nós, pudermos reunir-nos e examinar tudo isso de maneira completa, pondo de parte tudo o mais, com o propósito de descobrir, haverá uma possibilidade de iniciar em pequena escala o movimento — que se há de avolumar ,até converter-se em fragorosa tempestade... Isso, porém, requer muita seriedade, requer verdadeira permuta de pensamentos e não mera asserção de preconceitos e a constância de uma dada experiência.

Nessas condições, como é possível achar a solução correta? Estou bem certo de que é isso o que a maioria de nós deseja encontrar. Não é verdade? Tôda pessoa ponderada há-de estar em busca da verdadeira solução, da solução duradoura e permanente para todo êsse horrível sofrimento e aflição, esta contradição entre ricos e pobres, entre os que buscam a autoridade, em nome da paz, entre os poderosos e os oprimidos, entre os que nada têm e os que tudo possuem, entre os que ambicionam o poder. Há-de haver, sem dúvida, uma solução para tudo isso, não achais? Como iremos achála? Por certo, o primeiro requisito essencial para a compreensão ou a busca da solução, é compreender que tôda busca está condicionada pelo desejo. Consideremos isso por uns momentos. Se eu procuro uma solução econômica, ou outra qualquer, para êsse problema, sem ter compreendido o instrumento que pro-

cura, êsse próprio instrumento fica limitado, restrito, condicionado pelo desejo, que empreende a busca. Se estou em busca da solução correta, da verdadeira solução de qualquer problema, não está essa busca condicionada pelo meu desejo? Nessas condições, antes que eu possa procurar uma solução, preciso compreender o desejo. Não é exato isso? Se desejo saber se existe Deus, se existe a felicidade absoluta, por certo, antes que eu possa procurar tal coisa, preciso compreender a mente que a busca. Porque, do contrário, a mente condicionará o objeto da minha busca. Isso é bem evidente, não achais? Quem busca qualquer coisa há-de achar o que busca; mas o que achar dependerá do seu desejo. Se buscais o confôrto e a segurança, achá-los-eis; mas o que achardes não será o real; pelo contrário, essa coisa há-de produzir cada vez mais confusão, contradição e sofrimentos. Nessas condições, antes de iniciarmos a busca, devemos compreender todo o processo do desejo. Na própria busca de compreensão do desejo, encontrareis a solução. Mas o buscar a solução sem compreender o desejo, o centro de reconhecimento, é trabalho vão. Os que levam a vida a sério, os que realmente desejam ver um mundo cheio de paz, que desejam ter relações pacíficas entre si, que desejam ser bondosos e compassivos, devem resolver em primeiro lugar êste problema.

Se considerardes realmente o que se está passando no mundo, vereis como os homens se estão desunindo, produzindo guerras, confusão e aflição extremas. Para tôda esta confusão, tôda esta miséria que cresce e se expande cada vez mais, há-de haver uma solução; e

essa solução só se torna possível se compreendermos o processo do desejo.

Sempre que buscamos qualquer coisa, sem compreender o nosso desejo, estamos em verdade em busca de uma idéia como meio de ação; tôda a nossa busca vai parar numa idéia — idéia como fórmula, como conceito, como experiência; estamos em busca de uma conclusão, uma idéia, um conceito. Mas uma idéia, um conceito, uma fórmula nunca será capaz de produzir ação. Não sei se isso está claro, ou se vos parece algo abstrato e confuso. Para nós, a idéia é muito importante, — idéia sob a forma de experiência, ou idéia, sob a forma de uma conclusão. Assim, quando estamos a procurar uma idéia, a qual, posteriormente, traduziremos em ação. Primeiro, tenho uma idéia do que devo fazer, a seguir passo à ação. Temos, primeiro, o padrão de como deve ser uma sociedade, e depois nos ajustamos a êsse padrão. Há, sempre, contradição, luta e competição entre a ação e a idéia.

Representa essa busca de uma idéia uma solução verdadeira, ou deve a busca estar independente da idéia e ser apenas ação? Isso não é muito complexo, se pensardes realmente a respeito. É, com efeito, importantíssimo que o compreendais, antes de passardes além. Uma vez que a nossa busca é intelectual, há uma contradição entre a idéia e a ação, um vazio, um intervalo; e o nosso esfôrço constante visa a lançar uma ponte entre as duas, e isso sem dúvida é perda de tempo, é tolice, não importa como o chameis; porque não compreendemos que a busca depende do desejo, e que, em essência, o desejo gera a idéia. Por conseguinte, os que sentirem verdadeiro empenho, que se

não deixarem levar por contra-sensos emocionais ou pelos seus próprios preconceitos, suas vaidades, os que desejarem deveras encontrar uma solução para o problema, uma solução pacífica e duradoura, devem investigar e compreender o desejo — e isso significa ação. A compreensão do desejo é, em si mesma, ação, e não idéia.

No momento em que tendes uma idéia, que acontece? Observai vossa própria mente e vêde, descobri o que acontece quando tendes uma idéia. Desejais traduzir essa idéia em ação. Não é exato? Desejais exprimi-la num quadro, ou fazer alguma coisa com ela, transmiti-la, traduzi-la, comunicá-la a outrem. A idéia nunca é ação, é? Se basseardes a paz numa idéia, então, fatalmente, encontrareis contradições sôbre a maneira de pôr em execução essa idéia, a maneira de realizá-la. Mas, assim que começardes a compreender, no seu todo, o processo do desejo, vereis então que a ação é independente do pensamento, da idéia. O êrro que em geral fazemos é que primeiro temos a idéia e depois agimos. Todavia, se começardes a compreender o desejo, o que constitui um problema muito complexo e intrincado, vereis então que a ação se segue à compreensão de cada desejo.

Que quero eu dizer, ao falar de compreensão do desejo? O desejo não é estático, é? Não podeis impor regras e preceitos ao desejo, se quereis compreendê-lo, não é verdade? Cumpre-vos segui-lo, observá-lo, acompanhar cada movimento dos seus complicados caprichos e fantasias, tanto conscientes como inconscientes, não é verdade? Não podeis dizer "Êste desejo é correto, êste desejo é errado. Isto está bem, isto eu de-

sejo fazer", etc. etc. Ao dizerdes isso, pondes fim à compreensão do desejo e não podeis continuar a acompanhá-lo. Não é fácil isso, uma vez que desde a infância temos sido exercitados para reprimir, controlar, dominar, e dizer: "Isto é certo, isto é errado"; e assim pomos fim à investigação, à busca e à compreensão. Não digais imediatamente: "Isto é um desejo justo, isto é um desejo injusto". Investigai-o. É o mesmo que acompanhar uma estrada num mapa. Isto é, quando temos verdadeiro empenho; mas se preferis não tomar a sério o problema, se desejais apenas entreter-vos com êle, em nome da paz, isso, òbviamente, não tem valor algum. Os que sentem aquêle empenho não têm experiência. Se quisésseis realmente investigar, veríeis que tendes um centro no qual reside o processo do reconhecimento. Se não reconheço, não tenho experiência. Só dizeis "Tenho uma experiência", quando funciona o processo de reconhecimento. Nossa dificuldade é compreender o desejo, sem êsse processo de reconhecimento.

Percebeis o que entendo por "reconhecimento"? Por reconhecimento, entendo algo que sucede ao encontrarmos ou vermos alguém. Temos então uma reação subjetiva, uma emoção, e reconhecemos; damos-lhe um nome; e êsse reconhecimento só serve para fortalecer cada experiência; e cada experiência limita, condiciona e estreita o "eu". Nessas condições, se desejais compreender o que é a realidade, o que é Deus, aquêle centro de reconhecimento tem de desaparecer por completo. Se isso não acontecer, que tendes vós? A projeção da vossa mente e da vossa memória, do que aprendestes no passado, que vos faz reconhecer o

que está sucedendo. E o que está sucedendo é vossa própria experiência, projetada. Se desejo saber o que é a verdade, deve a minha mente achar-se num estado em que não haja possibilidade de reconhecimento. É possível êsse estado? Por favor, não aceiteis nenhuma dessas coisas, sem estar deveras convencidos. Conservai um ceticismo sadio e bem equilibrado, a respeito de tudo isso. Não sois meus discípulos ou seguidores. Sois entes humanos, revestidos de dignidade, que desejam descobrir a solução correta para tôda essa terrível desdita. Para encontrardes a solução correta, cumpre-vos ser extremamente penetrantes, capazes de duvidar, de inquirir, bem equilibrados pelo ceticismo. É possível isso? Tendes alguma experiência que não seja um reconhecimento? Compreendeis o que isso significa? Porque ,afinal de contas, isso é Deus, é a verdade, o eterno, ou como quiserdes chamá-lo. No momento em que temos uma medida para medir, já não temos a verdade. Nossos deuses são mensuráveis; conhecêmo-los de antemão. Nossas escrituras, nossos amigos e instrutores religiosos nos condicionaram de tal maneira que logo sabemos o que é cada coisa que se nos apresenta. Tôdas as nossas atividades estão ligadas a êsse processo de reconhecimento.

É possível dissolver o centro do reconhecimento? Afinal de contas, é o desejo que fortalece o reconhecimento. Dizer "Eu sei, tive experiência, é assim" — indica fortalecimento do "eu". Não há *eu* superior, nem *eu* inferior; *eu* é *eu*. Pois bem, para averiguarmos se há Deus, se há a verdade, se existe um estado no qual não é possível o reconhecimento, no qual cessou tôda a medida, de certo, precisamos começar por com-

preender o desejo. É tão absurdo as pessoas chamadas religiosas dizerem "Há Deus", como outras dizerem "Não há Deus". Isso não resolve o problema, assim como não o resolve o repetir a Bíblia, ou o Bhagavad Gita, ou sabe Deus o que mais. Positivamente, isso não resolve o problema. E é isso o que se vem fazendo há séculos. E o problema não está resolvido. Estamos aumentando nossos problemas, mais e mais, e atraindo sofrimentos cada vez maiores sôbre nós. Assim, para compreender êste problema da existência, com tôda a sua confusão, suas extremas provações, perturbações, tribulações e sofrimentos, temos, por certo, de compreender o desejo, acompanhar o seu movimento. Só é possível isso quando a mente está cônscia de si mesma, quando não estais olhando um desejo como algo exterior a vós, quando o estais acompanhando atentamente. Vêde, senhores. Tenho um desejo. Que faço? Minha reação instintiva é condená-lo, julgá-lo idiota, tolo ou julgá-lo bom, nobre. Então, que acontece? Não acompanhei o desejo; não o penetrei; não o compreendi: detive-o apenas. Pensai bem nisso e vêde a enorme importância que tem. Garanto-vos que tereis então uma revolução da maior significação. Porque a revolução interior é a única revolução, e não a revolução econômica; porque a revolução interior sempre há de superar a revolução exterior, mas a revolução exterior nunca superará a interior. O que mais importa é a revolução psicológica interior, a regeneração; e esta só pode ocorrer, se seguirmos, se compreendermos todo o processo, todo o complexo processo do desejo, dos motivos, dos

impulsos psicológicos, tanto os conscientes como os inconscientes. Isso não é fácil. Nada serve dizermos: "Compreendi agora; tudo está bem; estou transformado" — porque dizer tal coisa significa apenas voltar ao torvelinho da ação. Se pudermos compreender a maneira de seguir o desejo, de conhecê-lo bem, de não o traduzir, resolveremos então todos êstes problemas.

Como é possível a uma pessoa comum, como vós e eu, com tantos problemas — econômicos, domésticos, religiosos — como é possível, na confusão em que todos vivemos, seguir o desejo até o fim, acompanhá-lo, compreendê-lo? Como posso eu, que não sou inteligente, que tenho tantas fórmulas, tantos preconceitos e lembranças, como posso acompanhar o desejo? Seria mais fácil se tivésseis um companheiro, que vos detivesse a cada instante, dizendo: "Parai, que estais fazendo? Estais interpretando ,traduzindo, condenando o desejo. Não o estais seguindo realmente. Estais em verdade disfarçando-o." Se alguém pudesse a cada instante obrigar-vos a observar o que estais fazendo, isso talvez fôsse útil. Mas não tendes um tal companheiro; não desejais, tão pouco, um companheiro dessa espécie, porque criaria muitas dificuldades, seria muito irritante, perturbador. Mas tereis êsse companheiro na vossa mente, se sentirdes empenho e disserdes "Quero compreender isso". Não crieis uma dificuldade intelectual dizendo: "Quando eu digo *quero,* isso não representa um desejo?" — Isso é fazer uso capcioso das palavras, é argumentação sutil, e sem valor. Dêsse modo, nunca compreenderemos nada, nem vós nem eu; porque precisamos servir-nos das palavras como instru-

mentos de comunicação; mas, se parais num determinado ponto, recusando-vos a ir mais longe e a perceber todos os matizes das palavras, então cessa tôda a ação. Tomai, por exemplo, um desejo qualquer... o desejo de ser poderoso, que a maioria de nós tem; o desejo de dominar, que a maioria de nós tem — funcionário ou presidente, ou qualquer outro, seja rico, seja pobre, todos desejam ser poderosos. Não condeneis êsse desejo, não digais é certo, é errado", mas, sim, examinai-o; vereis aonde êle vos conduzirá. Não precisais ler livro algum. Tôdas as acumulações subconscientes do desejo de poder, sob vários aspectos, se patentearão ao consciente. Está aberto à vossa frente o livro da sabedoria; e se o não souberdes ler, nunca compreendereis coisa alguma. Andais atrás de coisas sem valor e sem significação. Porque no vosso coração, na vossa mente, reside a verdade, e procurá-la no exterior é inútil, ainda que seja mais agradável. Levamos vidas muito complexas e contraditórias, não só individualmente mas também coletivamente — brâmanes contra não-brâmanes, etc. Não são apenas problemas regionais, são vastos problemas mundiais; e não podeis resolvê-los, se vos restringis a uma limitada área. Precisamos pensar nêles como um todo formidável, — e não como uma pessoa insignificante examinando um problema insignificante.

Pois bem; é sôbre êsse problema que vamos discutir e falar, nas próximas seis semanas, isto é, como compreender o desejo e como, se possível, transcender o reconhecimento, o centro que reconhece e impossibilita tôda ação criadora. Não venhais, por favor, se não sentirdes real interêsse. É preferível ter só dois

ou três ouvintes verdadeiramente interessados. É pura perda de tempo da vossa parte, pois já vos falo há tantos anos, e com que resultado? Por favor, não vos mostreis pesarosos por mim. Sinto que naquele centro existe algo que pode ser apreendido e compreendido, algo muito maior do que a existência física ou superficial. Eu gostaria de falar a êste respeito com as duas ou três pessoas que sentem real interêsse e estão em condições de o investigar. É muito difícil encontrar êsses dois ou três, porquanto temos gente de tôda espécie, cheia de sua própria importância, suas ambições e sua recusa a enxergar além de si próprias. Por isso, peço-vos encarecidamente que não venhais, se não sentis interêsse, se não sentis um empenho ardente; porque, se tendes empenho, podemos ir muito longe e compreender, — não no decorrer do tempo mas já. E aí é que se dá a verdadeira transformação, isto é, ver uma coisa com clareza e agir prontamente. Isso, porém, requer enorme soma de paciência e observação, e integridade interior.

PERGUNTA: Tendes estado em retiro nestes últimos dezesseis meses, e isso pela primeira vez em vossa vida. Podemos saber se há nisso alguma significação?

KRISHNAMURTI: Não desejais, também, às vêzes, recolher-vos à quietude, para fazer um balanço das coisas, a fim de não vos tornardes simples máquina de repetição, um discursador, um explicador, um expositor? Não desejais fazer isso, alguma vez, não desejais estar em tranqüilidade, não desejais conhecer-vos melhor? Alguns de vós o desejam, mas não o podem fazer por motivos econômicos. Há de haver dentre vós

alguns que desejam fazê-lo, mas as obrigações de família, etc., os impedem. De qualquer maneira, é benéfico recolher-nos à tranqüilidade, para proceder a um balanço de tôdas as coisas que praticamos. Ao fazer isso, uma pessoa adquire experiências que não são reconhecidas, que não são traduzidas. O *meu* recolhimento, portanto, não tem significação nenhuma para vós. Sinto muito. Mas o *vosso* recolhimento, se o observardes corretamente, há de ter significação para vós. Julgo essencial que entreis, de vez em quando, em recolhimento, deixando tudo o que estais fazendo, detendo por completo as vossas crenças e experiências, e olhando-as de maneira nova, em vez de ficardes a repetir, como máquinas, o que credes ou o que não credes. Deixaríeis, assim, entrar ar fresco em vossas mentes, não é verdade? Isso significa que tendes de estar inseguros, não é verdade? Se fordes capazes de tanto, estareis aberto aos mistérios da natureza e para as coisas que sussurram ao redor de nós, e que de outra maneira não poderíeis alcançar; encontrareis o Deus que aguarda o momento de vir, a verdade que não pode ser chamada mas vem por si mesma. Não estamos abertos ao amor e a outros processos mais delicados que se verificam dentro em nós, porque vivemos fechados em nossas ambições, em nossas realizações, em nossos desejos. Não há dúvida de que é muito salutar nos retrairmos de tôdas essas coisas. Deixai de ser membro de alguma sociedade, deixai de ser brâmane, hindú, cristão ou muçulmano. Abandonai o vosso culto, os vossos ritos, retirai-vos completamente de tudo isso, e vereis o que acontecerá. Nesse retiro, não mergulheis noutra coisa qualquer, não abrais livro algum, absor-

vendo-vos em novos conhecimentos e novas aquisições. Rompei completamente com o passado, e vereis o que acontece. Fazei-o, senhores, e conhecereis o deleite. Descortinareis as imensidões do amor, da compreensão, da liberdade. Quando vosso coração está aberto, então é possível a vinda da realidade. E não mais ouvireis os sussurros dos vossos próprios preconceitos, os ruídos que vós mesmos produzis. Eis porque é salutar entrarmos em retiro, recolher-nos e fazer parar a rotina — não só a rotina da existência exterior, mas também a rotina que a mente estabelece para sua própria segurança e conveniência.

Experimentai-o, senhores, se tendes oportunidade para tal. Então, talvez conheçais a verdade que não pode ser medida. Vereis, que Deus não é uma coisa que se experimente e se reconheça, mas, sim, que Deus é algo que vem a nós sem que o invoquemos. Isso só se dá quando a vossa mente e o vosso coração estão completamente tranqüilos, não estão buscando, esquadrinhando, e quando não tendes nenhum desejo de aquisição. Deus só pode ser encontrado quando a mente não mais busca vantagem para si. Se nos retrairmos de tôdas essas coisas, talvez não ouçamos mais os sussurros do desejo, e, então, aquilo que está à espera, virá diretamente, infalìvelmente.

5 de janeiro de 1952.

II

FALAMOS ontem a respeito do problema do desejo e sôbre a maneira de compreendê-lo. Sendo esta uma questão muito importante, não devemos olhá-la superficialmente e pô-la de parte. Pode uma pessoa fazer inúmeras perguntas, no desejo de achar a solução correta, mas também é necessário que tenha a capacidade de ouvir. Os mais de nós estamos sempre tão ansiosos por uma resposta, por uma solução satisfatória, que, em nossa ansiedade, as perdemos. Conforme sugeri ontem, devemos ter muita paciência, — não letargia, mas vigilância com paciência, passividade vigilante. O que desejo fazer nesta tarde é falar sôbre os problemas da crença e do conhecimento. A crença e o conhecimento estão ìntimamente ligados ao desejo; e, talvez, se pudermos compreender êsses dois pontos, possamos ver como funciona o desejo e penetrar a sua complexidade.

Permiti-me sugerir que escuteis, em vez de tomar notas, porque é muito difícil tomar notas e escutar ao

mesmo tempo. Eu desejaria experimentar com cada um de vós, aqui, em tôdas as minhas discussões e palestras, de modo que vejamos diretamente cada problema, que o compreendamos diretamente, para que, depois de sairdes daqui, não fiqueis andando às apalpadelas. Compreendereis então a importância destas reuniões. Sinto muito ardentemente que não estou falando para um grande auditório ou um pequeno auditório, mas, sim, que estou falando a cada indivíduo; digo-o com sinceridade. E só o indivíduo que pode ver, compreender e criar um mundo novo, só êle pode realizar uma revolução interior e, conseqüentemente, uma revolução exterior. Vós, como indivíduo, e eu estamos aqui discutindo o problema, juntos, e o estamos examinando o mais profundamente possível. Para tal, precisais escutar, precisais estar um pouco receptivo, ser capaz de abrir-vos ao que digo e de verificar as vossas próprias reações, à medida que formos caminhando. Deixai-me, pois, sugerir-vos que, enquanto ouvirdes, vejais a coisa sem interpretação e a compreendais diretamente.

Como disse, é de fato um problema interessantíssimo esta questão da crença e do conhecimento. Que papel extraordinário ela tem em nossa vida! Quantas crenças temos! É certo que quanto mais sagaz, quanto mais culta, quanto mais espiritual (se posso usar tal expressão) — uma pessoa é, tanto menor é a sua capacidade de compreender. Os selvagens têm inúmeras superstições, mesmo no mundo moderno. Os mais refletidos, os mais despertos, os mais alertados são talvez

os que menos crêem. Isso acontece, porque a crença amarra, a crença isola — como se vê no mundo inteiro: no mundo econômico e no mundo político, e bem assim no chamado mundo espiritual. Vós crêdes que há Deus, e eu talvez creia que não existe Deus; ou crêdes no contrôle absoluto por parte do Estado de tôdas as coisas e de todos os indivíduos, e eu creio na iniciativa privada, etc. etc.; crêdes que só existe um único Salvador e que por meio dêle alcançareis o vosso alvo, e eu não creio em tal coisa. Dêsse modo, vós com a vossa crença e eu com a minha estamos querendo im!por-nos um ao outro. Entretanto ,ambos falamos de amor, falamos de paz, da unidade do gênero humano, de uma só vida — o que não significa absolutamente nada; porque, na realidade, a própria crença é um processo de isolamento. Vós sois brâmane, e eu sou não-brâmane; vós sois cristão, e eu muçulmano, e assim por diante. Vós falais de fraternidade, e eu também falo da mesma fraternidade, de amor, de paz. Na realidade, estamos separados, desunidos. O homem que deseja a paz e deseja um mundo novo, um mundo feliz, não pode por certo isolar-se por meio de qualquer espécie de crença. Está claro isso? Pode ser apenas um enunciado verbal; mas se penetrardes a sua significação, a sua validade e a sua verdade, êle atuará.

Vemos que sempre que há um processo de desejo em ação, tem de haver o processo de isolamento por meio da crença; porque, é evidente, crêdes com o fim de vos sentirdes seguros, econômica, espiritual, e interiormente também. Não me refiro às pessoas que crêem por motivos econômicos; tais pessoas foram

criadas para viver na dependência de suas profissões, e por isso permanecerão católicos, hindús — seja o que fôr — enquanto existir êsse emprêgo para elas. Tão pouco estamos tratando das pessoas que se apegam a uma crença por conveniência. Talvez a maioria de vós, aqui presentes, estejais neste caso. Por conveniência, cremos em certas coisas. Pondo de parte essas razões econômicas, deveis entrar mais a fundo na questão. Considerai as pessoas que crêem firmemente em alguma coisa de ordem econômica, social, ou espiritual; o processo que está na base dessa crença é o desejo psicológico de segurança. Não é verdade? Há também o desejo de continuar a existir. Não estamos aqui considerando se há ou não há continuidade; estamos apenas tratando dêsse impulso, dessa fôrça constante que nos impele a crer. O homem amante da paz, o homem que deseja realmente compreender todo o processo da existência humana, não pode estar amarrado por uma crença. Significa isso que êle percebe o seu desejo ,que atua no sentido de alcançar a segurança. Por favor, não passeis para o outro lado, dizendo: "Estais pregando a não-Religião". Não é êste, absolutamente, o meu propósito. O meu propósito é fazer-vos ver que enquanto não compreendermos o processo do desejo, sob a forma de crença, haverá disputas, conflitos, há de haver sofrimento, e o homem estará contra o homem, como vemos acontecer todos os dias. Se, estando bem vigilante, percebo que aquêle processo assume a forma de crença — que é uma expressão da ânsia de segurança interior — se percebo isso, o meu problema não é mais se devo crer nisto ou naquilo, mas, sim, que devo libertar-me do desejo de estar em

segurança. Pode a mente ficar livre dêle? Êste é que é o problema ,e não o que crer ou quanto crer. Isso são simples expressões da ânsia interior de estar em segurança psicológica, de estar certo a respeito de alguma coisa, quando tôdas as coisas estão incertas no mundo.

Pode a mente, a mente consciente, pode a personalidade estar livre désse desejo de segurança? Desejamos estar em segurança, e por isso necessitamos a ajuda de nossos bens imóveis, nossa propriedade e nossa família. Desejamos estar em segurança interior e também espiritual, erguendo muralhas de crença, que denotam a nossa ânsia de certeza. Podeis vós, como indivíduo, ficar livre dêsse impulso, dessa ânsia de segurança, manifestada no desejo de crer em alguma coisa? Se não estamos livres de tudo isso, somos uma fonte de discórdia; não somos agentes da paz; não temos amor em nossos corações. A crença destrói tudo isso, como se pode observar em nossa vida cotidiana. Posso ver a mim mesmo, quando estou prêso nesse processo do desejo, manifestado no apêgo a uma crença? Pode a mente libertar-se dêle? Não deve a mente procurar um substituto para a crença, e, sim, ficar inteiramente livre dela. Não podeis responder "sim" ou "não" a esta questão; podeis dar uma resposta positiva se tendes a intenção de ficar livre da crença. Chegais então, inevitàvelmente, ao ponto em que começais a buscar o meio de vos libertardes da necessidade de segurança. Evidentemente, não há segurança interior que seja contínua — como vos é grato crer. Gostais de crer que há um Deus que cuida muito solìcitamente de vossas pequeninas coisas... a

quem deveis procurar, o que deveis fazer, e como deveis proceder. Ora, isso, evidentemente, é uma maneira infantil de pensar. Pensais que o Pai Supremo está velando por cada um de nós. Isso não passa de projeção de vosso próprio gôsto pessoal. Não é evidentemente verdadeiro. A verdade tem de ser coisa inteiramente diversa. Encontrar essa verdade que não é uma projeção de nosso gôsto, tal é o nosso propósito em tôdas estas discussões e palestras. Se sentis verdadeiro ardor, no vosso esfôrço por descobrir o que é a Verdade, deve ficar bem claro para vós que a mente mutilada ,amarrada, enredada pela crença, não pode dar um passo, sequer, para a frente.

Nosso problema seguinte é o do conhecimento. É o conhecimento necessário para a compreensão da verdade ? Quando digo "sei", isso implica conhecimento. É a mente, em tais condições, capaz de investigação e de busca da realidade? Além disso, que é isso que sabemos e que tanto nos orgulha? Que sabemos nós, de fato? O que sabemos é coisa aprendida; estamos cheios de ilustração e de experiência, baseadas em nossa condição, nossa memória e nossas capacidades. Ao dizerdes "sei", que significa isso? Tende a bondade de pensar bem a êsse respeito, não vos limiteis a ouvir as minhas palavras. A declaração de que *sabeis* representa a recognição de um dado fato ou conhecimento adquirido, ou duma experiência que tivestes. A constante acumulação de conhecimentos, a aquisição de conhecimentos de todo gênero, constitui a asserção "eu sei"; e começais a traduzir o que lêstes, em conformidade com vosso fundo, vosso desejo, vossa experiência. O conhecimento que possuís é uma coisa

na qual se verifica um processo semelhante ao processo do desejo. No lugar da crença pomos o conhecimento. "Eu sei, tive a experiência, isso não pode ser refutado, minha experiência é tal, e nela confio integralmente" — tais palavras são indicativas daquele conhecimento. Mas ao compreenderdes a sua significação, ao analisá-la, olhá-la mais inteligente e atentamente, verificareis que a própria asserção "eu sei" é mais uma muralha a separar-vos de mim. Atrás dessa muralha buscais refúgio, confôrto, segurança. Por conseguinte, quanto mais carregada de conhecimentos, tanto menos é a mente capaz de compreensão. Isso é óbvio! Positivamente, senhores, o homem que busca a paz, que busca a verdade, deve estar livre de todo e qualquer conhecimento; porque quem possui conhecimentos interpreta a seu modo tudo o que observa e experimenta. Por conseguinte, a supressão de todo conhecimento é essencial para o "experimentar" da realidade — supressão não no sentido de subjugar, reprimir.

É muito interessante observar a fôrça que essas duas coisas — conhecimento e crença — exercem em nossa vida. Observai como veneramos aquêles que possuem um saber imenso, imensa erudição! Podeis compreender o significado disso? Senhores, se desejais achar algo novo, se desejais experimentar algo que não seja uma projeção de vossa imaginação, vossa mente deve estar livre, não achais? Deve ser capaz de ver uma coisa nova. Infelizmente, tôda vez que vêdes uma coisa logo sacais de todo o vosso saber, todos os vossos conhecimentos, tôdas as vossas lembranças e, assim, evidentemente, vos tornais incapaz

de olhar, de receber qualquer coisa que seja nova, que não pertença ao passado. Tende a bondade de não interpretar isso restritamente. Se eu não soubesse o caminho para voltar a Mylapore, me perderia; se não sei operar com uma máquina, pouca utilidade tenho. Isso é coisa de todo diferente. Não é disso que estamos tratando aqui. Estamos tratando do conhecimento que utilizamos como meio de adquirir segurança, segurança psicológica e interior, como meio de sermos alguma coisa. Que obtendes com o conhecimento? A autoridade do saber, o sentimento de importância, dignidade, o sentimento de vitalidade, etc. O homem que diz "eu sei", "há...", "não há...", êsse homem, de certo, parou de pensar, desistiu de seguir o processo do desejo.

Nosso problema, portanto, tal como o vejo, é o seguinte: Estou amarrado, dominado pela crença, pelo conhecimento; é possível à mente ficar livre do ontem e das crenças adquiridas através do processo do ontem?". Compreendeis a questão? É possível a mim, como indivíduo, e a vós, como indivíduo, viver nesta sociedade e ao mesmo tempo estarmos livres das crenças em que fomos criados? É possível à mente libertar-se de todo aquêle conhecimento, de tôda aquela autoridade? Por favor, senhores, dai um pouco de atenção a êste ponto, porque eu a julgo importantíssima — se realmente sentis empenho em examinar êste problema da crença e do conhecimento. Lemos as várias escrituras, os vários livros religiosos. Êles já descreveram minuciosamente o que se deve fazer, o que se não deve fazer, como se atinge o alvo, o que é o alvo, e o que

é Deus. Todos vós o sabeis de cor e o tendes seguido. Isso é vosso conhecimento, é o que adquiristes, o que aprendestes; e continuais por êsse caminho. É claro que obtereis aquilo que desejais alcançar, aquilo que vêdes. Mas será a realidade? Não será a projeção de vosso próprio conhecimento? — Não é a realidade. É possível perceberdes isso com clareza agora — não amanhã, mas agora — e dizerdes "percebo a verdade disso" — e não mais lhe dardes atenção, de modo que vossa mente não continui tolhida por êsse processo de imaginação, de projeção, de ver a coisa como desejais que ela seja.

De modo idêntico, é a mente capaz de libertar-se da crença? Só estareis livre dela quando compreenderdes a natureza íntima das causas que vos fazem apegar-vos a ela, quando compreenderdes não apenas os motivos conscientes, mas também os motivos inconscientes que vos fazem crer. Afinal de contas, não somos apenas uma entidade superficial, a funcionar no nível consciente. Podeis descobrir as atividades mais profundas, conscientes e inconscientes, se concederdes uma oportunidade à mente inconsciente, visto que esta reage com muito mais presteza do que a mente consciente. Se escutais — como espero que estejais *escutando* — o que estou dizendo, vossa mente inconsciente deve estar reagindo. Enquanto a vossa mente consciente está pensando, escutando, observando tranqüilamente, a mente inconsciente está muito mais ativa, muito mais vigilante, muito mais receptiva; ela deve, portanto, ter uma resposta para dar. Pode a mente que foi subjugada, intimidada, forçada, compelida a

crer, pode a mente em tais condições ser livre para pensar? Pode ela ver de maneira nova e afastar o processo de isolamento existente entre vós e mim? Por favor, não digais que a crença une as pessoas. Ela não une. Isso é um fato evidente, não é? Nenhuma religião organizada o tem conseguido. Olhai-vos a vós mesmo, neste país. Estais unidos? Bem sabeis que não estais. Estais divididos em tantos pequenos partidos, tantas castas; vós conheceis as inumeráveis divisões; o mesmo acontece no Ocidente. O processo é o mesmo no mundo inteiro: cristãos destruindo cristãos, assassinando-se por causa de ninharias, transportando gente para os campos de concentração... os horrores da guerra. A crença, pois, não une as pessoas. É uma coisa evidente. Se isso está claro, se é verdadeiro e o percebeis, cumpre então compreendê-lo. A dificuldade está em que a maioria de nós não o vê, porque somos incapazes de fazer frente àquela insegurança interior, àquele sentimento de "estar só". Queremos algo em que nos apoiar, seja o Estado, seja a casta, seja o nacionalismo, seja um Mestre, um Salvador, ou qualquer coisa a que apegar-nos. Ao perceber a falsidade disso, a mente é capaz, pode ser temporàriamente, por um segundo, capaz de perceber a verdade a respeito, e quando vê que ela é excessiva, volta. Mas o perceber temporàriamente é suficiente; porque acontece então uma coisa extraordinária. O inconsciente continua funcionando, ainda que o consciente rejeite. Nesse segundo não ocorre nenhum progresso; mas êsse segundo é a única coisa, e produzirá

os seus resultados ainda que a mente consciente esteja lutando contra êle.

Nossa questão, pois, é esta: É possível a mente estar livre do conhecimento e da crença? Não é a mente constituída de conhecimento e crença? Estais entendendo bem? A estrutura da mente não é crença e conhecimento? A crença e o conhecimento são os processos do *conhecimento,* o centro da mente. O processo se fecha, o processo é consciente. Pode, pois, a mente ficar livre de sua própria estrutura? Entendeis o que quero dizer? A mente não é assim como a conhecemos. É tão fácil fazer perguntas, sem compreender. Amanhã, provàvelmente, receberei muitas perguntas, tais como "Como pode a mente ser *assim,* ou *assim?*". Por favor, não façais tais perguntas. Pensai no problema a fundo, senti-o profundamente, não aceiteis o que estou dizendo; estudai o problema que se vos depara em cada dia de vossa vida.

Pode a mente deixar de existir? Tal é o problema. A mente, tal como a conhecemos, é sustentada pela crença, ela tem desejo, impulso de segurança, conhecimento e fôrça acumulada. E se, com tôda essa fôrça e superioridade, o indivíduo não pode pensar por si mesmo, não é possível a paz neste mundo. Podeis falar a respeito, podeis organizar partidos políticos, fazer proclamações do alto das casas; mas não podeis ter paz; porque na mente se acha a própria base que cria a contradição, que isola e separa. Iremos tratando disso, à medida que formos caminhando. Agora deixai-o de parte. Ouvistes o que eu disse: deixai-o agora agitar-se, dentro em vós. Se já abandonastes o desejo, se

já o extinguistes, tanto melhor; se não, deixai aquela coisa atuar. E ela atuará, se souberdes escutar corretamente, porque há algo de interêsse vital, algo que tendes de resolver. O homem amante da paz, o homem sincero, não pode isolar-se e ao mesmo tempo falar de fraternidade e de paz. Isso é mero jôgo político ou religioso, e denota sempre interêsse de consecução, ambição. Trataremos disso mais tarde. O homem que sente real empenho a êsse respeito, que deseja descobrir, tem de fazer frente ao problema do conhecimento e da crença; tem de penetrar a sua significação, descobrir todo o processo do desejo em funcionamento, do desejo de estar em segurança, do desejo de certeza.

PERGUNTA: Tendes condenado a disciplina como meio de aperfeiçoamento, espiritual ou de outra natureza. Como se pode realizar qualquer coisa na vida, sem disciplina, ou pelo menos sem autodisciplina?

KRISHNAMURTI: Mais uma vez, escutemos. Escutemos, a fim de descobrir a verdade contida na questão. Não importa o que eu diga ou o que outro diga: *nós* temos de achar a verdade contida na questão. Em primeiro lugar, há muitos que afirmam que a disciplina é necessária, senão todo o sistema social, econômico e político, deixaria de existir; que para se fazer isto ou aquilo, para se conhecer a Deus, necessita-se disciplina. E' necessário seguir uma determinada disciplina, porque sem disciplina não se pode controlar a mente, sem disciplina nos excedemos.

Eu, porém, desejo conhecer a verdade contida na questão e não o que Sankara, Buda, Pantajali, ou

um outro qualquer disse. Desejo saber qual é a verdade a êsse respeito. Não desejo depender de nenhuma autoridade, para descobrir. Eu imporia disciplina a uma criança? Disciplino uma criança quando não tenho tempo, quando estou impaciente, irado, quando quero obrigá-la a fazer alguma coisa. Mas se ajudo a criança a compreender porque pratica más ações, não é necessária então a disciplina, não achais? Se procuro explicar, se tenho paciência, se me dou ao trabalho de compreender o problema de porque a criança está procedendo de tal ou tal maneira, então, de certo, a disciplina é desnecessária. O que é necessário é despertar a inteligência, não achais? Se fôr despertada em mim a inteligência, então, evidentemente, não praticarei certas coisas. Visto que não sabemos a maneira de despertar essa inteligência, construimos muralhas de contrôle, resistência, a que chamamos disciplina. A disciplina, pois, nada tem em comum com a inteligência: ao contrário, destrói a inteligência. Como devo então despertar a inteligência? Se compreendo que determinada maneira de pensar — pensar, por exemplo, em têrmos de nacionalismo — é um processo errôneo, se percebo tôda a sua significação, o isolamento, o sentimento de identificação com uma coisa maior, etc., se percebo tôda a significação do desejo, da atividade da mente, se verdadeiramente lhe compreendo e percebo todo o conteúdo, se minha inteligência desperta para essa compreensão, então o desejo desaparece; não preciso dizer "êste é um desejo perverso". Requer isso vigilância, atenção, exame, não achais? E porque não somos capazes de tal, dizemos que precisamos de disciplina, maneira muito infantil de se pen-

sar num problema tão complexo. Os próprios sistemas educativos estão abandonando a idéia de disciplina. Estão procurando investigar a psicologia da criança e a razão por que ela procede de tal ou tal maneira; estão-na observando, ajudando-a.

Considerai agora o processo da disciplina. Em que consiste êle? A disciplina, sem dúvida, é um processo de compulsão, de repressão, não é certo? Desejo fazer uma determinada coisa e digo: "tenho de fazê-la, porque desejo alcançar tal estado", ou "essa coisa é má". Compreendo alguma coisa quando a condeno? E quando condeno uma coisa, observo-a, examino-a? Eu não a vi. Só a mente indolente se põe a disciplinar, sem compreender a significação que isso tem; e estou convencido de que todos os preceitos religiosos foram estabelecidos para os indolentes. E' tão mais fácil seguir do que investigar, inquirir, compreender. Quanto mais disciplinada uma pessoa, tanto menos aberto o seu coração. Sabeis estas coisas tôdas, senhores? Como pode um coração vazio compreender algo que não está sob a influência da mente?

O problema da disciplina, com efeito, é muito complexo. Os partidos políticos se servem da disciplina como meio de alcançar um determinado resultado, como meio de fazer o indivíduo ajustar-se ao padrão ideal de uma sociedade futura, pela qual estamos plenamente dispostos a nos deixarmos escravizar, porque ela promete algo maravilhoso. Assim, a mente que está em busca de recompensa, de um objetivo, obriga-se a ajustar-se a êsse objetivo, que é sempre a projeção de uma mente mais engenhosa, uma mente superior, uma mente mais astuciosa. A mente discipli-

nada nunca é capaz de compreender o que significa "estar em paz". Como pode a mente que está cercada de regras e restrições enxergar qualquer coisa que está além?

Se examinardes êsse processo de disciplina, vereis que o desejo é que o sustenta, o desejo de ser forte, o desejo de alcançar um resultado, o desejo de tornar-se algo, o desejo de ser poderoso, de se tornar "mais" e não "menos". Êsse impulso do desejo está sempre ativo, impelindo ao conformismo, à disciplina, à repressão, ao isolamento. Podeis reprimir, podeis disciplinar. Mas o consciente não pode controlar e moldar a mente inconsciente. Se procurais moldar a vossa mente consciente, isso é o que se chama disciplina. Não é verdade? Quanto mais reprimis, quanto mais amordaçais a vossa mente, tanto mais se revolta o inconsciente, e no fim a mente ou se torna neurótica ou extravagante.

Por conseguinte, o que tem importância, nesta questão, não é se eu condeno a disciplina ou se vós a aprovais; vejamos como se desperta a inteligência integral, não a inteligência dividida em compartimentos, mas a inteligência "integrada", a qual traz sua compreensão própria e evita, por conseguinte, certas coisas, naturalmente, automàticamente, livremente. A inteligência é que guiará, e não a disciplina. Senhor, esta é uma questão realmente importantíssima e muito complexa. Se deveras desejamos investigá-la, se observarmos a nós mesmos e compreendermos todo o processo da disciplina, veremos que não somos verdadeiramente disciplinados, em absoluto. Sois disciplinados, em vossas vidas? Ou estais apenas reprimindo as vos-

sas ânsias, resistindo às várias formas de tentação? Se resistis por meio da disciplina, aquelas tentações e ânsias continuarão a existir. Não ficam elas profundamente ocultas, aguardando apenas uma brecha por onde sairem impetuosamente? Não tendes notado como, à medida que ides ficando mais velho, voltam a manifestar-se os sentimentos outrora reprimidos? Não podeis usar de artifícios com o vosso inconsciente; êle vos dará o trôco multiplicado por mil.

Eu vos asseguro que a disciplina não vos levará a parte alguma; pelo contrário, ela é um processo cego, privado de inteligência e de pensamento. Mas despertar a inteligência constitui um problema de todo diferente. Não se pode cultivar a inteligência. A inteligência, uma vez desperta, traz consigo sua própria maneira de operar; ela regula a sua própria vida, observa várias formas de tentações, inclinações, reações, e as investiga; compreende, não superficialmente, porém, de maneira integral, completa. Para tal, precisa a mente estar sempre atenta, sempre vigilante. Não é verdade? Certo, para a mente que deseja compreender, as restrições por ela própria impostas a si mesma são de mui pouca valia. Para compreender, é mister liberdade; essa liberdade não vem por meio de compulsão de espécie alguma; e a liberdade não está no fim, e sim no começo. Nosso problema é o de despertar a inteligência "integrada", e isso só pode realizar-se quando somos capazes de compreender o todo.

Êste complexo problema do desejo expressa-se por meio da disciplina, do conformismo, da repressão, da crença, do saber. Logo que percebermos a vasta estru-

tura do desejo, começaremos a compreendê-lo. Começará então a mente a ver-se a si mesma e a ser capaz de receber algo que não é projeção dela própria.

6 de janeiro de 1952.

III

NAS duas últimas vêzes que estivemos aqui reunidos, tentei descobrir a ação que não é isolada, fragmentada, a ação que não está limitada por idéia. Reputo muito importante investigar esta questão com certo cuidado, porquanto sinto que, sem compreendermos todo o processo da ideação, a simples ação tem muito pouco significado. O conflito entre a idéia e a ação ir-se-á dilatando continuamente e não é possível lançar uma ponte sôbre êle. Assim, para verificar qual é a ação que não é fragmentada, fracionada, isolada, porém, integral, cumpre-nos investigar todo o processo do desejo. O desejo não é uma coisa que possamos aniquilar, subjugar ou torcer. Como tenho explicado, por mais vontade que tenhamos de abandonar o desejo, tal nunca será possível, porque o desejo é um processo constante, tanto do consciente como do inconsciente, e ainda que logremos controlar temporàriamente o desejo consciente, é dificílimo subjugar ou controlar o inconsciente. Sinto que de qualquer ação isolada haveria de resultar a

confusão e o caos; e parece-me, igualmente, que os mais de nós vivemos ocupados com tais ações. Os entendidos e os especialistas separam a ação e a idéia; isso êles têm feito em diferentes níveis, em diferentes padrões, e nos têm dito como devemos agir. Existem, como sabeis, os economistas, os políticos, as pessoas religiosas, etc.; deram-nos êles a ver apenas fragmentos da vida. Parece-me que os que sentem ardente interêsse em compreender êsse processo da ação que não é isolada, fragmentada, ou parcelada, devem precaver-se. Tal só é possível se compreendermos, na sua inteireza, o processo do desejo. Foi disso, mais ou menos, que tratamos sábado e domingo passados.

Compreender o desejo não significa condená-lo. Uma vez que os mais de nós estamos condicionados, que temos idéias e opiniões fixas com relação ao desejo, é-nos quase impossível seguir o movimento do desejo, sem o condenarmos, sem formar opiniões. Se desejo compreender qualquer coisa, preciso observá-la sem nenhum processo que implique atitude condenatória. Não é isso que devo fazer? Se desejo compreender-vos e se vós desejais compreender-me, não devemos julgar-nos, não devemos condenar-nos; precisamos estar abertos e receptivos para todo o significado das palavras que cada um de nós profere, para a expressão de nossos rostos; devemos estar completamente receptivos e de espírito aberto. Tal não é possível quando há condenação. E' possível haver ação sem idéia? Para a maioria de nós, as idéias vêm primeiramente e a ação depois. As idéias são sempre fragmentárias, sempre isoladas; e qualquer ação baseada em idéia há de ser fragmentária, isolada. E' possível haver ação que não seja

fragmentária, ação total, integral? Parece-me que tal ação é a nossa única redenção possível. Tôdas as outras ações hão de fatalmente deixar mais confusão e mais conflito. Como então encontrar a ação que não esteja baseada em idéia?

Que se entende por idéia ? A idéia, por certo, é o processo de pensamento. Não é verdade ? A idéia é um processo de mentalização, um processo de pensamento; e pensar é sempre uma reação, quer do consciente, quer do inconsciente. Pensar é um processo de verbalização, o qual é resultado da memória; pensar é um processo de tempo. Assim, quando a ação se baseia no processo do pensar, tal ação, inevitàvelmente, será condicionada, isolada. Idéia tem de opor-se a idéia, idéia tem de ser dominada por idéia. Há sempre um vazio entre a ação e a idéia. O que estamos tentando averiguar é se é possível a ação existir sem idéia. Vemos como a idéia separa as pessoas. Como já tive ocasião de explicar, o saber e a crença são, essencialmente, qualidades separativas. As crenças nunca unem as pessoas; sempre separam as pessoas; quando a ação está baseada em crença, ou em idéia, ou em ideal, tal ação não pode deixar de ser isolada, fragmentária. Será possível agir sem o processo do pensamento, — sendo o pensamento um processo de tempo, um processo de cálculo, um processo de auto-proteção, um processo de crença, negação, condenação, justificação ? Certamente, já vos terá ocorrido pensar, como a mim tem ocorrido, sôbre se é possível a ação sem idéia. Percebo, tão bem como vós, que quando tenho uma idéia e baseio a minha ação nessa idéia, ela cria necessàriamente oposição; idéia tem de enfrentar idéia e há de criar, inevitàvelmente, repres-

são, oposição. Não sei se me estou fazendo claro. Se fôrdes capazes de compreendê-lo, não com a mente nem com o sentimento, no íntimo, creio que teremos transcendido tôdas as nossas dificuldades. Nossas dificuldades se referem a idéias, e não à ação. Não é o que devemos fazer — pois isso é mera idéia — que é importante, mas sim o agir. Será possível a ação sem o processo de cálculo, que é resultado da auto-proteção, da memória, das relações pessoais, individuais, coletivas, etc? Afirmo que é possível. Podeis experimentá-lo aqui. Se pudermos acompanhar, sem condenação, todo o processo do desejo, vereis então que é inevitável a ação sem idéia. Isso, sem dúvida, requer uma extraordinária vigilância por parte da mente; pois todo o nosso condicionamento leva-nos a condenar, justificar, classificar em várias categorias — sendo tudo isso um processo de cálculo, de mentalização. Para a maioria de nós, a idéia e a ação são duas coisas diferentes. Há primeiro a idéia, a ação vem depois. Nossa dificuldade consiste em unir a ação à idéia. Consideremos a questão de maneira diferente.

Sabemos que a avidez, sob qualquer forma, é sempre destrutiva. A inveja conduz à ambição — política, religiosa, coletiva, ou individual. Qualquer espécie de ambição, se lhe prestamos atenção, é limitada e destrutiva. Todos nós sabemos disso; não precisamos que no-lo digam; não precisamos pensar muito a respeito. A ambição produz a inveja. A ambição é resultado do desejo de poder e de posição, de progresso individual, político e religioso — politicamente em nome de uma idéia do futuro ou do presente, e espiritualmente em nome de algo igualmente bom ou igualmente mau. Co-

nhecemos bem estas ambições — ser alguém, dominar pessoas em nome da paz, em nome do Mestre, em nome do que só Deus sabe. Onde há ambição tem de haver exploração, homem contra homem, nação contra nação; e as próprias pessoas que bradam "paz" são justamente as que estão fazendo coisas altamente destrutivas, talvez para si mesmas, e para suas nações ou para sua idéia. Êsses indivíduos não trazem a paz. Falam muito de paz, mas não têm a paz no coração. Tais pessoas, òbviamente, não podem trazer ao mundo a paz ou a felicidade; só hão de trazer luta, discórdia, e guerra.

A ambição é o resultado da cupidez, da inveja, do desejo de poder. Tôda ela está baseada numa idéia. Não é assim? A idéia nada mais é do que reação. Ela o é, neurològicamente, psicològicamente, ou fìsicamente. A ambição é uma idéia de ser algo, polìticamente, religiosamente; "quero tornar-me uma pessoa importante e quero trabalhar para o futuro". Que reflete isso ? Conhecemos também a ambição política, em nome da pátria, etc. Tudo isso está baseado numa idéia. E' uma idéia, um conceito, uma formulação daquilo que eu serei ou do que será o meu partido. Tendo estabelecido a idéia, levo então avante a idéia na ação. Em primeiro lugar, moralmente, uma pessoa ambiciosa é imoral. E' um fator de discórdia; e, entretanto, todos nós estimulamos a ambição. Que mais podemos fazer? Arriscamo-nos a nada realizar. Considerando-a bem, vereis que a ambição é uma idéia, o cultivo de uma idéia em ação; "vou ser alguma coisa" — o que implica exploração, crueldade, horrenda brutalidade, etc. Afinal de contas, o "eu" é uma idéia que não tem

realidade. E' um processo de tempo. E' um processo de memória, reconhecimento, e tudo isso, na essência, não passa de idéias.

Pode a ambição ser abandonada completamente, quando percebo que a ação, se baseada numa idéia, há de, no fim, gerar ódio, inveja? Posso abandonar a ambição completamente, e, por conseguinte, agir sem o processo da idéia ? Vou expressá-lo de maneira mais simples. Se somos ambiciosos, é possível abandonarmos por completo a ambição, políticamente, religiosamente? Só então sou um centro de paz. Mas não é fácil abandonar de todo a ambição, com tudo o que ela significa — confusão, brutalidade — com tudo o que decorre do desejo de poder e de condenação. Só posso abandoná-la completamente quando não mais cultivo a idéia que é o "eu"; não há então mais problema algum sôbre como não devo ser ambicioso, como livrar-me da ambição. Não é êste o nosso problema. Somos todos gananciosos, todos invejosos; vós tendes mais e eu tenho menos; tendes mais poder e eu quero ter êsse poder, espiritual ou secularmente. Porque estou nas malhas da ambição, meu problema é como libertar-me dela, como abandoná-la. Introduzimos, assim, o problema do "como"? Isso é apenas um adiamento da ação. Se percebo que a ação baseada em idéia ocasiona adiamento, percebo então a necessidade da ação sem ideação. Não sei se me estou fazendo claro. A ambição não é destrutiva? As nações ambiciosas, os indivíduos que andam à cata do poder, ou as pessoas imensamente convencidas de sua própria importância, constituem verdadeiros perigos; sabeis quantos males causam a si próprios e aos que os rodeiam. Como livrar-nos dessas

coisas, não superficialmente, mas profundamente, tanto no consciente como no inconsciente ?

A idéia levada à ação produz ação negativa (*non-action*). A ação não baseada em idéia será imediata, não amanhã. Se sou capaz de perceber sem ideação tôda a brutalidade, todo o significado da ambição, há ação imediata. Já não interessa mais saber como não devo ser ambicioso. Se desejamos ação que não seja separada, que não seja fragmentária, que não seja isolada, precisamos pensar bem nesta questão. Não tendes visto homem contra homem, nação contra nação, uma seita contra outra, um grupo comunal contra outro, um dogma contra outro, um Mestre contra outro ? Conheceis tôda a gama da brutalidade. Depois de conhecida, de percebida como um fato, pode a ambição ser abandonada ? Estamos cônscios de que há dominação espiritual, econômica e política; e temos notado os seus resultados — que são constantes guerras, fome, fragmentação do homem, etc. Sabemos que qualquer ação, sem compreensão do processo integral da ideação e do curso das idéias, só há de gerar mais antagonismo.

Assim, um homem que seja sincero, que seja realmente pacífico, não apenas pollticamente pacífico, não pode contaminar êsse problema por meio de idéia; porque idéia é adiamento, idéia é coisa fragmentária, e não inteligência integrada. O pensamento há de ser sempre limitado pelo pensador, que é condicionado; o pensador é sempre condicionado e nunca livre; se ocorre pensamento, imediatamente ocorre idéia. A idéia, visando à ação, criará infalìvelmente mais confusão. Sabendo tudo isso, é possível agir sem idéia? E', pelo caminho do amor. O amor não é idéia; não é sensa-

ção; não é memória; não é sentimento de procrastinação, recurso de autoproteção. Só conhecemos o caminho do amor, quando compreendemos todo o processo da idéia. Pois bem; é possível abandonar os outros caminhos e seguir o caminho do amor, que é a única redenção possível? Nenhum outro caminho, político ou religioso, nos levará à solução do problema. Isso não é uma teoria sôbre a qual deveis refletir e que deveis adotar na vida; tem de ser uma realidade; e só pode ser uma realidade ao perceberdes e compreenderdes que a ambição é destrutiva e que, por conseguinte, deve ser afastada de vós.

Nunca experimentamos aquêle caminho do amor. Temos experimentado todos os outros caminhos. Não vos deixeis embalar pela palavra amor. O amor não é processo de pensamento. Vossa reação imediata é Que é amor? — Posso conhecê-lo? — Como viver de acôrdo com êle?" — Qual é o caminho do amor que existe separado do processo de pensamento e da idéia? Quando amais, há idéia? Não aceiteis isso que estou dizendo; olhai-o, examinai-o, penetrai-o profundamente; porque já experimentamos todos os outros caminhos e não encontramos solução para o sofrimento. Os políticos poderão prometê-la; as chamadas organizações religiosas poderão prometer a felicidade futura; mas nós não a temos agora, e o futuro é relativamente sem importância quando tenho fome. Já experimentamos todos os outros caminhos; e só conheceremos o caminho do amor se conhecermos o caminho da idéia e abandonarmos a idéia, o que significa agir. Poderá parecer absurdo ou insensato à maioria de vós ouvir dizer que a ação pode existir sem a idéia; mas se o penetrardes um

pouco mais profundamente, em vez de o afastardes para o lado, dizendo-o insensato, se o penetrardes profundamente, com tôda a seriedade, vereis que a idéia nunca pode tomar o lugar da ação. A ação é sempre imediata. Vêdes algo, como a ambição ou a ganância; não há nenhum "como": *como* livrar-me ? é possível ? — Pensai bem nesta questão. Podemos discutir a respeito. Vereis que o amor é o único remédio, que êle é a nossa única redenção, em que é possível o homem viver em paz com o homem, com felicidade, sem exploração, sem dominação, sem que uma pessoa se torne mais importante e superior, por obra da ambição, da astúcia. Não conhecemos aquêle caminho. Ponhamo-nos bem cônscios de tudo isso. Ao reconhecermos plenamente o significado da ação baseada em idéia, êsse próprio reconhecimento é agir e afastar-se dela — eis o caminho do amor.

PERGUNTA: Dizem-nos que a Índia está a desintegrar-se ràpidamente. Partilhais êsse sentimento ?

KRISHNAMURTI: Que pensais vós? Que entendeis por desintegração? Por certo, uma nação, um indivíduo está-se desintegrando quando é corrupto, quando está prêso à tradição, quando não é independente no seu pensar, quando não está livre do ambiente, de modo que êle, como indivíduo, não pode olhar, pensar e ver com clareza. Evidentemente, quando um indivíduo explora outro, com sua astúcia, com sua instrução superior, êsse indivíduo, por certo, é um fator de desintegração. Não é verdade? E não estamos todos nós nesta mesma posição? Não estamos imitando,

seguindo, explicando, cheios de mêdo, prêsos à tradição dos pensamentos alheios ? Somos capazes de pensar por nós mesmos, sem a imposição de idéias de outros? Não indica tudo isso o processo da desintegração ? Quando venerais alguém, por maior que seja a pessoa, não é isso um processo de desintegração ? Quando galgais a escada da ambição, isso não é desintegração? O objetivo visado poderá ser política ou econômicamente satisfatório; mas isso também não é desintegração ? Não é desintegração, quando estais espiritualmente sob a influência de alguém, um mensageiro especial? Quando estais edificando para o futuro, para amanhã, ou para o futuro da vossa própria existência, para a vida futura, etc., isso não é desintegração? Estais sempre vivendo no futuro, sacrificando a muitos por causa de uma idéia. Tudo isso, por certo, é indício de desintegração, não achais? Isso não existe só aqui, na Índia; está ocorrendo no mundo inteiro. Porque fazemos isso, sempre e sempre? E' muito difícil descobrir o "porque".

Todos nós desejamos estar seguros, econômica e psicològicamente. Nossas insignificantes pessoas são tão estreitas e limitadas, que desejamos estar em segurança. Por essa razão veneramos a autoridade. Enquanto buscamos a segurança interior, tem de haver desintegração. A segurança exterior é necessária. Preciso ter garantida minha próxima refeição, meu teto, meu vestuário; mas essa segurança se torna impossível se cada um de nós busca a segurança interior, seja por meio da propriedade, ou da nação, ou dos desejos de atingir o mais alto degrau da escada. Isto é, enquanto ando em busca do progresso pessoal, sob qualquer forma, o que é uma indicação do desejo de segurança

interior, tem de haver desintegração, porque estou em luta com meu semelhante.

Vós escutais tudo isso, e qual é a vossa ação? Não pergunto qual é vossa idéia, ou vossa opinião, porque qualquer um pode ter uma opinião; pergunto qual é a vossa ação. Se dizeis: "como deixar de ser ambicioso ? Como renunciar à auto-proteção ?", então a pergunta que vos faço é apenas uma idéia, mera troca de pensamentos, de opiniões. Mas se ela é genuína, se constitui um desafio a que deveis corresponder com a ação, que fareis? Isto é, vós sois de fato um fator de desintegração: não importa a que sociedade pertençais — hindú, russa, americana, inglêsa — sereis, sem dúvida, um fator de destruição e desintegração, enquanto cultivardes conscientemente a segurança interior ou exterior. Qual é a vossa ação? A ação, por certo, é a única resposta que podeis dar, e não o dizer: "Pensarei nisso; como devo proceder?" — o que é, antes, resposta a uma idéia. Mas o homem que percebe, age logo; e êsse homem conhecerá o caminho do amor; para mim é êle o agente regenerador, no mundo da corrupção. Não requer isso muita coragem, muita inteligência, que são simples fatôres da mente astuciosa, requer perspectiva, perspectiva direta do que é. O homem que vê com lucidez, inevitàvelmente agirá. Não queremos ver, e aí é que está o nosso mal. Conhecemos muito bem esta corrupção, esta desintegração: e não podemos agir, porque estamos enredados na ideação, nas idéias, no pensamento de "como" e "que". O homem que enxerga a corrupção e está bem cônscio dela, sem o anteparo da idéia, agirá; e êsse homem conhece o caminho do amor.

PERGUNTA: Quando a mente deixa de reconhecer, não entra num estado de inatividade? Que funciona então?

KRISHNAMURTI: Para responder de maneira completa a esta pergunta, precisais compreender o que já foi dito antes. Eu disse que o processo da mente é reconhecimento. O pensamento, a experiência, o centro do "eu", é reconhecimento. Sem reconhecimento, sem conhecimento não há processo de pensamento. Se tenho uma experiência, devo ser capaz de reconhecer, seja verbalmente, seja sem verbalização. Devo saber que tive uma experiência; isto é, devo reconhecer a experiência como aprazível, dolorosa, etc. Tenho de dar-lhe um nome. Há o centro do reconhecimento, que é o "eu" — não "eu superior" nem "eu inferior", o "eu" é só um; nem superior nem inferior — isso é invenção da mente engenhosa. Êsse centro de reconhecimento, pois, é o "eu"; e pode, sem reconhecimento, existir a mente, pode existir o centro, o "eu"? Não pode, é claro.

Pergunta o interrogante qual é — se não existir reconhecimento, se não existir o centro — qual é o estado de atividade da mente. Qual a atividade nela existente? Que acontece então? Explanei bem a pergunta? Ora, porque desejais saber? Não há meio de fazer-vos reentrar em vós mesmos. Desejais saber, a fim de reconhecer, não é verdade? Reconhecer, por meio da minha experiência. Desejais que eu vo-la exponha verbalmente, para poderdes saber que eu a tive, a fim de que possais reconhecer a vossa experiência como correspondente à minha. Esta pergunta representa uma continuação do processo do "eu". Minha

experiência é a mesma que a vossa? Fazeis a pergunta, a fim de vos sentirdes seguro no reconhecimento. Por favor, vêde como funciona a vossa mente. O que vos interessa não é o que acontece quando não existe o processo do reconhecimento; o que desejais é uma garantia da minha parte de que a vossa experiência é a mesma que a minha: o que significa que desejais reconhecer a vossa experiência em relação à minha. Vossa pergunta, pois, não tem resposta, é uma pergunta errada.

Expressemo-nos de maneira diferente .Só conhecemos a experiência por meio de reconhecimento. E cada reconhecimento fortalece a mente, o "eu", realça, reforça a segurança do "eu". Cada experiência é reconhecida, e não podeis ter experiência sem dizer: "Sim, sei de que se trata". — Vossa experiência, pois, é apenas uma projeção de vosso próprio pensamento. Escutai, sem vos fazerdes sutil e sagaz. Observai simplesmente. Isso, psicològicamente, é um fato; desejo ver o Mestre e vejo-o, "experimento". Mas essa experiência nada tem a ver com a realidade: é meu desejo projetado e reconhecido, fortalecendo a experiência, o reconhecimento; e digo então: "creio, sei". Por conseguinte, se me apoio em minha experiência para ver o que é a verdade, o que tenho é uma projeção de mim mesmo, de como eu desejaria que a verdade fôsse. E é possível, o centro, o "eu", não ter reconhecimento, não ajudar a experiência como reconhecimento? Experimentai-o. Procurai ver se vossa mente pode estar completamente tranqüila, sem reconhecimento, sem reconhecer as coisas; quando isso acontece, acha-se a mente num estado de tranqüilidade.

Pouco depois, deseja ela prolongar êsse estado, com o que reduz a experiência à esfera da memória e fortalece o processo de pensamento, de reconhecimento, que é o centro do "eu"; por conseguinte, não há possibilidade de experimentar nada de novo; o reconhecimento persiste; há o desejo de nos apegarmos à experiência ocorrida há anos, de continuá-la. Pode a mente estar tranqüila, prescindindo de tudo isso? Isto é, pode a mente estar tranqüila sem verbalização, que é processo de pensamento? Se a mente está tranqüila, dessa maneira, as atividades que se seguem não podem ser medidas, não podem ser verbalizadas, não podem ser reconhecidas.

Deus, a verdade, não é reconhecível. Por conseguinte, para se conhecer a verdade, cumpre compreender e abandonar todo o conhecimento, abandonar tôdas as crenças; porque, quando a mente não se acha em estado de conhecimento, quando cessou o reconhecimento, a verdade pode surgir e manifestar-se.

PERGUNTA: Se eu próprio sou incapaz de achar a verdade, como posso impedir que meu filho seja vítima de meu condicionamento?

KRISHNAMURTI: De que modo começaríeis? Sabendo que um pai está condicionado, que está cheio de preconceitos, ambições, absurdos, asserções, mundanismo, crenças, tradições, opiniões recebidas dos mais velhos, o que a sociedade dirá, o que não dirá, etc — sabendo-se tudo isso, como ajudaríeis a criança a ser um ente humano livre e integrado? Êste é o problema, não é verdade: Como vos aplicaríeis a êle? Seria precisa uma hora inteira para dar a resposta, uma vez

que se trata de como educar a criança. Que estamos fazendo por nossos filhos? Apenas procurando ajustá-los ao presente estado da sociedade, ajudá-los a passar nos exames ! Não temos a mínima idéia do que deve ser o nosso filho; queremos ajudá-lo a compreender aquilo que nós não compreendemos. Se sou cego, posso guiar-vos ao outro lado da estrada ? Sendo cego, não reconheço que sou cego. Não estou cônscio de minha cegueira. Digo "sim, estou condicionado, é fato. Mas desejo ajudar o meu filho". Mas, se estou cônscio de que estou profunda e fundamentalmente condicionado, de que tenho problemas, preconceitos ambições, superstições, crenças, se estou bem cônscio disso, se tenho pleno conhecimento disso, que acontece então ? Minha ação para com meu filho será diferente. Se sei que estou envenenado, religiosamente envenenado, permitirei ao meu filho aproximar-se de mim? Argumentarei com êle, demonstrar-lhe-ei porque não deve chegar-se a mim; o que significa que preciso amar o meu filho. Mas nós não amamos os nossos filhos. Não temos amor em nossos corações pelas crianças; se o tivéssemos, evitaríamos as guerras; evitaríamos tôda essa fragmentação dos sêres humanos em classes, nacionalidades... inglês, hindu, brâmane, não-brâmane, preto e branco, púrpura e azul. Se estou, pois, condicionado, e não estou cônscio do meu condicionamento, não posso ajudar a outrem. Mas reconhecer que estou condicionado significa libertar-me do condicionamento. Não é dizer: "Estou condicionado, como posso ficar livre do condicionamento?" — pois isso é simples idéia, que me ajuda a adiar a ação. Se estou cônscio, se sei que estou condicionado, devo então agir logo e ajudar

a criança. E' deveras importantíssimo compreender esta questão ,e não a questão de como dirigir a criança, de como ajudá-la.

Cumpre-nos compreender todo o problema da idéia e da ação. Sempre pusemos a idéia antes e a ação depois. Tôda a nossa literatura —religiosa, política, econômica — baseia-se na idéia. Nosso saber se resume nisso. A mente que está cheia de saber e de idéias nunca poderá agir. Conseqüentemente, a crença e o saber são empecilhos à ação. Estas palavras poderão parecer contraditórias e absurdas, mas se as examinardes bem, percebereis a razão em que se fundam. O que mais importa, nestas perguntas e palestras, não é encontrar o cultivo de idéias, ou trocar opiniões sôbre dogmas e crenças, mas, sim, ser livre para agir, sem que a ação se constitua um fator de isolamento. A ação será sempre fator de isolamento, enquanto se basear no conhecimento e na crença, que é idéia, que é processo de pensamento. Quando tendes um problema, como o da ambição, não podeis ter uma idéia a respeito; só podeis agir, com relação a êle. De modo idêntico, quando sei que estou condicionado, o mero processo de pensamento a êsse respeito é adiamento da compreensão dêsse condicionamento. Asseguro-vos que êsse problema só deixa de existir para o homem que sente ardente interêsse, o homem cuja função é a paz, cujo intento é achar o amor, o caminho do amor, porque não o interessa a idéia, mas só a ação que não é isolada.

12 de janeiro de 1952.

IV

TENHO diligenciado descobrir a solução do problema da consciência. E' de muita importância discorrermos sôbre o que é a individualidade ou o problema da consciência. Como indivíduos, procuramos ajustar-nos ao padrão da comunidade, ao coletivo, ao totalitário. Antes de podermos tratar o assunto de maneira adequada, é necessário compreendermos tôda a questão da individualidade.

Que é o indivíduo ? Eis um problema sôbre o qual deveríamos falar constantemente e sensatamente, sem opor barreiras e sem nos aferrarmos a conclusões e comparações. Se puderdes escutar o que vou dizer, sem levantar as barreiras de vossas próprias conclusões, que podem ser verdadeiras ou não, das coisas que aprendestes, sob a influência do ambiente ou a leitura dos livros, então, talvez estejais aptos a cooperar eficazmente comigo e uns com os outros, sem dominação, sem a total aniquilação do indivíduo por meio da legislação, da compulsão, dos campos de concen-

tração, etc. etc. Não sei se percebeis a importância desta questão. Se não a sentis, sugiro-vos que o tenteis ,porque se trata realmente de um problema vital. Sendo uma questão difícil, devemos estar em condições de discorrer sôbre ela como amigos, e não como antagonistas, em campos opostos, vós com vossas opiniões e eu, talvez, com as minhas. Não vos estou apresentando uma opinião; não estou expondo uma crença, uma fórmula, uma concepção, porquanto não costumo entreter-me com esta forma de estultícia; porque, para, mim, é tolice, se sou incapaz de compreender *o que é,* querer conhecer *o que é.*

Não devemos especular a respeito do *que é.* Espero que percebais a diferença entre especular sôbre *o que é* e compreender *o que é.* As duas coisas são sem dúvida inteiramente diversas. A maioria de nós só sabe especular, nutrir crenças, tirar conclusões a respeito do *que é;* e com essas conclusões, fórmulas, etc., pomo-nos a considerar a questão do indivíduo. Falharemos, inevitàvelmente, se assim nos abeirarmos dela. Se, entretanto, pudermos olhá-la sem formulação, olhá-la, simplesmente, então talvez nos seja possível compreender o significado dos problemas da individualidade e, quiçá, ultrapassar isso a que chamamos indivíduo. Significa isso compreender integralmente a questão do consciente e do inconsciente, compreender não apenas a estéril consciência superficial da mente, da mente ativa, mas também o inconsciente, o oculto.

Que é o indivíduo ? Que é o "eu" ? Devemos examinar o que pensamos que êle é e o que esperamos que êle seja, isto é, olhar a nós mesmos, sem especulação, se possível. Se dizeis coisas, tais como "Sou

o mais alto representante de Deus", isso é mera especulação. Temos de pôr de parte tais especulações. Isso é bem óbvio, não achais? Tais coisas não passam de palavras que aprendestes, que a sociedade vos impôs, de uma ou de outra maneira. Pollticamente, se pertenceis à extrema esquerda, poderíeis dizer que não precisais incomodar-vos com coisa alguma, basta deixar que opere a influência do ambiente. Se tendes inclinação religiosa, possuis vossa fraseologia própria: sois *isto,* sois *aquilo,* há algo que se manifesta em vós, etc. Estais bem a par dessa coisa de "eu superior", e "eu inferior". Com tal base, evidentemente, não podeis examinar o problema, não é verdade? Só podeis olhar *o que é* observando minuciosamente todo o processo do indivíduo, o que é o indivíduo, etc. Podeis dizer-me o que sois? Tende em mente o que estamos discutindo, e com que fim. Compreender o problema do consciente e examiná-lo, se possível, não especulativamente, não teòricamente, mas ultrapassando os limites da estreita esfera que se chama o indivíduo — eis o que estamos tentando fazer. Que é indivíduo, que sois vós de fato? Evidentemente, certas reações fisiológicas, reações corporais e reações psicológicas da memória, do tempo, compõem o indivíduo. Somos um composto de esperanças frustradas, de depressões, com uma ou outra alegria ocasional, um composto em que está presente o "eu", o "eu" com todos os seus temores, esperanças, degradações, lembranças. Somos um repositório de tradições, de saber, de crença, daquilo que gostaríamos de ser, e do desejo de certeza, de continuidade com um nome e uma forma. E' isso, de fato, o que somos. Somos o resultado de nosso pai e nossa mãe, das in-

fluências ambientes, climáticas e psicològicas. Isso é *o que é*. Afora isso, nada sabemos. Só podemos especular; só podemos asseverar; só podemos dizer que somos a alma, imortal, imperecível; mas isso não tem realidade alguma. E' apenas um processo *do que é*, traduzido em têrmos de segurança.

A consciência, tal como a conhecemos, é um processo de tempo. Quando estais conscientes? Quando há reação, agradável ou desagradável. De outro modo, não estais conscientes. Quando há temor, estais conscientes. Quando há frustração, ficais cônscios de que fôstes frustrados. Quando há alegria, estais cônscios dela. Quando a consciência entra em ação, quando o desejo é contrariado, frustrado, ou quando encontra preenchimento, estais igualmente cônscios. Assim, o que sabemos é que a consciência é um processo de tempo, confinado, limitado, restrito ao processo do pensamento. Isso, por certo, é o que está realmente ocorrendo em cada um de nós, não é verdade? Êsse processo pode ser elevado a um alto grau ou rebaixado a um grau ínfimo; mas é isso o que de fato se passa.

A consciência é um processo de tempo em ação. Desejo fazer certa coisa e quando posso fazê-la sem estôrvo, sem luta, sem sentimento de frustração, não preciso esfôrço. No momento em que se requer esfôrço, a consciência, como "eu", se manifesta. Espero que me estejais seguindo.

O indivíduo é produto do tempo, é memória, consciência, o "eu", restringido a uma dada forma ou nome. O "eu" tanto se refere à mente consciente, em funcionamento, como ao inconsciente. Todos temos mêdo da morte, temos mêdo de inúmeras coisas. Tendes vários

níveis de frustrações e esperanças, conforme vossa educação, conforme a influência ambiente; e vários níveis de depressão, decorrentes tanto de condições fisiológicas como de condições psicológicas. Somos tudo isso; somos um feixe de tudo isso. Só estamos conscientes, quando o movimento da consciência esbarra num obstáculo. Só tendes consciência de vós mesmos quando sois impedido. Tendes consciência de vós mesmos em outra circunstância? Só estais cônscio de vós mesmos no preencher, no realizar, no alcançar, no vir-a-ser. Em outras circunstâncias, não estais cônscios, não é verdade? E enquanto houver êsse processo de tempo há de haver temor.

Que é o temor? O temor está sempre em relação com alguma coisa. Não é exato? O temor não existe por si mesmo. O temor da morte, do não ser, de não chegar, de não ser eleito, de não alcançar, de não ser bem sucedido, etc. Há temor em diferentes níveis. Há o temor da insegurança econômica e mental. Enquanto houver temor, haverá luta; haverá batalha; haverá constante atrito entre o ser e o não ser, não só no nível consciente, mas também no nível oculto. Nessas condições, porque temos mêdo — que é o estado da maioria de nós — procuramos fugir dêsse estado; e temos numerosas maneiras de fugir.

Segui-me atentamente, observando ao mesmo tempo a vós mesmos. Dêsse modo, poderemos ir mais longe e descobrir muito mais do que no nível verbal. Deveis mirar-vos, enquanto falo, no espêlho das minhas palavras. Se parais no nível verbal, não tereis a possibilidade de ir mais longe; só podeis ir mais longe se

relacionardes a vós mesmos o que estou dizendo. Não estou dizendo algo que tenhais de examinar e analisar. Estou dizendo o que está sucedendo realmente.

Todos nós temos mêdo. Desejamos segurança. Quereis estar com vosso marido, eu com minha espôsa, meu vizinho, minha sociedade, Deus, etc. Há inumeráveis formas de desejo. Não resolvemos o problema do temor. O que fazemos é fugir dêle por várias maneiras. Se somos o que se chama educado, civilizado, nossas fugas são civilizadas. Por vêzes, essas fugas assumem a forma de superstição.

Pois bem, é possível transcender o temor? Sei que tenho mêdo; também sabeis que tendes mêdo — pode ser que o não tenhais exteriormente, mas o tendes interiormente. Que é êsse temor? Evidentemente, êle só pode existir em relação com alguma coisa. Tenho mêdo da morte; tenho mêdo porque não sei o que vai acontecer. Tenho mêdo de perder o meu emprêgo; tenho mêdo de meu próximo, mêdo de minha mulher; tenho mêdo de ter um desejo; tenho mêdo de não alcançar a altura espiritual que se espera de mim, etc. Que é êsse *mim?* E' temor, é a consciência em ação, desejo de ser alguma coisa ou de não ser alguma coisa. O temor encontra várias vias de fuga. A variedade comum é a identificação. Não é verdade? Identificação com a nação, com a sociedade, com uma idéia. Já notastes como reagis ao ver passar uma procissão ou um desfile militar, ou quando a pátria está em perigo de ser invadida? Vós vos identificais, então, com a nação, com a crença, com uma ideologia. Noutras ocasiões vos identificais com vosso filho, vossa espôsa,

com uma determinada forma de ação ou de inação. A identificação, pois, é um processo de auto-esquecimento. Enquanto estou cônscio do "eu", sei que existe dor, luta, temor constante. Mas se posso identificar-me com algo maior, com algo digno, com a beleza, a vida, a verdade, a crença, o conhecimento, pelo menos temporàriamente, há uma fuga ao "eu". Não é verdade? Se falo de minha pátria, esqueço-me temporàriamente. Não é exato? Se posso dizer algo a respeito de Deus, esqueço-me de mim mesmo. Se posso identificar minha família com um grupo, com um determinado partido, uma certa ideologia, há uma fuga temporária.

A identificação, pois, é uma forma de fuga ao "eu". O homem que cultiva a virtude está fugindo do "eu", e tem a mente estreita. Não é virtuosa essa mente, porque a virtude é algo que se não pode cultivar. Não podeis chegar a ser virtuoso; porque, quanto mais vos esforçais por vos tornardes virtuoso, tanto mais fôrça ,tanto mais segurança dais ao "eu". O temor, que é comum à maioria de nós, sob diferentes formas, precisa sempre encontrar substitutos e, por conseguinte, tem de aumentar a nossa luta. Quanto mais vos identificais com um substituto, tanto mais fôrça tendes para vos apegardes a êle, e por êle estais prontos a lutar e morrer; porque o temor está na base disso.

Sabemos agora o que é temor? Não é êle a não-aceitação do *que é?* Precisamos compreender a palavra aceitação. Não a estou empregando com o significado de esfôrço feito para aceitar. Não se trata de aceitar, quando sou capaz de ver *o que é,* quando percebo *o que é.* Quando não percebo claramente *o que é,* faço surgir o processo da aceitação. O temor, pois, é a

não-aceitação do *que é*. Como posso eu, que sou um feixe de tôdas essas reações, lembranças, esperanças, depressões, frustrações, que sou o resultado do movimento da consciência detido ante um obstáculo, passar além? Isto é, pode a mente estar consciente, sem êsse obstáculo, sem êsse empecilho? Sabemos que quando não há obstáculo, há uma alegria extraordinária. Não sabeis que, quando o corpo está em estado de perfeita saúde, há uma certa alegria, um bem-estar? E não sabeis que — quando a mente está completamente livre, desembaraçada, quando o centro do reconhecimento, como "eu", não está presente —não sabeis que se experimenta certa alegria? Já não experimentastes êsse estado, em que está ausente o "eu"? Por certo, todos nós o temos experimentado. Tendo-o experimentado, desejamos retroceder e tornar a capturá-lo. Isso, também, é processo do tempo. Tendo experimentado uma coisa, nós a desejamos, e apresentamos, por conseguinte, um obstáculo à consciência. Por certo, para se encontrar a ação que não é resultado de isolamento, necessita-se ação independente do "eu". E' isso o que todos estais procurando, numa ou noutra forma de sociedade, pela especulação religiosa, pela meditação, pela identificação, pela crença, pelo saber, por atividades de incontáveis gêneros. E' isso o que cada um de nós está buscando, a fim de fugir da estreita esfera do "eu". Podeis afastar-vos dela sem compreender todo o processo do *que é*? Se não conheço todo o conteúdo do *que é*, do que se acha à minha frente, como "eu", posso evitá-lo e fugir?

Há compreensão do "eu", e liberdade, só quando posso olhá-lo completa e integralmente, como um todo;

e isso só posso fazer quando, sem justificar, sem condenar, sem reprimir, compreendo na íntegra o processo de tôda a atividade do desejo, que é uma exata expressão do pensamento, porque o pensamento não é diferente do desejo. Se posso assim compreender, terei a possibilidade de transcender as restrições do "eu". E' possível, aí, ação não isolada, ação não baseada em idéia. Mas enquanto a mente está confinada na área que se chama o "eu", tem de haver conflito entre homem e homem; e um homem que procura a verdade ou a paz, deve compreender o desejo. A compreensão surge quando o desejo não é entravado intelectualmente pelo temor, pela condenação. Vereis então como o consciente, por mais ativo que esteja, se transforma no campo onde o inconsciente pode florescer. A liberdade, que realmente é virtude, faz-se necessária para descobrir o que é a verdade; e o homem que está prêso à crença, ao saber, ao "eu", nunca descobrirá o que é a verdade. Êsse descobrimento da verdade não é o processo de tempo. O processo do tempo é a mente e a mente nunca pode descobrir o que é a verdade. Por conseguinte, é necessário compreender o processo da consciência, tal como limitada ao "eu".

PERGUNTA: Segundo o vosso sentir, qual é a causa do predomínio das desordens mentais, no mundo de hoje? E' a insegurança? Se é, que podemos fazer para proteger os milhões que se sentem inseguros de se tornarem desequilibrados, neuróticos ou psicopatas?

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, existirá segurança interior? Pode em algum tempo existir segurança interior psicológica? Se puderdes encontrar

uma resposta a esta pergunta, então é possível a segurança física; porque é isso o que desejam milhões de pessoas: a segurança física, a refeição seguinte, morada, roupas. Milhões vão para a cama semi-famintos. Para resolver o problema da alimentação, do vestir e do morar, para todos e não para poucos, precisamos indagar por que razão o homem busca a segurança, a segurança psicológica; porque a solução não está num novo arranjo das coisas, a solução não é econômica, mas psicológica. Porque cada um de nós busca segurança interior, o que impossibilita a segurança exterior, para o homem; porque cada um deseja ser algo, servimo-nos da substância física como meio de segurança psicológica. Não estais procedendo assim? Se vós e eu, se todo o mundo tivesse interêsse em alimentar o homem, vestí-lo, dar-lhe casa para morar, haveríamos, por certo, de encontrar os meios de fazê-lo, não é verdade? Ninguém o está fazendo. Esta é uma causa de perturbação mental. Não é exato isso? Se me sinto exteriormente inseguro, sinto tôda a sorte de coisas que desencadeiam um estado mental neurótico.

Nosso problema, portanto, não é só econômico, como gostariam de pensar os economistas, porém, antes psicológico, — porque cada um de nós quer estar em segurança, por meio da crença, por meio da superstição. Conhecemos as várias formas de crença a que nos apegamos, na esperança de nos sentirmos seguros. Não sabeis que o homem que crê não pode suicidar-se? Já o homem que não crê está pronto a suicidar-se, a matar-se, ou a matar outro. A crença, pois, é o meio que proporciona segurança. E quanto mais creio na vida futura, em Deus, tanto mais penso a êsse respeito,

porque me dá confôrto e segurança e me mantém equilibrado. Mas se indago, se busco, se duvido, se sou cético, começo a largar as amarras e a perder minha segurança, e mentalmente não posso suportar isso. Vem daí o estado mental psicopático. Não o tendes notado em vós mesmos? Quando tendes algo a que possais apegar-vos — uma pessoa, uma idéia, um partido, qualquer coisa — vós vos sentis em paz. Enquanto podeis estar apegado a alguma coisa vos sentis em segurança, e vos sentis mais ou menos equilibrados. Mas logo que pondes em dúvida aquela crença e a investigais, atraís a insegurança. Esta é a razão por que tôdas as pessoas talentosas, intelectuais, acabam com alguma espécie de crença; porque, com o seu intelecto procuram alcançar o mais longe possível, e, como nada vêem, dizem: "Tenhamos crença". Nossa questão, sem dúvida, é esta: Existirá segurança, segurança psicológica e interior? Evidentemente, não existe. Posso encontrar a segurança na crença; mas esta é apenas projeção da minha incerteza, sob a forma de crença, que se torna certa.

Posso encontrar a verdade sôbre a segurança e a insegurança? Porque só nesse caso posso ser um ente são, equilibrado, e não quando estou apegado a alguma crença, algum conhecimento, ou alguma idéia. Se posso descobrir a verdade sôbre a segurança, sou então um ser integrado, um ser inteligente. E' isso o que quereis saber? Não é, por certo, porque não desejais saber se existe segurança. No momento em que duvidais da sua existência, que é feito de vós? O castelo de cartas de baralho, tão engenhosamente construido, vem abaixo. Se não alcançais a segurança, vos tornais um doente

mental. Assim, enquanto não encontrardes a verdade relativa à segurança, se existe segurança, sereis òbviamente um ente desequilibrado.

Existirá segurança, segurança psicológica, segurança interior? Evidentemente, não existe. Nós queremos que ela exista, mas não existe. Podeis depender de alguma coisa ? Quando o fazeis, que acontece ? Essa dependência, justamente, faz vir o temor, que cria a independência fora dela, o que vem a ser uma outra forma de temor. Assim, enquanto não achardes a verdade sôbre a insegurança, que significa continuidade, não podeis deixar de ter bloqueios na mente, os quais, quando entram em ação, criam o estado neurótico. Não há permanência, não há certeza, mas há a verdade, que só pode realizar-se quando compreendeis todo o processo do desejo e da insegurança.

PERGUNTA: A verdadeira regeneração da Índia é possível ùnicamente com o renascimento das artes e da dança?

KRISHNAMURTI: A palavra "ùnicamente" é importante, não achais? Porque, no entender de cada um, a sua especialidade é que há de ser o fator de renascimento. Se sou artista, esta é a única maneira pela qual posso produzir um mundo criador. Se sou religioso, o único caminho é êsse. Para o economista, a ciência econômica é o único caminho da regeneração. Assim, aquilo com que cada um de nós está ocupado, nosso dom especial, nossa tendência especial, se torna o único meio de produzir uma Índia regenerada.

Ocorre a regeneração por meio de organizações externas, de capacidades, de re-ordenação dos fatos, da dança, ou das artes? Que entendeis por regeneração? Renascimento, algo de novo, e não continuidade do passado sob uma forma nova. E' isso, por certo, o que entendeis. Não é exato? Um estado novo, um mundo novo, em que reine paz e felicidade. Conheceis a coisa pela qual estamos lutando. E' possível o renascimento sem a revolução interior, sem a liberdade interior? Podeis ser um especialista na dança, pode ser êsse o vosso dom especial, mas isso irá realmente regenerar a Índia —o fato de serdes um maravilhoso dançarino ou um maravilhoso químico ou político? Que é que produzirá uma revolução fundamental e radical, tão necessária — não uma revolução fragmentária — revolução integral e não uma reforma superficial do padrão? Esta revolução, sem dúvida, tem de realizar-se dentro de cada um de nós, não achais?

Não temais a revolução mundial. Ou a temos ou não a temos. Preferiríamos uma *evolução* interior, todo o processo de *vir-a-ser* mais e mais mundano, mais e mais virtuoso, que é apenas uma maneira de fortalecer o "eu" através do tempo. Enquanto existir o "eu" não haverá revolução interior. E o "eu" não pode ser dissolvido pelo tempo ou pela identificação com aquilo que desejamos.

Só se verifica a revolução interior, quando percebemos *o que é,* quando há ação que não é a base de idéia. Porquanto, quando vos achais frente a frente com *o que é,* nenhum valor têm as idéias. A regeneração e o renascimento podem verificar-se, não por meio de um dom ou capacidade especial, mas tão

sòmente por meio da compreensão interior e da revolução interior.

PERGUNTA: Compreendi-vos corretamente, se digo que a solução para todos os nossos males é eliminar de todo o reconhecimento e as extravagâncias do desejo, e transcendê-los? Tenho experimentado momentos de êxtase, mas êles depressa se desvanecem e irrompem desejos, que forçam a passagem do passado para o futuro. E' possível aniquilar o desejo de uma vez por tôdas?

KRISHNAMURTI: Vêde, quereis um resultado. Adorais o sucesso, e desejais livrar-vos completamente do desejo, a fim de alcançar aquêle estado de êxtase. Isto é, desejaria viver em felicidade e êxtase e quero libertar-me do desejo. Quero, pois, saber, não a maneira de compreender o desejo, mas, sim, como libertar-me do desejo, a fim de alcançar aquêle estado. Percebei, por favor, a impossibilidade disso. Desejo certo resultado que experimentei e desejo que essa experiência continue; não posso fazê-la continuar enquanto existir o desejo; por conseguinte, preciso libertar-me do desejo. Não tendes interêsse em compreender o desejo, mas sim em modificá-lo, numa determinada fase. E' o que implica a vossa pergunta. Quereis o êxtase e sabeis que já o experimentastes; e sabeis que o desejo vos impede de alcançá-lo; e apresenta-se-vos, assim, o problema de como libertar-se do desejo. Desejais aquêle estado de êxtase, e nada mais. A diferença é que transferistes o vosso desejo de muralhas terrenas, limitadas, estreitas, para algo que experimentastes. Assim, em que estais interessado? Numa experiência que

passou. Tende a bondade de prestar atenção, se desejais compreender todo o processo que vos defronta, o problema de recapturar uma experiência passada, tal como um menino que tivesse tido um momento de êxtase e, depois de velho, desejasse voltar a êle. Sabeis que a experiência é então fragmentária, porquanto é êle incapaz de experimentar qualquer coisa nova.

Que entendeis por experiência? Só podemos experimentar uma coisa que reconhecemos. O que acontece, pois, é que o "eu" reconhece uma coisa como sendo um êxtase, e quer recapturá-lo. Êsse próprio "querer" é um processo de desejo. Foi-lhe dado um nome. No momento da experiência, não se dá nome. Prestai atenção. Observai a vós mesmo em funcionamento; porque, assim, terá significação o que digo. Quando algo vos acontece inesperadamente, surge um estado de êxtase; nesse segundo não há reconhecimento. Depois, dizeis: "Tive uma experiência", dais-lhe um nome. Tudo isso é processo da mente, que procura dar um nome, a fim de lembrar-se, a fim de que, por meio dessa lembrança, possa fazer continuar a experiência. Êsse processo é o companheiro da maioria de nós.

Já a compreensão do desejo requer uma mente desperta e constante vigilância, sem condenação, sem justificação, observação constante, atenção constante, uma vez que o desejo nunca sossega. Êle é movimento; e nenhuma oposição terá utilidade alguma, porquanto só haverá de criar mais resistência, nêle. Quando tendes uma experiência que nunca é reconhecida, vereis que aquilo a que chamais "experiência" e a que dais nome não é, em absoluto, uma experiência, mas, sim,

apenas, uma continuação do vosso próprio desejo, sob outra forma. Quando compreendeis o desejo, quando realmente o seguistes, alcançais um "estado de ser" no qual não existe o reconhecimento, no qual não há denominação. Êsse estado só vem quando a mente não está solicitando ,quando ela está realmente silenciosa, sem ter sido *posta* em silêncio. A mente é então silenciosa, porque compreende, porque acompanha e se torna cônscia de todo o processo do desejo. Quando a mente está em silêncio, não é mais imaginativa, não está mais verbalizando; êsse próprio silêncio da mente conduz ao "estado de ser" que não pode ser medido pela mente.

13 de janeiro de 1952.

V

EM nossas recentes reuniões, tratamos da importância de se compreenderem as tendências do "eu". Porque, afinal de contas, as pessoas que pensam mais sèriamente não podem deixar de reconhecer que o "eu" é a verdadeira causa de tôdas as nossas iniquidades e sofrimentos. Penso que as pessoas mais refletidas estão bem cônscias disso. E' evidente que a maioria das organizações religiosas se limitam a formular teorias, encarecendo de maneira vaga a necessidade de se abandonar completamente o "eu". Temos lido o que dizem os livros a respeito do abandôno do "eu". Se temos inclinação religiosa, dispomos de um variado repertório de frases a respeito; talvez recitemos *mantrams,* etc. Apesar de tudo isso, persistem nosso percebimento e nossas vagas concepções do "eu", sob forma muito sutil ou muito primária. Penso que, por mais fácil que isso seja, deveríamos cuidar de compreender as várias expressões do "eu", para ver se não podemos desarraigá-lo de todo; pois creio que, sem a compreensão de tôda a

complexidade do "eu", não podemos ir mais longe — quer o "eu" esteja dividido em "alto" e "baixo", quer não, pois isso é sem relevância, só interessando à mente, que efetua tal divisão com o fim de garantir a própria segurança. A menos que compreendamos todo êsse complexo processo, não haverá possibilidade de paz no mundo. Nós bem o sabemos. Estamos bem a par dêsse fato, consciente ou inconscientemente; entretanto, não tem êle influência alguma em nossa vida diária; não o trazemos para a realidade.

A questão sôbre que temos discutido é a seguinte: Como é possível reconhecer as várias atividades do "eu" e suas formas sutis, atrás das quais a mente se abriga? Vemos o "eu", sua atividade, sua ação baseada na idéia. A ação baseada em idéia é uma forma do "eu", porque êste dá finalidade e continuidade a tal ação. Assim, a idéia, posta em ação, se transforma em meio de dar continuidade ao "eu". Não existindo a idéia, tem a ação um significado inteiramente diferente, não oriundo do "eu". A busca de poder, de posição, de autoridade, a ambição, etc., são formas do "eu", manifestações de suas diferentes tendências.

O que mais importa, porém, é que se compreenda o "eu", e estou bem certo de que estais convencidos disso tanto quanto eu. Permiti-me acrescentar que devemos interessar-nos vivamente por esta questão, pois creio que, se vós e eu, como indivíduos — e não como um grupo de pessoas pertencentes a certas classes, certas sociedades, certas divisões climáticas — pudermos compreendê-la e agir de acôrdo com essa compreensão, haverá uma revolução real. Quando um movimento se torna universal e melhor organizado, o "eu" nêle se

refugia; ao passo que, se vós e eu, como indivíduos, formos capazes de amar e pôr em prática essa capacidade na vida diária, essa revolução, tão necessária, virá sem falta, não por ter sido organizada com a cooperação de vários grupos, mas sim porque há uma revolução individual permanente.

Nesta tarde, desejo discorrer sôbre como a experiência fortalece o "eu".

Sabeis o que entendo por "eu"? Com essa palavra quero significar a idéia, a memória, a conclusão, a experiência, as várias formas de intenções, confessáveis e inconfessáveis, o esfôrço consciente para ser ou para não ser, a memória acumulada do inconsciente, da raça, do grupo, do indivíduo, da tribu, etc., tudo isso, quer projetado exteriormente como ação, quer projetado espiritualmente como virtude; a luta que daí resulta é o "eu". Nêle está incluída a competição, o desejo de ser. A totalidade dêsse processo constitui o "eu"; e sabemos realmente, quando nos vemos frente a frente com êle, que se trata de uma coisa perniciosa. Emprego propositadamente a palavra "perniciosa", porque o "eu" é um fator de divisão, o "eu" é egocêntrico, suas atividades, por mais nobres que pareçam, são separadas e isoladas. Sabemos de tudo isso. Sabemos também como são extraordinários os momentos de ausência do "eu", momentos em que não há sensação de luta, de esfôrço, o que acontece quando há amor.

Julgo importante compreeender como a experiência fortalece o "eu". Se sentimos verdadeiro interêsse, cumpre-nos compreender êsse problema da experiência. Ora, que entendemos por experiência? Temos constantes experiências, impressões; e essas, nós as tradu-

zimos, a elas reagindo; ou estamos agindo em conformidade com essas impressões; somos calculistas, etc. Há constante ação recíproca entre o que vemos objetivamente e a nossa reação ao que vemos, uma ação recíproca entre o inconsciente e as lembranças do inconsciente.

Não aprendais de cor o que estou dizendo. Observai — se me permitis sugerí-lo — observai as vossas próprias mentes e as atividades que nelas ocorrem, enquanto falo, e vereis. Não decorei as coisas que estou dizendo: estou simplesmente falando, à medida que elas vão ocorrendo.

Segundo minhas lembranças, reajo a tudo o que vejo e a tudo o que sinto. Nesse processo de reação ao que vejo, ao que sinto, ao que sei, ao que creio, ocorre experiência. Não é assim? A reação ao estímulo produzido por algo que vimos é experiência. Quando vos vejo, reajo; essa reação é experiência. Se não dou nome à reação, ela não é experiência. Por favor, observai-o. Observai vossas próprias reações e o que está ocorrendo em vós. Não há experiência, se não há ao mesmo tempo um processo de denominação. Se não vos reconheço, como posso ter experiência? Isso parece muito simples e exato. Isto é, se não reajo, diante de vós, de acôrdo com minhas lembranças, de acôrdo com minhas condições, de acôrdo com meus preconceitos, como posso saber que tive uma experiência? Êste é um dos exemplos.

Há, também, a projeção dos vários desejos. Desejo estar protegido, ter segurança interior; ou desejo ter um Mestre, um *guru,* um instrutor, um Deus; e "experimento" o que projetei. Isto é, projetei um de-

sejo, que assumiu uma forma, a que dei um nome; a essa coisa reajo. Ela é projeção minha. Tem o nome que lhe dei. Êsse desejo que me proporciona uma experiência, faz-me dizer: "Compreendi", "Experimentei", "Encontrei-me com o Mestre". Vós conheceis todo o processo de dar nome e "experimentar". Desejo é o que chamais experiência, não é verdade?

Quando desejo o silêncio da mente, que está ocorrendo? Que acontece? Reconheço a importância de se ter a mente silenciosa, a mente tranqüila, por várias razões: porque os *Upanishads* o disseram, porque o disseram as escrituras religiosas, os santos e, ainda, porque, ocasionalmente, também eu sei como é bom estar tranqüilo, pois minha mente gosta tanto de tagarelar! Às vêzes tenho o sentimento de que é muito agradável ter a mente serena, a mente silenciosa. Desejar a mente silenciosa é experimentar o silêncio. Desejo ter a mente silenciosa, e por isso vos pergunto: "Como consegui-lo?" Sei o que diz êste ou aquêle livro sôbre a meditação e as várias formas de disciplina. Desejo uma mente silenciosa, por meio da disciplina, e "experimento" o silêncio. O "eu" se instalou na experiência do silêncio. Estou-me fazendo claro? Quero compreender o que é a verdade; tal é meu desejo, minha ânsia; dá-se, então, minha "projeção" daquilo que considero como sendo a verdade, porque li muito a respeito; ouvi muitas pessoas falarem a respeito; as escrituras religiosas a descreveram. Desejo tudo isso. Que acontece? O próprio desejo é "projetado", e tenho experiência, porque reconheço êsse estado. Se eu não reconhecesse êsse estado, êsse ato, essa "verdade", eu não o chamaria "verdade". Reconheço-o e experimento-o.

Essa experiência fortalece o "eu". Não é verdade? O "Eu", portanto, se entrincheira na experiência. E dizeis, então: "Sei", "Existe o Mestre", "Existe Deus", ou "Não existe Deus". Dizeis que desejais o advento de determinado sistema político, porque êle é justo e todos os outros são injustos.

Vemos, pois, que a experiência está sempre fortalecendo o "eu". Quanto mais vos fortaleceis, tanto mais ficais entrincheirados na vossa experiência, e tanto mais se fortifica o "eu". Como resultado disso, tendes uma certa fôrça de caráter, uma certa fôrça de conhecimento, de crença, que conseguis impor aos outros, porque sabeis que êles não são tão inteligentes como vós, e porque tendes o dom de manejar a pena e sois muito sagaz. Como o "eu" continua a operar, sempre, vossas crenças, vossos Mestres, vossas castas, vosso sistema econômico são um processo de isolamento e, portanto, uma fonte de disputas. Deveis, se sentis verdadeiro interêsse, dissolver completamente essa coisa, em vez de a justificar. Eis porque é necessário compreender o processo da experiência.

E' possível à mente, ao "eu", deixar de projetar, de desejar ,de experimentar? Percebemos que as experiências do "eu" são sempre uma negação, uma destruição e no entanto chamamo-las ação positiva. Não é verdade? E' isso o que chamamos a maneira positiva de viver. O desfazer êsse processo é que chamais negação. Tendes razão? Não há nada positivo. Podemos, vós e eu, como indivíduos, penetrar até à raiz do processo do "eu", e compreendê-lo? Ora, qual é o elemento que o dissolve? Que é que causa a dissolução do "eu"? Grupos religiosos e outros têm explicado o

meio de dissolver o "eu pela identificação. Identificai-vos com algo maior, e o "eu" desaparecerá — dizem êles. Nós, porém, dizemos que a identificação continua a ser um processo do "eu". Não sei se estais compreendendo isso. Tôdas as variadas formas de disciplina, de crenças e de conhecimento, só servem para fortalecer o "eu".

Pode-se achar um elemento capaz de dissolver o "eu"? Ou estará errada esta pergunta? E' isso o que desejamos, fundamentalmente. Desejamos encontrar alguma coisa que dissolva o "eu", não é assim ? Pensamos que há vários modos de a encontrarmos, ou sejam, a identificação, a crença, etc.; mas todos êles estão no mesmo nível; nenhum é superior aos outros, porque todos têm o mesmo poder de fortalecer o "eu". Pois bem, reconheço o "eu", onde quer que esteja operando, percebo sua energia e suas fôrças destruidoras. Qualquer que seja o seu nome, êle é uma fôrça isolante, uma fôrça destrutiva; e desejo encontrar um meio de dissolvê-lo. Deveis ter feito a vós mesmos esta pergunta: "Vejo o *eu* operando a tôdas as horas, e produzindo sempre ansiedade, temor, frustração, desespêro, sofrimento, não só a mim mesmo mas também a todos os que me cercam. E' possível dissolver êsse *eu*, não parcialmente, mas completamente?". — Podemos penetrar até à sua raiz e dissolvê-lo?". — Essa é a única maneira de agir, não achais? Não quero ser inteligente só parcialmente, quero sê-lo de maneira integral. Os mais de nós somos inteligentes em camadas, vós provàvelmente num sentido e eu noutro sentido diferente. Alguns de vós sois inteligentes no exercício de vossa profissão, outros em suas atividades de escritório, etc. Os

indivíduos são inteligentes em sentidos diferentes, nunca somos integralmente inteligentes. *Ser integralmente inteligente, significa estar desacompanhado do "eu".* E isso é possível? Se empreendo essa ação, qual a vossa reação? Como não estamos numa reunião de discussão, não respondais, por favor; ficai cônscios dessa ação. As coisas que ela implica, e que tenho tentado mostrar-vos, hão de produzir uma reação em vós. Que reação é essa?

E' possível a ausência completa do "eu"? Sabeis que é possível. Quais são, então, os ingredientes, os requisitos necessários? Qual o elemento que produz êsse resultado? Posso descobrí-lo? Estais seguindo o que estou dizendo, senhores? Quando faço a pergunta "posso descobrí-lo?" estou naturalmente convencido de que é possível descobrí-lo. Já criei uma experiência, na qual o "eu" irá fortalecer-se. Não é assim? A compreensão do "eu" requer grande soma de inteligência, vigilância, atenção, incessante observação, para o não deixarmos escapulir. Eu, que sinto sincero interêsse, desejo dissolver o "eu". Quando assim falo, sei que é possível dissolver o "eu". Tende paciência, por favor. No momento em que digo "Quero dissolver *tal coisa*" e no processo que sigo para dissolvê-la, há experiência por parte do "eu", e a mesma fortalece o "eu". Como é possível não deixar o "eu" experimentar? E' bem evidente que o estado criador não é experiência do "eu" A criação ocorre quando o "eu" não está presente; porque a criação não é intelectual, não é produto da mente, não é auto-projeção, mas, sim, algo que está além de tôda experiência, como sabemos. E' possível ficar a mente tranqüila de todo, num estado de não-

reconhecimento, de não-experimentar, num estado em que a criação possa acontecer — isto é, num estado em que o "eu" não esteja presente, em que o "eu" esteja ausente? Estou-me fazendo claro ou não? Vêde, senhores, o problema é êste, não é verdade? Todo movimento da mente, positivo ou negativo, representa uma experiência, que de fato fortalece o "eu". E' possível à mente não reconhecer? Só é possível quando há silêncio completo, não o silêncio que é experiência do "eu" e que, por conseguinte, fortalece o "eu".

Existe uma entidade espiritual separada do "eu", que o observa e o dissolve? Estais compreendendo? Pensamos que existe, não é verdade? A maioria das pessoas religiosas pensam que existe êsse elemento. O materialista diz: "E' impossível destruir o "eu"; êle só pode ser condicionado e reprimido — política, econômica, socialmente, podemos prendê-lo firmemente dentro de um certo padrão, e subjugá-lo. Por conseguinte, é possível fazê-lo viver num alto nível, com moralidade ,sem influir em coisa alguma, mas observando o padrão social e funcionando como simples máquina." Isso nós sabemos bem. Há outras pessoas, as chamadas religiosas — na realidade não são religiosas, embora assim as chamemos — que dizem: "Fundamentalmente, êsse elemento existe. Se pudermos entrar em contaco com o mesmo, êle dissolverá o "eu". — Procurai ver o que estamos fazendo. Estamos apenas pondo o "eu", à fôrça, num canto. Se vos deixais pôr à fôrça num canto, vereis o que acontecerá. Gostaríamos que existisse um elemento atemporal, distinto do "eu", o qual, esperamos, intervirá e destruirá o "eu" — e denominamo-lo Deus. Ora, existe tal elemento, concebível

pela mente? Pode ser que exista ou pode ser que não exista; não estamos tratando disso. Quando a mente busca um estado espiritual independente do tempo, que se porá em ação para destruir o "eu", não é essa uma outra forma de experiência que fortalece o "eu"? Quando credes, não é isso, realmente, o que sucede? Quando credes que existe a verdade, que existe Deus, um estado de eternidade, de imortalidade — não representa isso um processo de fortalecimento do "eu"? O "eu" projeta essa coisa que, segundo sentis e credes, há de vir, para destruir o "eu". E tendo projetado essa idéia de continuidade num estado atemporal, como entidade espiritual, estais pronto para experimentar êsse estado, e tôda experiência dessa espécie só servirá para fortalecer o "eu". Por conseguinte, que fizestes? De fato não destruistes o "eu", apenas lhe destes um nome diferente, uma qualidade diferente; o "eu" continua a existir, visto que o experimentastes. Nessas condições, a nossa ação, de princípio a fim, é sempre a mesma; nós é que pensamos que ela evolui, se desenvolve, se torna cada vez mais bela; mas, se observardes interiormente ,é sempre a mesma ação que se verifica, sempre o mesmo "eu" funcionando em níveis diferentes, com rótulos diferentes, com nomes diferentes.

Que acontece ao perceberdes integralmente o processo do "eu", suas invenções astuciosas e extraordinárias, sua inteligência, como êle se cobre com a capa da identificação, da virtude, da experiência, da crença, do saber; ao reconhecerdes que estais andando em círculo dentro de uma gaiola que êle fabricou? Ao perceberdes êsse fato, ao tomardes pleno conhecimento dêle, não fica a vossa mente extraordinàriamente tranqüila ? —

mas não em virtude de compulsão, de recompensa, de temor? Quando reconhecerdes que todo movimento da mente é simples maneira de fortalecer o "eu", quando observardes, perceberdes êsse fato, quando ficardes plenamente cônscio do mesmo, na ação, quando chegardes a êsse ponto — não ideològicamente, verbalmente, não por meio de experiência, mas, sim, porque vos achais de fato nesse estado — vereis então que, em tal estado de completa tranqüilidade, a mente não tem nenhum poder de criar. Tudo o que a mente cria está dentro de um círculo, está compreendido na esfera do "eu". Quando a mente é não-criadora, há criação, que não é um processo passível de reconhecimento.

Não se pode reconhecer a realidade, a verdade. Para que a verdade se manifeste, devem desaparecer a crença, o saber, a experiência, a virtude, o cultivo da virtude, — que é coisa diferente de "ser virtuoso". A pessoa "virtuosa", a pessoa que está cônscia de estar cultivando a virtude, nunca encontrará a realidade. Pode ser uma pessoa muito honrada, mas é inteiramente diferente do "homem da verdade", do homem que compreende. Para o "homem da verdade", a verdade surgiu na existência. O homem virtuoso é um homem direito, e um homem direito nunca poderá compreender o que é a verdade; porque, para êle, a virtude é uma capa do "eu", uma maneira de fortalecer o "eu"; pois êle cultiva a virtude. Quando diz: "devo ser um homem sem avidez", o estado em que é não-ávido, e no qual "experimenta", fortifica o "eu". Eis porque é importante ser pobre, não só de bens terrenos, mas também de crença e saber. O homem rico de bens terrenos, ou o homem rico de saber e de crenças, nunca

conhecerá senão a escuridão, e será o centro de tôda sorte de malefícios e sofrimentos. Mas se vós e eu, como indivíduos, pudermos perceber todo êsse funcionar do "eu", saberemos então o que é o amor. Asseguro-vos que essa é a única reforma capaz de transformar o mundo. O amor não é o "eu". O "eu" não pode reconhecer o amor. Dizeis "amo", e, então, justamente porque o dizeis, não há amor. Mas quando conheceis o amor, não existe "eu". Quando há amor, não há "eu".

PERGUNTA: *Que é simplicidade? Significa ver muito claramente as coisas essenciais e abandonar tôdas as outras?*

KRISHNAMURTI: Vejamos o que a simplicidade não é. Não digais que isso é negação. Nada se pode dizer de maneira positiva, que é uma maneira imatura e irrefletida de nos expressarmos. Os que o fazem são exploradores, porque têm algo para dar-vos, algo que desejais e que lhes serve de meio para explorar-vos. Não estamos fazendo nada disso. Estamos tentando descobrir a verdade a respeito da simplicidade. Conseqüentemente, tendes de rejeitar umas tantas coisas e observar. O homem que muito possui teme a revolução interior e exterior. Averiguemos, pois, o que não é simplicidade. A mente complicada, não é simples, é? A mente engenhosa não é simples; a mente que tem um fim em vista e trabalha pela consecução do mesmo, como recompensa, como punição, não é uma mente simples, é? Senhores, não concordeis comigo. Não se trata de concordar. Trata-se de vossa vida. A mente que está pejada de saber, não é uma mente simples; a

mente paralisada pelas crenças, não é uma mente simples, é? Pensamos, porém, que vida simples é possuir só uma tanga, ou talvez duas; queremos a ostentação externa da simplicidade, e fàcilmente nos iludimos com ela. Eis porque o homem muito rico venera o homem que renuncia.

Que é simplicidade? Pode a simplicidade consistir em rejeitar as coisas não essenciais e visar as coisas essenciais —o que implica escolha? Notai bem: não é isso escolha, não significa escolher? Escolho as coisas essenciais e rejeito as não-essenciais. Em que consiste êsse processo de escolha? Pensai profundamente. Qual é a entidade que escolhe? A mente, não é verdade? Não importa como a chameis. Dizeis: "Escolherei esta coisa essencial". Como sabeis o que é essencial? Isso significa, ou que tendes um padrão estabelecido por outras pessoas, ou a vossa própria experiência vos indica o que é essencial. Podeis confiar na vossa experiência? Porque, quando escolheis, a vossa escolha está baseada no desejo; o que chamais essencial é aquilo que vos dá satisfação. E voltais, assim, ao mesmo processo, não é verdade? Pode a mente confusa escolher? Se ela escolhe, a sua escolha será também confusa.

Por conseguinte, a escolha entre essencial e não-essencial não é simplicidade. E' conflito. A mente que está em conflito, em confusão, nunca pode ser simples. Assim, quando rejeitardes, quando perceberdes tôdas as coisas falsas e todos os artifícios da mente, observando-os, examinando-os, sabereis, então, o que é simplicidade. A mente que está vinculada pela crença, nunca é uma mente simples. A mente ajoujada de saber não é simples. A mente que se distrai com Deus,

com mulheres e música, não é uma mente simples. A mente aprisionada na rotina da profissão, dos ritos, dos *mantrams,* não é simples. Simplicidade é ação sem idéia, coisa raríssima, que significa criação. Enquanto não há criação, somos centros de malefícios, sofrimentos e destruição. A simplicidade não é coisa que se possa cultivar e experimentar. A simplicidade, tal como uma flor que desabrocha, surge no momento exato em que cada um de nós compreende todo o processo da existência e das relações. Porque não costumamos pensar nela, porque não costumamos observá-la, não sabemos o que ela é. Apreciamos de certa maneira tôdas as formas exteriores da simplicidade: raspar a cabeça, vestir-se ou despir-se de certa maneira. Essas coisas não são simplicidade. Não se acha a simplicidade. A simplicidade não está entre o que é essencial e o que não é essencial. Ela nasce quando não há "eu", quando o "eu" não está envolvido em especulações, conclusões, crenças, ideações. Só a mente assim pode achar a verdade. Só essa mente pode receber o que é imensurável, aquilo a que se não pode dar nome. Isso é que é simplicidade.

PERGUNTA: Posso eu, que tenho inclinação religiosa e desejo de agir de maneira integral, expressar-me por meio da política? Porque a mim me parece que se faz necessária uma modificação radical no terreno político.

KRISHNAMURTI: O que o interrogante está dizendo é o seguinte: "Procurando com todo o meu ser, procurando religiosamente o todo, o integral, o completo, posso atuar politicamente, isto é, agir parcial-

mente?". Diz êle que a política é o caminho natural que deve seguir; quando êle busca e segue êsse caminho, que não é o todo, o completo, está funcionando apenas em esferas de ação parciais, fragmentárias. Não é exato? Qual é a vossa resposta — não a vossa resposta sutil ou reação imediata? Posso perceber o todo da vida, o que significa "posso amar?" Consideremos o amor. Tenho compaixão, sinto-a intensamente, pelo todo. Posso, então, agir só pollticamente? Posso eu, que busco o todo, ser hindu ou brâmane? Posso eu, que tenho amor em meu coração, identificar-me com um caminho, com determinada nação, com determinado sistema econômico ou religioso? Suponhamos que desejo melhorar numa parte, que desejo operar uma transformação radical numa parte, no país em que vivo. No momento em que me identifico com essa parte, não excluo o todo? Êste problema é vosso, tanto quanto meu. Estamos pensando nêle juntos. Não sois meus ouvintes. Quando tentamos encontrar uma solução, nossas opiniões e nossas idéias não são essa solução. O que procuramos averiguar é se o homem deveras religioso — não um indivíduo charlatão que consulta a outros — mas uma pessoa verdadeiramente sagrada, que busca o todo, pode identificar-se com um movimento radical em prol de determinada nação? E será suficiente a revolução (não temais esta palavra) de um país, de um povo, de um Estado, quando estou buscando o todo, quando estou procurando aquilo que não está encerrado na esfera da mente? Posso eu, servindo-me de minha mente, agir pollticamente? Vejo que há necessidade de ação política; vejo que há necessidade de uma transformação radical, uma transformação real em nossas relações, em nosso

sistema econômico, na distribuição das terras, etc. Vejo que há necessidade de revolução; no entanto, estou ao mesmo tempo interessado em seguir um caminho, o caminho da política; ao mesmo tempo estou procurando compreender o todo. Qual será a minha ação, aí? Não é êste o vosso problema, senhores ? Podeis agir polìticamente, isto é, parcialmente, e compreender o todo? Política e economia são apenas partes do todo; não são a vida total, integral; são partes necessárias, essenciais. Posso abandonar o todo, a sociedade, para fazer obra de remendão, ocupando-me só com a parte? Não posso, é claro. Posso exercer ação sôbre a parte, *mas não por meio dela*.

Desejamos promover certa modificação, alimentamos certas idéias a respeito dessa modificação ,seguimos tais e tais grupos, etc., empregamos meios para conseguir resultados. E' a compreensão do todo compatível com essa atitude? Estou-vos confundindo? Estou apenas a dizer-vos o que penso. Não o aceiteis, pensai por vós mesmos, para verdes. Para mim, a ação política, a ação econômica, são de importância secundária, embora essenciais. Há necessidade de uma transformação radical no campo político; mas essa transformação carecerá de profundidade, se me desinteresso dos outros campos. Se êsses não são de importância primária, mas só secundária, ainda assim a minha ação sôbre o secundário produzirá efeitos tremendos. Se, porém, vejo determinado caminho e me ponho a agir polìticamente, então a ação política se torna importante para mim, e não o agir integralmente. Por outro lado, se reconheço que agir integralmente é importante, e sigo por êsse caminho, então a ação política, a ação religio-

sa, a ação econômica, se exercerá de maneira correta, profunda, fundamental. Se me desinteresso dos outros campos e cuido apenas da transformação política, econômica ou social, então, o que crio é puro sofrimento.

Tudo depende do que considerais mais importante. Se atribuís maior valor à coisa que realmente o tem — que é o todo — resultará daí ação adequada, na política, etc. Tudo depende de vós mesmo. Se vos aplicardes àquele todo, em vez de dizerdes: "vou agir pòliticamente, socialmente", promovereis transformações, fundamentais, políticas, religiosas e econômicas.

O que tem importância, nesta questão, é isto: "Que é que buscais?". Qual é o problema principal, em vossa vida? Não existe de fato divisão entre principal e secundário; entretanto, na investigação, descobrireis que logo que começais a compreender o todo, não há nem secundário nem primário ;então, o todo é o caminho. Mas se dizeis que precisais alterar determinado setor, então não compreendereis o todo. Nenhuma modificação da parte — como o setor político — pode alterar o todo; isso está històricamente comprovado. Mas se conheceis o processo total do "eu", se estais cônscio dêle, e o dissolveis, e se há amor — operar-se-á então uma revolução fundamental na Índia.

19 de janeiro de 1952.

VI

JULGO importante que se compreenda a relação entre o orador e vós, porque as pessoas têm a tendência de ouvir estas palestras e discussões com a mais completa indiferença, ou com curiosidade ou uma certa atitude de ceticismo; ou têm natural inclinação a assumir uma atitude pro ou contra, uma atitude de aquiescência. Para mim, tôdas essas maneiras de proceder são totalmente erradas. O que importa é compreender que vós e eu somos dois indivíduos, e não um grupo coletivo pertencente a duas seitas ou religiões; que estamos, como dois indivíduos, procurando resolver o problema. E' essa, sempre, a minha atitude, e não a de um homem que se senta num palanque para vos dar conselhos sôbre o que deveis fazer, ou para ditar a lei, o que seria muito tolo. Mas se vós e eu, como dois indivíduos, pudermos examinar o problema, compreendê-lo, penetrá-lo até à raiz, talvez, então, ficaremos aptos para ajudar-nos a dissolver os numerosos problemas que se apresentam a cada um de nós. Essa é a única atitude,

assim me parece, que uma pessoa inteligente, prêsa na presente confusão, deve adotar. Somos tão inclinados a crer, a aceitar — e isso ,porque, na crença, na aceitação, há certa segurança, certo refúgio, auto-engrandecimento. Se formos capazes de examinar os problemas com lucidez e sinceridade de propósitos, poderemos resolvê-los fàcilmente. E' muito difícil fazer êsse exame; em geral, estamos já muito corrompidos no nosso pensar e temos muitos direitos adquiridos — econômicos, sociais, psicológicos. E' difícil à maioria pensar independentemente dêsses fatôres. Todavia, devo lembrar — se mo permitis — que essa é a única maneira de resolver qualquer um dos inumeráveis problemas pendentes de solução; vós, como indivíduo, e eu, como indivíduo, estamos resolvendo os nossos problemas, no pequeno mundo das nossas relações.

O que temos discutido nas últimas semanas é a questão do "eu" e suas tendências. Chegamos a perceber que o "eu" é a causa fundamental de todos os males ? O "eu", com tôdas as suas extravagâncias e ações sutis é o responsável por todos os nossos males. Todo homem inteligente deve resolver êsse problema do "eu", em vez de procurar contrabalançá-lo, encobrí-lo; deve compreender como, na vida cotidiana, está dando sustento, vitalidade e continuidade ao "eu". Se desejamos resolver qualquer um dos problemas mundiais, cumpre-nos, de certo, compreender todo o processo do "eu", com tôdas as suas complexidades, tanto conscientes como inconscientes. E' o que temos discutido e considerado, sob diferentes aspetos.

A religião organizada, a crença organizada e os estados totalitários são muito semelhantes, visto que têm

o mesmo escopo de destruir o indivíduo pela compulsão, pela propaganda, por várias formas de coerção. A religião organizada faz a mesma coisa, embora de maneira diferente, e por ela sois também obrigados a crer, a aceitar, sois também condicionados. A tendência geral, tanto da esquerda como das chamadas organizações espirituais ,é moldar a mente segundo determinado padrão de conduta; porque o indivíduo, quando entregue a si mesmo, se torna um rebelde. Por isso, destrói-se o indivíduo, pela compulsão, pela propaganda: é êle controlado, dominado, a bem da sociedade, do Estado, etc. As chamadas organizações religiosas fazem a mesma coisa, com a diferença apenas de que o fazem um pouco mais disfarçadamente, um pouco mais sutilmente. Porque, também lá, os indivíduos devem crer, devem reprimir, devem controlar, etc. etc. Todo o processo visa a dominar o "eu", de uma ou de outra maneira. Pela compulsão, busca-se promover a ação coletiva. E' êsse o alvo da maioria das organizações, quer econômicas, quer religiosas. Querem ação coletiva, o que significa que o indivíduo deve ser destruído; em última análise, só pode significar isso. Aceitais a esquerda, a teoria marxista, ou as doutrinas hinduistas, budistas ou cristãs; e por essa maneira esperais promover ação coletiva. Sem dúvida, cooperação é coisa muito diferente de coerção.

Como se promove a ação coletiva, ou, como deve ser promovida? Até agora ela tem sido promovida pela crença, pela promessa econômica de um estado de prosperidade, pela promessa de um futuro brilhante; ou o tem sido pelo chamado método espiritual, pelo mêdo, pela compulsão, e por várias formas de recompensa.

Não ocorre cooperação só quando existe inteligência não coletiva, nem coletiva nem individual? E' sôbre isso que desejo discorrer nesta tarde.

Para estudarmos o problema com proveito, deveis descobrir qual é a função da mente. Que entendemos por "mente"? Como já acentuei, não estais apenas me ouvindo, estamos todos investigando juntos a função da mente. E' só por acaso que estou aqui, sôbre êste estrado. Na realidade, vós e eu estamos examinando o problema juntos, investigando juntos a questão.

Ao observardes a vossa própria mente, estais observando não apenas os chamados níveis superiores da mente, mas também o inconsciente: estais vendo o que a mente realmente faz. Não é assim? Essa é a única maneira em que se pode investigar. Não deveis sobrepor (ao que a mente faz) o que ela deveria fazer, como deve pensar ou como deve agir, etc. — pois isso redundaria em fazer meras afirmativas. Isto é, se dizeis que a mente deve ser *isto* ou não deve ser *aquilo,* pondes têrmo a tôda investigação e a todo o pensar; e também, se citais alguma grande autoridade, parais de pensar. Não é verdade? Se citais Sankara, Buda, Cristo ou XYZ, pondes ponto final à busca, ao pensar, à investigação. Assim, devemos precaver-nos a êsse respeito. Deveis pôr de parte tôdas essas sutilezas da mente e saber que estais investigando, junto comigo, êste problema do "eu".

Qual é a função da mente? Para a descobrir precisais saber o que a mente está, na realidade, fazendo. Que faz a vossa mente? Ela é todo um processo de pensamento, não é verdade?

De outra maneira, a mente não existe. Quando a mente não está pensando, consciente ou inconscientemente, quando não está verbalizando, não existe consciência. Cumpre-nos averiguar o que a mente faz — tanto a mente de que nos servimos em nossa vida diária, como a mente de que a maioria de nós não está cônscia — cumpre-nos averiguar o que a mente faz com relação aos nossos problemas. Devemos examinar a mente, tal como ela é, e não como deveria ser.

Pois bem, que é a mente, quando em funcionamento? Ela, de fato, é um processo de isolamento, não achais? Fundamentalmente, é isso o que ela é. E' isso que constitui o processo do pensamento, — pensar de maneira isolada, embora permanecendo coletiva. Observando o vosso próprio pensar, vereis que êle é um processo isolado, fragmentário. Estais pensando em conformidade com vossas reações, as reações de vossa memória, vossa experiência, vosso saber, vossa crença. Estais reagindo a tudo isso. Não é exato? Se digo que há necessidade de uma revolução fundamental, reagis imediatamente. Haveis de objetar à palavra "revolução", se tendes bons "investimentos" (vantagens) — espirituais ou de outra natureza. Vossa reação, pois, depende do vosso saber, de vossas crenças, de vossa experiência. Isso é um fato bem óbvio. Há várias formas de reação. Dizeis: "Devo ser fraternal, devo cooperar, devo ser cordial, devo ser bondoso", etc. Que é isso? Só reações; mas a reação fundamental do pensar é um processo de isolamento. Não aceiteis isso prontamente, porque estamos investigando juntos. Estais observando o processo de vossa mente, cada um de vós, o que significa que estais observando vossa própria

ação, crença, saber, experiência. Tudo isso dá segurança, não é verdade? Dá segurança, dá fôrça, ao processo do pensar. Como já apreciamos ontem, êsse processo só serve para fortalecer o "eu" ,a mente — não importando que êsse "eu" seja "alto" ou "baixo". Tôdas as nossas religiões, tôdas as nossas sanções sociais, tôdas as nossas leis, existem para o amparo do indivíduo, do eu" individual, da ação separativa; e, do lado oposto, temos o estado totalitário. Se penetrardes mais fundo no inconsciente, vereis que lá também está em funcionamento o mesmo processo. Lá, somos o coletivo, influenciado por ambiente, clima, sociedade, pai, mãe, avô. Sabeis tudo isso. Lá também existe o desejo de impor, de dominar, como indivíduo, como "eu".

Nessas condições, não é a função da mente, como a conhecemos e como funcionamos em cada dia, um processo de isolamento? Não estais em busca da salvação individual? Haveis de ser alguém no futuro; ainda nesta vida, haveis de ser um grande homem, um grande escritor. Tôda a nossa tendência é para estarmos separados. Pode a mente fazer alguma coisa mais do que isso ? E' possível à mente não pensar de maneira separativa, de maneira egocêntrica, fragmentária? E' impossível. Por esta razão, rendemos culto à mente, a mente é sobremodo importante. Não é verdade que qualquer pessoa que possui um bocadinho de sagacidade, um bocadinho de vivacidade, um pouquinho de ilustração e saber, logo se torna muito importante na sociedade? Sabeis quanto venerais os homens que são intelectualmente superiores, os advogados, os professôres, os oradores, os bons escritores, os grandes explicadores e ex-

positores! Não é verdade? Tendes cultivado o intelecto e a mente.

A função da mente é existir isolada; de outra maneira, vossa mente não existe. Depois de cultivarmos êste processo durante séculos, vemos que é impossível cooperar; econômicamente e religiosamente, só somos empurrados, compelidos, tangidos pela autoridade, pelo mêdo. Se tal é a situação de fato, não apenas conscientemente, mas também nos níveis mais profundos, em nossos motivos, nossas intenções, nossas ocupações, como é possível qualquer cooperação? Como podemos unir-nos inteligentemente, para fazer alguma coisa? Sendo isso quase impossível, as religiões e os partidos sociais organizados forçam o indivíduo a certas formas de disciplina. Torna-se então obrigatória a disciplina tendo em vista a união e a cooperação.

Assim, enquanto não compreendermos como transcender êsse pensar separativo, êsse processo de exaltação do "eu" e da mente, quer sob forma coletiva, quer sob forma individual, não teremos paz; teremos constante conflito e guerras. Pois bem, o nosso problema consiste em descobrir a maneira de dissolver, de eliminar o processo separativo do pensamento. Pode o pensamento jamais destruir o "eu" — sendo o pensamento processo de verbalização e de certas reações? O pensamento não passa de reação; o pensamento não é criador; é apenas a expressão verbal da criação, a que chamamos pensamento. Pode êsse pensamento pôr fim a si mesmo? É o que estamos procurando averiguar. Penso segundo esta diretriz: "Preciso disciplinar-me", "preciso identificar-me", "Preciso pensar de maneira mais adequada", "Preciso ser *isto*, preciso ser *aquilo*".

O pensamento está forçando, impelindo, disciplinando a si mesmo ,para ser alguma coisa ou para não ser alguma coisa. Não é isso um processo de isolamento? Logo, não é a inteligência integrada, capaz de funcionar como um todo e da qual, tão sòmente, pode provir a cooperação. Percebeis o problema, agora? Não vos estou apresentando um problema. Deveis saber que êste problema é vosso, se já o não sabeis. Êle poderá ser enunciado de várias maneiras. Mas, fundamentalmente, o problema é êste.

Como chegareis a pôr fim ao pensamento? Ou, melhor, como chegará o pensamento ao seu têrmo? Refiro-me ao pensamento que é isolado, fragmentário e parcial. De que maneira ides proceder? A disciplina o destruirá? Aquilo a que chamais disciplina o destruirá? E' bem evidente que não conseguistes tal resultado em todos êstes longos anos; do contrário não estaríeis aqui. Cumpre-vos examinar o processo de disciplinamento, o qual é apenas um processo de pensamento, em que há sujeição, repressão, contrôle, dominação — tudo atingindo o inconsciente. Êste se imporá mais tarde, ao ficardes mais velho. Tendo tentado a disciplina por tanto tempo, inùtilmente, deveis ter reconhecido que a disciplina não é o processo capaz de destruir o "eu". O "eu" não pode ser destruído pela disciplina, porque a disciplina é um processo de fortalecimento do "eu". Entretanto, tôdas as vossas religiões a defendem: tôdas as vossas meditações, tôdas as vossas asserções estão baseadas nisso. O saber o destruirá? A crença o destruirá? Por outras palavras, tudo o que estamos fazendo presentemente, tôdas as atividades a que estamos entregues com o fim de desarraigar o "eu", darão tal resul-

tado? Tudo isso, fundamentalmente, não é um esfôrço vão, dentro de um processo de pensamento, um processo de isolamento, um processo de reação? Que fazeis, ao reconhecer, fundamental e profundamente, que o processo do pensamento não pode pôr fim a si mesmo? Que acontece? Observai-vos, senhores, e dizei-mo. Ao ficardes inteiramente cônscios dêsse fato, que acontece? Compreendeis, então, que tôda reação é condicionada, e que, mediante condicionamento, não haverá liberdade, nem no começo nem no fim. A liberdade está sempre no comêço, e não no fim.

Ao perceberdes que tôda reação é uma forma de condicionamento e que, por conseguinte, dá continuidade ao "eu", por diferentes maneiras, que sucede realmente? Precisais ter muita lucidez a êsse respeito. A crença, o saber, a disciplina, a experiência, todo o processo que visa ao resultado ou ao fim, a ambição, o vir-a-ser alguma coisa nesta vida ou na outra, na vida futura, — tudo isso é processo de isolamento, processo que gera destruição, sofrimento, guerras e do qual não há fugir pela ação coletiva, por mais que vos ameacem com campos de concentração, etc. Estais bem cônscios dêsse fato? Qual é o estado da mente que diz: "E' exato", "Êste é o meu problema", "E' justamente o estado em que me acho", "rejeitei", "Vejo o que o saber e a disciplina podem fazer, o que a ambição faz"? Há aí, por certo, um processo diferente em funcionamento.

Vemos os caminhos do intelecto: não vemos o caminho do amor. O caminho do amor não pode ser encontrado por meio do intelecto. O intelecto ,com tôdas as suas ramificações, com todos os seus desejos, ambições, em-

penhos, tem de cessar, para que o verdadeiro amor venha à existência. Não sabeis que, quando amais, cooperais, não estais pensando em vós mesmos? Essa é a mais alta forma de inteligência — não quando sois amado como uma entidade superior ou quando vos encontrais em boa situação, — o que nada é senão mêdo. Onde houver direitos adquiridos, não pode haver amor; só há o processo de exploração, que culmina no temor. O amor só pode começar a existir, quando a mente não existe. Por conseguinte, cumpre-vos compreender todo o processo da mente, o funcionamento da mente. Só então podereis descobrir quando se realizará a revolução fundamental.

Não podeis compreender êsse processo da mente em poucos minutos ou com o ouvir uma ou duas palestras, apenas. Só podeis compreendê-lo quando há em vós mesmos uma grande revolução, profundo interêsse em compreender êsse descontentamento, êsse desespêro. Não estais, porém, em desespêro. Estais bem nutrido, intelectual e fisicamente. Não vos deixais levar ao estado de desespêro. Tendes sempre alguma coisa a que vos encostar. Sempre podeis fugir, ir ao templo, ler livros, ouvir uma conferência, escapar; e o homem que foge não cai em desespêro. Se vos vêdes em desespêro, procurais uma maneira de ficar esperançosos, de fugir para longe do desespêro. Só o homem realmente inconsciente, que abandonou completamente tôdas essas coisas, se despojou de tudo, só êsse descobrirá o que é o amor, e, sem amor, não há transformação, não há revolução, não há renovação. Só há imitação e cinzas; e tal é o estado de nossa civilização, no presente. Só quando sabemos amar uns aos outros, pode haver coope-

ração, ação inteligente, podemos reunir-nos no interêsse de qualquer coisa. Só então é possível descobrir o que é Deus, o que é a verdade. Ora, desejamos achar a verdade por meio do intelecto, por meio da imitação — o que é idolatria, quer os ídolos sejam feitos pela mão, quer pela mente. Só quando, pela compreensão, abandonais completamente a estrutura total do "eu", só então vem aquilo que é eterno, atemporal, imensurável; não podeis ir a êle; êle vem a vós.

PERGUNTA: Pode a raiz de um problema, tal como a avidez, ser completamente extirpada pela vigilância? Há níveis diferentes de vigilância?

KRISHNAMURTI: Isso constitui um problema para o interrogante. Será também um problema para cada um de nós? A avidez não pode ser desmanchada aos pedacinhos, a pouco e pouco. O que desmanchais, pouco a pouco, o que pondes de parte, vai converter-se, de novo, em avidez, sob outra forma. Conheceis os efeitos da avidez, na sociedade, nas relações entre dois indivíduos; conheceis todo o processo da avidez, econômica e espiritual, da avidez de ser. Pergunta o interrogante como é possível extirpar completamente a avidez, porquanto êle sente que deve haver um método, um processo de atacar o mal pela raiz. Se dizeis: "Devo livrar-me dela lentamente, gradativamente, até tornar-se perfeito", isto é apenas uma maneira de evitar o problema. Existirá uma maneira de extirpá-la completamente? Vejamos.

Antes de mais nada, porque desejais libertar-vos da avidez? Não será porque desejais obter alguma outra

coisa, desejais ser alguma outra coisa, porque os livros dizem que deveis libertar-vos dela, ou porque observais os seus resultados na sociedade? Qual é o impulso que vos leva a dizer "Preciso acabar com a avidez"? — É muito importante descobrí-lo. A raiz pode ser vós mesmo, quando dizeis: "não quero ser isto, quero ser aquilo". O desejo de ser, positivo ou negativo, pode ser a raiz. Estais sempre dizendo "farei *isto,* farei *aquilo*". Com o desmanchardes isto, com o vos tornardes *aquilo,* não compreendestes o motivo, compreendestes? Pode a avidez ser destruida ,pela vontade, pela negação, pela repressão, pelo contrôle, ou pela identificação com algo que não seja avidez? Podeis destruí-la? Se o tentastes, o próprio processo de vos identificardes com alguma coisa, não será também avidez? Por certo, é avidez também, pois desejais evitar as dores, os conflitos, os sofrimentos da avidez, sem a terdes de fato dissolvido. Estais tentando ser uma outra coisa. O motivo, o desejo, continua o de ser alguma coisa. O desejo de ser alguma coisa não é justamente a natureza da avidez? Querer ser alguma coisa é avidez. Podeis viver neste mundo, sem ser alguma coisa? Podeis viver sem ser alguma coisa, sem títulos ,diplomas, cargos, funções? Enquanto não estiverdes disposto a ser nada, haveis de ser ávido, de diferentes maneiras.

Estais verdadeiramente cônscio dessa função da avidez e de suas destrutivas atividades? Pode a mente — afinal de contas a mente é avidez — pode a mente ser nada, não estar procurando, não estar desejando ser, vir-a-ser? Pode, sem dúvida. Só então estais preenchido; só então não pedis, não exigis que sejais preenchido. Mas, não quereis ser nada. Tôda a vossa luta é

para serdes alguma coisa, não é verdade? Se sois escriturário, desejais ser algo superior, ganhar melhor ordenado, ter um cargo melhor, prestígio maior, mais ambições, estar perto do Mestre, longe do Mestre, ter uma promessa de recompensa futura. Não quereis lançar fora tudo isso, para serdes simples, para serdes "nada", não quereis ficar despojado de tudo. Naturalmente, enquanto não alcançardes êsse estado, haverá avidez, sob formas diferentes; e não podeis alcançar êsse estado sem serdes Nada. Vossa experiência do Nada é uma projeção do "eu" e, portanto, um fator que fortifica o "eu". Não se pode experimentar o "estado de ser nada", assim como não se pode experimentar o "estado de amor". Quando experimentais algo, o amor não existe; porque, como ontem expliquei, o que chamamos experiência é apenas uma projeção de nosso próprio desejo e ,por conseguinte, um meio de fortificar o "eu" Assim, se perceberdes tudo isso, se estiverdes bem cônscio de tudo isso —não apenas num nível superficial — como ter poucas coisas, só um ou dois ternos — se estiverdes cônscio de todo o significado de vosso desejo de vos transformardes de uma coisa noutra coisa, se tiverdes pleno conhecimento de todo o processo da avidez, então, a avidez desaparecerá.

Evidentemente, existem muitas camadas de percebimento. O espírito de admiração diante de tudo o que se passa, — ante as árvores, o luar, a pobre criança mal-nutrida, os famintos, os beberrões, — tudo isso é percebimento superficial, são observações superficiais. Mas se podemos descer um pouco mais no fundo, haverá o percebimento de que estamos condicionados, não apenas no nível consciente, mas num nível mais pro-

fundo — percebimento que nos vem por meio de sonhos ou de movimento, quando há um pouco de espaço entre dois pensamentos, uma certa observação não pensada e não meditada. Quando sois capaz de penetrar mais no fundo, isto é, quando a mente está de todo livre de reflexão, de reconhecimento, quando a mente se acha tranqüila, sem "experimentar", quando a mente não está vendo o que é a tranqüilidade, — há, então, inteligência.

A mente está sempre verbalizando a experiência; por conseguinte, dá fôrça à memória e, portanto, ao "eu". Por certo, quanto mais cônscios estamos dos movimentos do "eu", tanto mais cônscios estamos de todos os nossos sentimentos. Compreendemos cada pensar, cada movimento do pensamento; não só o observamos, mas também vivemos com êle, sem o afastarmos de nós. Isso é que dá maturidade, e não a idade, nem o saber, nem a crença.

PERGUNTA: Todos nós, os teosofistas, estamos fundamentalmente interessados na Verdade e no Amor, tanto como vós estais. Não podíeis ter ficado na nossa Sociedade, ajudando-nos, em vez de vos separardes de nós e fazer-nos acusações?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, muitos de vós estais achando isso divertido; outros estão um tanto ou quanto agitados, outros apreensivos. Não o estais sentindo? Vamos investigar.

Fundamentalmente, estamos, vós e eu, procurando a mesma coisa? Pode-se procurar a verdade no seio de uma organização qualquer? Podeis pôr um rótulo em

vós mesmos, e procurar a verdade? Podeis ser hinduísta e dizer "Estou procurando a verdade"? Porque, então, o que estais procurando não é a verdade, mas a confirmação de uma crença. Podeis pertencer a qualquer organização, a qualquer grupo espiritual, e procurar a verdade ? Pode-se achar a verdade coletivamente ? Conheceis o amor, quando credes ? Não sabeis que quando credes fortemente numa coisa e eu creio no contrário, não existe amor entre nós ? Quando credes em certos princípios hierárquicos e em certas autoridades, e eu não creio, pensais que existe comunhão entre nós ? Quando tôda a estrutura do vosso pensar é o futuro, o vir-a-ser por meio da virtude, quando ides ser alguém no futuro, quando o processo do vosso pensar está baseado na autoridade e em princípios hierárquicos, pensais que existe amor entre nós ? Podeis servir-vos de mim, por conveniência, e eu servir-me de vós, por conveniência. Mas isso não é amor. Vejamos com clareza. Não vos agiteis a respeito destas questões. Não as compreendereis, se vos agitais por causa delas.

Para descobrir se realmente estais em busca da verdade e do amor, deveis investigar, não achais? Se investigásseis, se descobrísseis, interiormente, e, portanto, agísseis exteriormente, que aconteceria? Ficaríeis fora (da vossa sociedade) não é verdade? Se duvidásseis de vossas crenças, não estaríeis de fora? — Enquanto houver sociedades e organizações, — as chamadas organizações espirituais, com "direitos adquiridos", na propriedade, na crença, no saber — as pessoas a elas pertencentes, evidentemente não estão em busca da verdade. Podem dizer que estão. Cabe-vos, pois, averiguar se estamos, fundamentalmente, buscando

a mesma coisa. Podeis ver a verdade por intermédio de um Mestre, por intermédio de um *guru*? Pensai bem nisso, senhores. E' vosso problema. Pode-se descobrir a verdade através do tempo, no vir-a-ser alguma coisa? Pode-se descobrir a verdade por intermédio do Mestre, do discípulo, do *guru*? Que podem êles dizer-vos, fundamentalmente? Só podem aconselhar-vos a dissolver o "eu". Estais fazendo isso? Se não estais, então, evidentemente, não estais procurando a verdade. Não sou eu que vos estou dizendo que não estais procurando a verdade, mas o fato é que se dizeis: "Vou ser alguém", se ocupais uma posição de autoridade espiritual, não podeis estar em busca da verdade. Sou muito claro, a respeito dêsses assuntos e não estou procurando persuadir-vos a aceitar ou a rejeitar — o que seria estupidez. Não posso fazer-vos acusações, como diz o interrogante. Apesar de me ouvir há vinte anos, continuais com as vossas crenças; porque é uma coisa muito reconfortante sabermos que temos quem cuide de nós, que temos mensageiros especiais para o futuro, que ides ser algo belo, agora, no final dos tempos. Assim continuareis, porque tendes os vossos "direitos adquiridos, em vossa propriedade, vosso emprêgo, crença, saber. Não duvidais dêles. A mesma coisa acontece no mundo inteiro. Não é só êste ou aquêle grupo de indivíduos, mas todos os grupos — católicos, protestantes, comunistas, capitalistas — se acham nas mesmas condições. Todos têm os seus direitos adquiridos. O homem que é deveras revolucionário, que interiormente está percebendo a verdade sôbre tôdas essas coisas ,êsse homem achará a verdade. Saberá o que é o amor, não numa data futura, porque isso nenhum

valor tem. Quando um homem tem fome, quer comer agora e não amanhã. Mas vós tendes cômodas teorias, sôbre o tempo, sôbre o correr do tempo, a que estais presos. Por conseguinte, onde a ligação, onde a relação entre vós e mim, ou entre vós e aquilo que estais tentando descobrir? E, no entanto, todos falais de amor, de fraternidade, e tudo o que fazeis é o contrário. E' um fato evidente, senhores, que no momento em que há organização, há necessàriamente intrigas para a conquista de postos, de autoridade; conheceis muito bem tudo isso.

Assim, o necessário não é que eu vos acuse ou que vós me acuseis e me expulseis. O problema não é êste. E' claro que tendes de repelir um homem que vos diz que o que credes, o que fazeis é errado; ou, interiormente, deverieis fazê-lo, porque eu digo que me oponho áquilo que desejais. Se realmente desejais procurar, se realmente desejais achar a verdade e o amor, deve haver unidade de propósitos, abandono completo de todos os vossos direitos adquiridos; o que significa que deveis ficar interiormente vazios, pobres, sem estar buscando, sem estar conquistando posições de autoridade, como expoentes ou portadores de mensagens dos Mestres. Precisais estar despojados de tudo. Como, entretanto, não desejais isso, naturalmente adquiris rótulos, crenças e várias formas de segurança. Senhores, não rejeiteis o que digo; averiguai se de fato estais — como dizeis — fundamentalmente em busca da verdade. Tenho minhas dúvidas. Duvido, realmente, quando vos ouço dizer "estou em busca da verdade". Não podeis procurar a verdade, porque a vossa busca é uma projeção de vós mesmos, de vossos próprios desejos; vosso "ex-

perimentar" dessa projeção é uma experiência que desejais. Mas quando não estais a buscar, quando a mente se acha quieta e serena, sem nenhum desejo, nenhum motivo, nenhuma compulsão, vereis então que vem o êxtase. Para que o êxtase venha, precisais estar despojado de tudo, vazios, sós. A maioria das pessoas ingressa em tais organizações porque são gregárias, porque elas são grêmios e o ingressar em grêmios tem suas vantagens, socialmente falando. Pensais que ides achar a verdade, enquanto estais em busca de confôrto, de satisfação, de segurança social? Não, senhores; deveis ficar sós, sem arrimo algum, sem amigos, sem *guru*, sem esperança, de todo desnudos, e vazios, interiormente. Só então, assim como se pode encher uma taça vazia, pode o vazio interior encher-se com aquilo que é eterno.

20 de janeiro de 1952.

VII

SERIA, talvez, proveitoso, examinarmos nesta tarde o problema e o pleno significado do sofrimento e da aflição. Creio que antes de entrarmos nesta questão, devemos considerar o que se entende pela palavra "compreensão"; porque, se formos capazes de compreender o significado profundo do sofrimento, talvez possamos, então, libertar a mente, de todo, daquelas reações a que damos o nome de sofrimento, que é um sentimento. Releva, portanto, verificar o que se entende por "compreensão".

E' a compreensão raciocínio ou dedução? E' a compreensão mero produto de um processo intelectual ou verbal, ou é coisa inteiramente diferente da dedução, da apreensão intelectual? Podemos por meio de cuidadosa análise resolver um problema psicológico profundo? Compreensão não é apreensão, ou reconhecimento, ou percebimento do problema na sua inteireza? A mente só é capaz de raciocinar, de reunir várias coisas, deduzir, analisar, comparar, ter conhecimento, mas

pode a mente, que é um processo de pensamento, em que está compreendido o tempo, que é memória e que é acumulação de crenças, de conhecimento, pode a mente ,em tais condições, compreender o inteiro significado de um problema? Em outras palavras, pode o processo do tempo que é essencialmente um processo da mente, um processo de pensar, resolver um problema? E' especialmente importante, para a maioria de nós, averiguarmos isso. Para os mais de nós, o instrumento que mais diligentemente temos cultivado é a mente, o intelecto, com o qual nos abeiramos de um problema, na esperança de resolvê-lo.

Perguntamos a nós mesmos: "pode a mente, que é processo de tempo, resultado de ontem, hoje e amanhã, ser instrumento de compreensão? Pode a mente perceber o problema na sua inteireza? Ocorre a compreensão através do tempo, ou nada tem ela que ver com o tempo? Se do raciocínio, da dedução, da análise, que é processo de tempo, dissociarmos o processo da compreensão, talvez estejamos aptos a compreender, na sua inteireza, e num relance, um problema qualquer. Isso é importantíssimo, não achais? Se desejamos compreender o pleno significado do sofrimento, precisamos eliminar inteiramente o processo do tempo. O tempo não dissolverá o processo de formação do sofrimento, nem nos ajudará a dissolver o sofrimento. Só pode ajudar-nos a esquecê-lo, a evitá-lo, a adiá-lo. Mas a sensação de angùstia permanece.

Vinde, pois, esta tarde, para aqui ,como dois indivíduos, e não como grupos de pessoas que querem pensar coletivamente no problema. Vinde como dois indivíduos examinar êste problema do sofrimento, sem

introduzirdes o processo do tempo, como meio de compreender, de resolver. Em outras palavras, podemos perceber êste problema do sofrimento, na sua inteireza? Só quando vemos uma coisa completamente, totalmente, integralmente, existe a possibilidade de sua dissolução, e não de outra maneira. A possibilidade da dissolução não reside no "processo" a que chamamos a mente, raciocínio, pensamento. Eis por que digo que é necessário compreendermos a palavra "compreensão"; precisamos apreender o significado dessa palavra, pois creio que só assim teremos a possibilidade de atingir a raiz do problema do sofrimento.

Se desejo compreender alguma coisa, devo, em primeiro lugar, amá-la. Não é verdade? Devo ter comunhão com ela. Não devo ter barreira alguma. Não deve haver resistência. Não deve haver apreensão, mêdo, que se traduzam em condenação, justificação, ou num processo, de identificação. Espero que me estejais seguindo. Esquecei as palavras, por ora; não é preciso que as palavras que emprego tenham um valor para vós; mantende-vos em contacto, em comunhão com o que digo, com o espírito do que digo, que não é mera verbalização. Para se compreender algo, é necessário o amor. Se desejo compreender-vos, devo amar-vos, não devo ter preconceito algum. Conhecemos tôdas essas coisas. Dizeis "Não tenho preconceito", — mas todos nós somos um feixe de preconceitos, de antagonismos, e colocamos sempre cortinas verbais, para nossa proteção. Afastemos essa cortina e investiguemos a significação do sofrimento. Creio que só assim seremos capazes de resolver êsse problema, enormemente complexo, do sofrimento.

Vemos que a compreensão requer comunhão; a compreensão requer uma mente capaz de perceber o desconhecido, o inominável; porque, a mente que deseja compreender alguma coisa, deve estar, ela própria, completamente tranqüila — o que não é um estado de reconhecimento. Se queremos que haja compreensão, tem de haver comunhão, que é amor, não num determinado nível, mas em todos os níveis. Quando amamos alguém, isso é um processo de qualidade atemporal. Não podeis dar-lhe nome algum. Não existe barreira de temor, de recompensa, de condenação; não existe, tão pouco, identificação com outra pessoa — o que vem a ser um processo mental. Se pudermos realmente perceber a significação daquela palavra, poderemos entrar, então nos problemas do sofrimento. Se existe aquêle sentimento de comunhão, de verdadeiro amor ao problema do que chamamos sofrimento, estaremos aptos a compreendê-lo integralmente; de outro modo, estaremos apenas a fugir dêle, a encontrar vários meios de fuga. Assim, se possível, coloquemo-nos nesta posição, só assim chegaremos a compreender aquilo que se chama sofrimento. Não deve existir barreira mental, nem preconceito, nem condenação, nem justificação pela tradição. Estaremos então aptos — vós e eu — como indivíduos, a nos abeirarmos dessa coisa que nos consome, à maioria de nós: o sofrimento.

A energia em movimento, em ação, é desejo. Não é verdade? Êsse desejo, quando contrariado, é dor, quando satisfeito, é prazer. Para a maioria de nós, a ação é um processo de satisfação do desejo. "Eu quero" e "Eu não quero" governam a nossa atitude. Aquela energia, que é canalizada, identificada como

"eu", através do desejo, está sempre em busca de satisfação. O desejo, no seu movimento, na sua ação, é um processo de satisfação ou de negação (recusa). Há várias formas de satisfação, e também várias formas de negação, e cada uma delas aprisiona, cada uma delas produz diferentes espécies de sofrimento. Quando há sofrimento, há várias formas de resolvê-lo, várias formas de evitá-lo.

Conhecemos o sofrimento em níveis diferentes. Não é verdade? O sofrimento físico, a dor física, o sofrimento causado pela morte, o sofrimento que vem quando não há satisfação, o sofrimento resultante de um estado de vazio, o sofrimento causado pela não satisfação da ambição, o sofrimento de não podermos igualar o modêlo ou o bom exemplo, o sofrimento do ideal, e, por fim, o sofrimento da identificação. Conhecemos várias formas de sofrimento, em diferentes níveis, psicológicos e fisiológicos; e conhecemos, igualmente, as várias vias de fuga: bebida, ritos, recitação de palavras ,observância da tradição, a expectativa do futuro, de dias melhores, de melhores circunstâncias. Conhecemos tôdas essas vias de fuga, psicológicas, físicas e materiais. Quanto mais fugimos, tanto maiores e tanto mais complexos se tornam os problemas. Quando considerarmos o problema, tôda a nossa estrutura é uma série de fugas. Afastais o sofrimento com explicações; a explicação tem para vós maior importância do que a profundeza, o significado, a vitalidade do sofrimento. Explicações, afinal de contas, não passam de meras palavras, por mais sutis e razoáveis que sejam. Satisfazemo-nos com palavras — o que é outra forma de fuga.

Levamos todo o nosso processo mental, ao nos abeirarmos de um problema, tal como o do sofrimento. Temos a nossa base, constituída de uma série de fugas, justificações e condenações. Não há, por isso, comunhão direta e vital com o problema do sofrimento. Sois então uma entidade diferente, a considerar o sofrimento. Estais tentando resolver, investigar, analisar o problema do sofrimento. Sois uma entidade diferente. E há outra coisa que sofre, nesse processo de análise, condenação e justificação.

O caso não é que sois uma entidade que se acha em sofrimento ou que sofre. O sofrimento não é diferente do pensador. A entidade que pensa, que sente, que deseja, ela própria é o sofrimento. Não é correto julgar que o pensante é diferente do sofrimento e que vai dissolver o sofrimento. O próprio processo do desejo, que é energia em ação, é um processo de frustração, sofrimento, realização, dor. Não sois diferente do sofrimento. Eis o quadro verdadeiro. Podemos ampliá-lo mais, verbalmente, pintá-lo mais minuciosamente; mas o problema é êste, não achais ? Não sois diferente do sofrimento; logo, não podeis dissolver o sofrimento. Não podeis analisar-vos como uma entidade separada, que contempla o sofrimento; tão pouco podeis apelar para o analista, para que êle o dissolva; nem podeis fugir, ou afastar o sofrimento direto, despendendo energias em atividades sociais.

A maior parte dos nossos esforços ,a maior parte das nossas intenções, a busca que empreendemos, equivalem a dizer: "Sou diferente do que sinto, e como hei de dissolver isso?" Trata-se, realmente, de uma questão

importante, que não pode ser desprezada nem respondida com astúcia. Tendes de encará-la, ainda que todo o vosso ser se revolte; porque fomos criados para pensar que podemos exercer ação sôbre o pensamento. Não sois absolutamente uma entidade diferente do vosso pensamento, do vosso desejo, ambição, da escada que estais galgando, espiritual ou sociològicamente. Para compreender êste problema é necessária a comunhão com o todo, e não podeis comungar com o todo se o estais observando parcialmente, como "vós" e "o objeto". Ocorre uma compreensão parcial — que absolutamente não é compreensão — quando pensais que sois uma entidade separada que examina a coisa a que chamais sofrimento.

Vós, pois, sois o criador do sofrimento; sois a entidade que sofre, e não estais separado do sofrimento, da dor. Enquanto houver separação entre vós e o sofrimento, só haverá compreensão parcial, uma visão parcial da coisa; o que significa, realmente, que tendes de abandonar tôdas as explicações prévias; o que significa que vos vêdes frente a frente, não como dois processos separados, mas como um processo uno, como a coisa a que chamais sofrimento. Quando realmente amais, não existe barreira alguma; há então comunhão. O amor não é uma identificação com outra pessoa. Não existe identificação, no amor. Êle é apenas um "estado de ser".

Podeis examinar êsse problema do sofrimento, sofrimento, não apenas como reação da compaixão, de uma esperança ou um malôgro, mas também aquêle sofrimento tão avassalador, tão profundo, que não há descrição verbal que o possa exprimir? Podemos, vós

e eu, estar em comunhão com êle? Não devemos fazer do sofrimento uma virtude, como meio de compreensão, como meio de progresso.

Na realidade, que é êsse sofrimento? Quando sofreis, com a morte de vosso filho, há uma qualidade de sofrimento; quando vêdes as crianças pobres e mal-nutridas, há outra qualidade de sofrimento; quando estais lutando para alcançar o tôpo da escada e não lograis bom êxito, essa é uma terceira qualidade de sofrimento; quando não estais realizando o ideal tendes sofrimento. O sofrimento, por certo, é um processo de desejo, que sem cessar cresce e se multiplica, sempre em tôrno do "eu". Posso compreender todo êsse processo da energia em movimento, como desejo, e pôr têrmo ao desejo, e não à energia? O que sabemos é que a energia em ação é desejo — sendo desejo o "eu", o "eu" que progride, o "eu" que realiza, o "eu" que adia.

Posso compreender todo êsse processo do sofrimento e do desejo e, dêsse modo, acabar com o desejo, como movimento do "eu", e depois não voltar, mas permanecer naquele estado de energia que é inteligência pura? A esta questão não se pode responder "sim" ou "não". Não é um problema de colegial. Requer uma grande soma de meditação, meditação não no sentido de exaltar o pensamento até um determinado nível e aí permanecer, o que seria absurdo. Não estamos tratando aqui da meditação. Como disse, requer-se uma grande dose de discernimento, e não podeis ter discernimento, quando há qualquer espécie de desfiguração produzida pelo desejo.

A energia é inteligência pura; e desde que a compreendais ou a deixeis manifestar-se, vereis que o desejo tem muito pouca significação. Êste é o nosso problema, em sua inteireza, não achais? — como dar forma ao desejo, como moldá-lo sociológica ou espiritualmente. De que maneira se deve moldar o "eu", ou "desejo", para uso coletivo, ou para uso individual? Como se consegue isso?

Enquanto o desejo não for plenamente compreendido, plenamente assimilado, tem de haver sofrimento; porque não podemos ter a razão pura que o dissolverá, a inteligência pura, necessária para tal. A razão não pode dissolver o sofrimento, não pode dissolver o desejo. Por conseguinte, é necessário compreender o problema no seu todo, mas não por dedução, por raciocínio, mas pelo percebimento integral da coisa, o que significa amar deveras o problema, amar deveras o sofrimento. Compreendeis? Há pessoas que amam o sofrimento; mas seus corações estão vazios; em vez de amarem um ser humano, amam o sofrimento, — o que é um ideal. Não tendes conhecido pessoas que amam a virtude? Amam o sofrimento, porque lhes faz bem amá-lo; sentem uma certa reação de entusiasmo, um certo bem-estar. Não me refiro, absolutamente, a esta espécie de amor. Quando amais, não há identificação, mas, sim, comunhão; há receptividade franca entre a coisa e vós. Isso é essencial para a compreensão integral do problema.

Como disse, a compreensão não é um processo de tempo; ela não pertence ao tempo. Não digais "hei de compreender amanhã", "irei", "virei", "estarei cada vez mais lúcido (aware)". A compreensão nada tem

em comum com o tempo ou com o processo do tempo, que é o pensar. Assim, a mente não pode resolver o problema do sofrimento. O que então pode resolvê-lo? Se procurais compreender o problema com a vossa mente, então vós o justificais, o condenais, ou vos identificais com êle. A mente que é capaz de compreender plenamente o problema é a mente que não se acha num estado de agitação; a mente capaz de compreender não está em busca de um resultado; não quer encontrar uma solução; ela não diz: "preciso ficar livre do sofrimento, a fim de "experimentar, a fim de ter "mais". Não existe "mais". "Mais" é o sofrimento, que significa "o menos". Assim, se fôrdes capaz de examinar o problema, de maneira completa, não como um "eu" que está olhando, observando, moldando, destruindo, mas como uma mente para a qual observador e coisa observada são a mesma coisa, vereis então como vem o amor que não é sensação, a inteligência que não é do tempo e não é processo de pensamento; e só isso pode resolver êste imenso e complexo problema do sofrimento.

PERGUNTA: Passei os dez melhores anos de minha vida na prisão, por causa de atividades políticas que me ofereciam grandes coisas. Agora, é a desilusão, e me sinto inteiramente consumido. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Outros podem não passar dez anos na prisão, mas passam um ou dois anos no encalço de esperanças enganosas, dedicados a atividades falsas, fazendo alguma coisa a que se entregaram de corpo e alma, para, no fim, verem que tudo é vão. Assim temos procedido, não é verdade? Segue um ho-

mem um determinado caminho, um determinado plano de ação, na esperança de que êle produza grandes coisas, na esperança de que beneficie os entes humanos, liberte os entes humanos, na esperança de que, no final, reinará a compaixão e o amor; e a isso êle dedica a sua vida. Entretanto, um belo dia, descobre que essa coisa é inteiramente vã, isto é, que a causa para a qual viveu não tem mais significação alguma; e o homem fica, emocionalmente, consumido. Não conheceis casos assim? Não sois um dêsses casos? Não estais nesta situação? Não passastes por essa experiência, não sabíeis que estáveis seguindo o caminho do Mestre, do iniciador, político ou religioso, que vos prometia um ideal pela revolução — ideal a que dedicastes o vosso zêlo e a vossa energia, dedicastes a vossa vida, e, no final de tudo, vos vêdes desiludido e consumido, emocionalmente? Trabalhais por uma causa e depois a abandonais. Mas logo vem outro indivíduo, tolo e ignorante, ocupar a vossa vaga. Continua êle a obra, alimentando aquêle fogo inútil. E, se se consome, abandona-o. Mas outro virá substituí-lo. E prossegue o movimento da estultice, em nome da religião, da política, de Deus, da paz — não importa como o chameis. Outro problema surge: Como evitar que os tolos venham empenhar-se na mesma batalha vã, sem utilidade, sem significação?

As sociedades, as organizações são coisas vãs, principalmente as religiosas. Assim, que deveis fazer, quando vos vêdes consumido? Perdestes a elasticidade. Estais envelhecendo. Tôdas as coisas pelas quais lutais não têm significação alguma. E, então, ou vos tornais cínico e amargurado, ou ficais como um inútil pedaço

de lenha, jogado a um canto, no isolamento. Isso é um fato evidente, não é? Sabemos tudo isso, há centenas de exemplos; talvez sejais um dêles. Que deve fazer uma pessoa que se acha nesse estado? Pode o que está morto ser ressuscitado? Pode o que é vão, que é falso, dar o seu alento ao falso? Pode o que está morto voltar sùbitamente à vida, ver o que fêz, dedicar-se ao real, e renovar-se? Tal é o problema, não é? Posso eu, que dediquei a maior parte da minha vida a uma coisa vazia de significação — significação profunda, eterna — posso eu, que perdi aquêle estado, que me consumi inteiramente, encontrar de novo a vida, recuperar o meu zêlo? Creio que sim.

Se quando me vejo inteiramente consumido, se quando compreendo que lutei em vão, em vez de ficar amargurado, eu perceber inteiramente o significado daquilo que fiz, perceber que andei no encalço de um ideal, e que o ideal sempre destrói — porque o ideal não tem significação alguma, o ideal é sempre autoprojeção, o ideal é adiamento, o ideal me impede de compreender *o que é,* impede-me de compreender o todo; se eu puder estar tranqüilo, sem ser atraído noutra direção; se reconhecer todo o processo daquilo que fiz e perceber o que foi que me levou a esperanças falsas e despertou em mim tôda a sorte de ambições; se puder perceber êsse fato, sem fazer nenhum movimento noutra direção, seja de justificação, seja de condenação; se puder permanecer com "êle", "viver com êle", tenho então a possibilidade de reviver, não é verdade? Porque a mente se dedicou a uma coisa da qual esperava resultados, utopias, maravilhas, etc. Se a mente reconhece o que fêz, há renovação, não achais?

Se sei que fiz uma coisa má, uma coisa falsa, se estou cônscio disso, se o compreendo, então, certamente, essa própria compreensão é luz, é o novo.

Mas a maioria de nós não tem paciência ou sabedoria, ou a capacidade de reconhecer silenciosamente o que praticou, sem sentir amargura. Tudo que sei é que gastei em vão a minha vida, e agora aspiro a uma vida nova. Estou ansioso por agarrar a coisa nova. Se tenho essa ânsia de agarrar, então estou de novo perdido. Porque, então, aí está o *guru*, o guia político, a promessa da utopia, para arrastar-me de novo. E vejo-me assim de novo envolvido no mesmo processo de antes. Mas reconhecer êsse processo é ser paciente, é estar cônscio, é saber o que fiz, e não tentar mais nada. Isso exige muita sabedoria. E' preciso muita afeição para eu saber que não vou mais participar de nenhuma dessas coisas. Não importa aonde eu seja levado, mas não quero mais fazer aquilo. Quando assim procedemos, quando nos achamos naquele estado, garanto-vos que há então renovação, que há um novo comêço. Mas preciso ter cuidado para que minha mente não crie uma nova ilusão, uma nova esperança.

PERGUNTA: Que significa "aceitar o que é"? Como difere da resignação?

KRISHNAMURTI: Que é aceitação? Qual é o processo da aceitação? Aceito o sofrimento; — que significa isso? Sofro pela perda de um amigo, irmão ou filho. A aceitação dêsse sofrimento, pela explicação, é resignação, não achais? Digo que a morte é inevi-

tável, e o sofrimento desaparece; racionalizo, ou volto-me para o *karma,* ou a reincarnação, e aceito. Aceitação é processo de reconhecimento, não é verdade? Não definais a palavra, mas percebei a significação que ela encerra. Isto é, aceito para estar em paz. Resigno-me a um acontecimento, uma circunstância, um incidente. Aceito-os porque então fico em paz, livre do estado de conflito. Há outro motivo na resignação, do qual posso não estar cônscio. Muito profundamente, inconscientemente, desejo estar em paz, não quero perturbação. Mas a perda, causa perturbação, que chamamos dor. E, a fim de fugir ao sofrimento, explico, justifico, e depois digo: "resigno-me ante o inevitável, ao *karma*". Essa é a maneira mais tola de reagir, não achais? Nunca trará compreensão alguma.

Se sou capaz de olhar *o que é* — isto é, aquilo que aconteceu, a morte de alguém, um incidente — sem nenhum processo mental, se posso observá-lo, estar cônscio dêle, seguí-lo, estar em comunhão com êle, amá-lo, não há então resignação, aceitação. Terei de aceitar o fato. Fato é fato. Mas se puderdes abster-vos de o traduzir, de o interpretar, de o justificar, de o colocar num lugar que vos seja conveniente, se estais cônscio dêsse fato, e o pondes de parte, naturalmente, sem esfôrço, podereis ver *o que é* inteiramente diferente, o que tem significação. Essa coisa começará então a revelar-se, limitadamente, superficialmente, no princípio. Mas assim que ela começar a revelar-se ir-se-á revelando mais e mais, tal como acontece quando lemos um livro. Mas se já tirastes uma conclusão sôbre o livro, se já sabeis o fim, não estais então lendo.

A compreensão do *que é* não pode vir por meio de justificação, condenação, ou pelo identificar-vos com *o que é*. Perdemos o caminho do amor. Eis porque existe todo êsse processo superficial. Não pergunteis o que é o amor. Estais sempre falando de amor, — mas que entendeis por "amor"? Não se pode descobrir o que é o amor pela negação. Como levamos uma vida de negação, não pode haver amor. Sendo a nossa vida sumamente destrutiva, a nossa maneira de vida, a nossa maneira de comunhão é egocêntrica. Aquilo que tudo abraça só poderá ser compreendido quando a negação tiver cessado. A compreensão do *que é* só pode vir quando estamos em completa comunhão com *o que é*.

PERGUNTA: Para a vinda da verdade, advogais a ação sem idéia. E' possível agir sempre sem idéia, i.e., sem um propósito em vista?

KRISHNAMURTI: Não estou advogando coisa nenhuma. Não sou propagandista político nem religioso. Não vos estou convidando a participar de uma nova experiência. O que estamos fazendo é só isto: Estamos procurando averiguar o que é a ação. Não me estais seguindo para o averiguardes. Se me seguis, então nunca descobrireis nada. Só verbalmente me estais seguindo. Mas se desejais descobrir, se como indivíduo desejais descobrir o que é a ação, cabe-vos investigar, e não aceitar a minha definição ou minha experiência, que pode ser completamente falsa. Como tendes de inquirir, tendes de abandonar completamente a idéia de seguir, cultivar, advogar, — o propagandista, o guia ou o exemplo.

Averiguemos, portanto, juntos, o que entendemos por ação sem idéia. Aplicai a isso o vosso pensamento. Não digais "não compreendo o que estais dizendo". Investiguemos juntos. Poderá ser difícil, mas examinemos a questão.

Que é a nossa ação, presentemente? Que entendeis por ação? Fazer algo, ser, realizar. Nossa ação baseia-se na idéia, não é? É só isso que sabemos; tendes idéia, ideal, promessa, várias fórmulas relativas ao que sois e ao que não sois. Tal é a base de nossa ação: recompensa no futuro, ou medo da punição, ou a busca de idéias egocêntricas, nas quais possamos basear a nossa ação. Sabemos de tudo isso, não é verdade? Essa atividade é isoladora. Observai-vos na ação. Não vos deixeis embalar por minhas palavras. Tendes uma idéia acêrca da virtude, e de acôrdo com essa idéia viveis, isto é, agis, nas vossas relações. Isto é, para vós, as relações significam ação coletiva ou individual, voltada para o ideal, a virtude, o aperfeiçoamento próprio, etc. etc.

Quando a minha ação está baseada em ideal, que é idéia, essa idéia molda a minha ação, guia a minha ação — como, por exemplo: tenho de ser corajoso, tenho de seguir o modêlo, tenho de ser caridoso, ter consciência social, etc. etc. Assim, eu digo, vós dizeis, todos nós dizemos: "Eis um exemplo de virtude, preciso seguí-lo" — o que, mais uma vez, significa: "tenho de viver em conformidade com isso". A ação, pois, baseia-se nessa idéia. Assim, entre a ação e a idéia existe um intervalo, um processo de tempo, uma divisão de tempo. Êsse é o fato, não é? Isto é, "não sou caridoso, não sou amoroso, não há perdão no meu coração; mas

tenho de ser caridoso". Entre o que sou e aquilo que devo ser está o tempo, e estou sempre tentando lançar uma ponte entre o que sou e aquilo que deveria ser. Tal é a nossa atividade, não é exato?

Ora, que aconteceria, se não existisse idéia? Imediatamente, eliminaríeis o intervalo, não é verdade? Seríeis aquilo que sois. Assustei-vos? Dizeis "sou feio, preciso tornar-me belo; que devo fazer?" — o que é ação baseada em idéia. Dizeis: "Não sou caridoso, preciso tornar-se caridoso". E assim introduzis a idéia separada da ação. Por conseguinte, nunca há ação, mas sempre só o ideal daquilo que haveis de ser; nunca daquilo que sois. O homem tolo sempre diz que há de tornar-se inteligente. E luta persistentemente para vir-a-ser; nunca se detém, nunca diz: "Sou tolo". E sua ação, que se baseia em idéia, não é ação, absolutamente.

Ação significa fazer, movimentar-se. Mas quando tendes idéia, só há o processo da ideiação, só há o processo de pensamento, a funcionar, em relação com a ação. E, se não houvesse idéia, que aconteceria? Segui isso, de princípio a fim, por favor. Vós sois *o que é*. Sois descaridoso, implacável, cruel, tolo, irrefletido. Podeis conservar diante de vós êsse fato? Se puderdes, vêde o que acontece. Vêde bem isso. Não vos impacienteis ,não o empurreis para longe. Vêde-o agora, não amanhã, agora que vos achais em presença do fato — que acontece? Ao reconhecer que sou descaridoso, tolo, que acontece, logo que fico cônscio disso? Não há caridade, não há inteligência, quando reconheço plenamente a minha descaridade, não verbalmente, não artificialmente, — quando percebo realmente que sou

descaridoso, sem amor, nesse próprio percebimento *do que é* não existe amor? Não me torno caridoso imediatamente? Não digais que estais de acôrdo. Observai o que se passa. Examinai-o. Se percebo a necessidade de estar limpo, a coisa é muito simples: lavo-me. Mas, se tenho o ideal de que devo andar limpo, que acontece? Não sabeis a resposta? A limpeza então é muito superficial.

Assim, a ação baseada em idéia é muito superficial, não é ação nenhuma, mas pura ideiação, que é uma espécie diferente de ação. Mas não estamos tratando da qualidade de ação que é mero processo de pensamento em funcionamento.

Já a ação que transforma os entes humanos, que traz a regeneração, a redenção, a transformação, — chamai-o como quiserdes — não se baseia em idéia. E' ação que não visa a resultado, recompensa ou punição. Vereis, então, que tal ação é atemporal, porque a mente nela não toma parte. E a mente é processo de tempo, processo de cálculo, processo de divisão, processo de isolamento.

Esta questão não se resolve tão fàcilmente. Os mais de vós fazeis perguntas e ficais esperando uma resposta — "sim" ou "não". E' fácil fazer perguntas como "Que quereis dizer...? e recostar-vos para ouvir minha explicação. Muito mais árduo é achardes a resposta por vós mesmo, penetrar no problema tão profundamente, tão claramente e sem corrupção alguma, que o problema deixe de existir. E tal coisa só pode acontecer quando a mente está de fato silenciosa, diante do problema. O problema é tão belo como o pôr do sol, quando amais o problema. Mas se lhe sois hostil,

nunca chegareis a compreendê-lo. E a maioria de nós somos hostis, porque o resultado nos assusta, tememos o que possa acontecer se formos avante; e assim perdemos a significação e o alcance do problema.

26 de janeiro de 1952.

VIII

MUITOS de vós já tereis notado como tôdas as coisas se corrompem ràpidamente. Grandes revoluções, com massacres de milhões de indivíduos e altamente promissoras logo degeneram. Caem em mãos iníquas. Grandes movimentos políticos e religiosos entram ràpidamente em declínio. Deve ter ocorrido a muitos de vós a razão dêsse constante processo de renovação e decomposição. Porque uma coisa iniciada por uns poucos homens cheios de boas intenções, levados por motivos justos, logo é usurpada e destruída por homens maus?

Que processo é êsse de declínio e decomposição? Creio que, se pudermos responder a esta pergunta e descobrir a verdade contida na questão, ser-nos-á possível, como indivíduos, iniciar um movimento que nunca há de degenerar. Penso que devemos procurar a causa, não apenas superficialmente, mas também no nível mais profundo. Penso que há uma razão mais profunda, mais fundamental, dessa rápida deterioração, e

espero que êste seja também um dos vossos problemas. Não penseis que estou querendo introduzir um problema novo ou que estou inventando um assunto, para ter algo sôbre que falar. A questão deve ter ocorrido a vós, como a mim ocorreu. Se estais despertos, por pouco que seja, cônscios do processo histórico, da vida de cada dia, deveis ter observado que há algum fator responsável por êsse processo de deterioração. Tendo-o observado, provàvelmente o afastastes para um lado; ou, tendo-vos sacrificado a uma causa que logo degenerou, não sabeis o que fazer.

Cumpre-nos averiguar exatamente qual é o fator responsável por êsse processo de deterioração, essa renovação que não tarda a fenecer. Parece-me que é nosso dever investigar esta questão de maneira completa, pois talvez aí se encontre a verdadeira solução do nosso problema.

Na vida cotidiana, estamo-nos esforçando para vir-a-ser. Todos os nossos esforços são no sentido de ser algo, de vir-a-ser, positiva ou negativamente. Vemos que há um conflito sociológico no vir-a-ser, no nos tornarmos *mais* e *mais;* e a fôrça que está por trás dêsse vir-a-ser é dirigida sempre nesse sentido. Para controlar o esfôrço individual egocêntrico, existem as leis sociais; e a fim de controlar o indivíduo religiosamente, há as sanções religiosas. Entretanto, apesar dessas leis e sanções, existe o germe da deterioração em nosso esfôrço para sermos bons, nobres, belos, em nossa busca da verdade. Enquanto não descobrirmos, por nós mesmos — não por imitação, não pela tradição, pela mera racionalização verbal — o fator responsável por êsse processo de degeneração e de declínio, que

existe separado do nosso ser, nunca terão fim as agitações do mundo.

O estado de criação é muito importante. Receio que não nos acharemos nesse estado, tão essencial para que se produza ou se mantenha um estado constante no qual não haja deterioração de espécie alguma.

Agora, para examinarmos êste assunto de maneira completa, cumpre-nos investigar êsse processo do "experimentador" e da experiência, porque tudo o que fazemos contém êsse processo dual. O esfôrço ou vontade de experimentar, de adquirir, de ser ou de não ser, existe sempre. A vontade é o fator de nossa deterioração; a vontade de vir-a-ser — individual, coletiva, nacionalmente, ou em diferentes níveis de nossas sociedades — essa vontade de ser é o fator importante. Se observarmos, veremos que nessa vontade está o agente e o objeto sôbre o qual age. Isto é, exercito a minha vontade, a fim de transformar ou modificar alguma coisa; sou ávido, e exerço a minha vontade para não ser ávido; sou bairrista, sou nacionalista, e exercito a minha vontade para não o ser. Procedo, quer dizer, uso minha vontade, a fim de transformar aquilo que considero mau, e procuro alcançar ou conservar o que considero bom. Existe, pois, a ação dualista na vontade, ou sejam, o "experimentador e a experiência. Penso que aí se encontra a raiz da nossa deterioração.

Enquanto estou experimentando, enquanto estou-me tornando algo, tem de haver essa ação dualista; tem de haver o pensante e o pensamento, dois processos diferentes, em funcionamento; não há integração, mas sempre um centro, operando através da vontade, para ser ou não ser — coletiva, individual, nacionalmente,

etc. Universalmente, o processo é êsse. Enquanto o esfôrço está dividido entre "experimentador" e experiência, tem de haver deterioração. Só é possível a integração quando o pensador já não é observador. Isto é, sabemos presentemente que existe pensante e pensamento ,observador e coisa observada, experimentador e coisa experimentada; há dois estados diferentes.

A vontade ou a ação é sempre dualista. E' possível transcender-se essa vontade, que é uma fôrça separativa, e descobrir um estado no qual não exista a ação dualista? Isso só se pode verificar quando experimentamos diretamente o estado em que o pensante é o pensamento. Pensamos agora que o pensamento está separado do pensante, mas é exato isso? Gostaríamos que o fôsse, porque então pode uma entidade pensante explicar as coisas por meio do seu pensamento. O esfôrço do pensante é para se tornar *mais* ou se tornar *menos;* por conseguinte, nessa luta, nessa ação da vontade, no vir-a-ser, está sempre o fator deteriorante. Estamos cultivando um processo falso e não um processo verdadeiro.

Existe divisão entre o pensante e o pensamento? Enquanto os dois estiverem separados, divididos, nosso esfôrço é vão. Estamos cultivando um processo falso, que é destrutivo e constitui o fator da deterioração. Julgamos que o pensante é diferente do pensamento. Quando descubro que sou ganancioso, que estou cheio do desejo de posse, que sou brutal, julgo que não devo ser isso. Procura então o pensante alterar os seus pensamentos, e por conseguinte faz um esfôrço para vir-a-ser; e nesse processo de esfôrço cultiva as falsas ilusões de que existem dois processos diferentes, en-

quanto de fato só existe um processo. Creio que aí se encontra o fator fundamental da deterioração.

E' possível experimentar aquêle estado em que só existe uma única entidade e não dois processos distintos, experimentador e experiência? Então, talvez venhamos a descobrir o que é ser criador, e qual é o estado em que não existe deterioração em tempo algum, em quaisquer relações do homem.

Em tôdas as nossas experiências, há o experimentador, e observador, e as experiências; o observador ou está acumulando cada vez mais para si mesmo, ou está renunciando. Não é errôneo êsse processo, e não é essa uma atividade que nunca há de trazer o estado criador? Se é errado êsse processo, podemos eliminá-lo completamente, podemos abandoná-lo? Tal só é possível quando experimento — mas não experimentando como pensante — quando estou cônscio do processo falso e percebo que só existe um estado, em que o pensante é o pensamento.

Sou ávido. Eu e a avidez não somos dois estados diferentes. Só há uma coisa: a avidez. Se percebo que sou ávido, que acontece? Faço um esfôrço para não ser ávido, por motivos sociológicos ou razões religiosas; êsse esfôrço há de estar sempre dentro de um círculo limitado; poderei dilatar o círculo, mas êle é sempre limitado. Por conseguinte, lá está o fator deteriorante. Se, porém, examino um pouco mais profunda e atentamente, percebo que o produtor do esfôrço é a causa da avidez, é a própria avidez; e percebo, igualmente, que não há "eu" e avidez, existindo separadamente, mas que só existe a avidez. Se percebo realmente que sou ávido, que não existe o observador que é ávido,

mas que eu próprio sou a avidez, então nossa questão é inteiramente diferente, nossa reação a ela completamente diversa; nosso esfôrço não é então destrutivo.

Que fareis vós, quando todo o vosso ser é avidez, quando tôda e qualquer ação que praticardes fôr avidez? Infelizmente, porém, não pensamos com essa orientação. Há o "eu", a entidade superior, o general que controla, que domina. Êsse processo, para mim, é destrutivo. E' uma ilusão, e sabemos porque assim procedemos. Divido a mim mesmo em "alto" e "baixo", a fim de fazer continuar o desejo de estar em segurança. Se só existe avidez, totalmente, e não "eu" manobrando com a avidez, se sou todo avidez, que acontece? Não há dúvida que há então um processo inteiramente diverso a funcionar, que surge outro problema. Êsse problema é que é criador, porquanto nêle não há nenhum sentimento do "eu" que domina, do eu que vem a ser, positiva ou negativamente. Precisamos chegar àquele estado, se desejamos ser capazes de criar. Naquele estado não há o produtor do esfôrço. Penso que não é uma ação de verbalizar ou de tentar descobrir o que é aquêle estado. Se começardes dessa maneira, perdereis e nunca achareis. O importante é ver que o produtor do esfôrço e o objeto em cuja direção é feito o esfôrço, são uma única e mesma coisa. Requer-se compreensão excepcionalmente grande, muita vigilância, para perceber como a mente se divide em "alto" e "baixo" — sendo o "alto" a segurança, a entidade permanente — permanecendo, todavia, um processo de pensamento e, portanto, de tempo. Se pudermos compreender isso, experimentando-o diretamente, vereis então como surge um fator inteiramente diferente.

O desconhecido não pode ser compreendido por aquêle que faz esfôrço, pela vontade de ação. Para compreender, deve a mente estar em completo silêncio, o que, fundamentalmente, significa completa abnegação; e lá não está o "eu", que é o produtor do esfôrço, para vir-a-ser, positiva ou negativamente.

PERGUNTA: O que faz que seja tagarelice qualquer coisa que conto a outra pessoa? Falar a verdade, ou dizer bem ou mal de outra pessoa, é tagarelice se o que digo é verdadeiro?

KRISHNAMURTI: Atrás desta pergunta há uma multidão de coisas. Em primeiro lugar, porque tendes vontade de falar dos outros? Qual o motivo, qual o impulso? Isso é que mais importa averiguar. Deveis saber se o que dizeis de outro é verdadeiro. Porque tendes vontade de falar de outra pessoa? Se lhe sois hostil, vossos motivos estão baseados na violência, no rancor; portanto, não pode deixar de haver malefício; vossa intenção é a de magoar a alguém, com vossas palavras ou expressões. Porque falais dos outros, bem ou mal? Qual a necessidade que vos impele a falar de outra pessoa? Não denota isso, em primeiro lugar, uma mente muito superficial e mesquinha? Se realmente tendes interêsse em quaquer coisa, deveis saber a hora de falar dos outros, por melhor, por mais nobre que seja êsse outro, ou por mais tolo e irresponsável que êle seja. A mente tola, superficial, precisa sempre ter alguma coisa sôbre que falar, tagarelar, algum motivo para agitar-se. Ela tem necessidade de ler, de adquirir, de crer. Conheceis bem êsse processo de estar ocupado com alguma coisa. Surge então o

problema de como acabar com o hábito de falar dos outros.

Tanto o tagarela como o objeto — bom ou mau, — da tagarelice, têm uma espécie de relação entre si; e tanto êle como o homem com quem tagarela sentem um prazer recíproco, um o prazer de contar, o outro o prazer de ouvir. Creio que é muito importante descobrir os motivos e não "como acabar com o hábito de falar dos outros". Se puderdes descobrir o motivo e fôrdes capaz de considerá-lo diretamente, sem condenação nem justificação, talvez então comece a vossa mente a descobrir um nível mais profundo, o que, conseqüentemente ,vos fará acabar com êsse hábito de tagarelar, de falar de outras pessoas. Mas o descobrimento dêsse motivo, dêsse impulso, é uma tarefa verdadeiramente árdua. Não é verdade?

Em primeiro lugar, o homem ou a mulher que se ocupa com tagarelices, está tão interessado em dizer bem ou mal de outras pessoas que não tem tempo para pensar. Bem considerada, a tagarelice ou maledicência é um dos meios de se alcançar o autoconhecimento, não achais? Quando falais mal de outra pessoa, isso indica antagonismo, rancor. Como não desejais enfrentar os vossos próprios sentimentos antagônicos e vossos rancores, escapais por meio da tagarelice; e quando falais e tagarelais a respeito de outra pessoa, isso constitui uma outra maneira de fugirdes de vós mesmo.

O homem que deveras deseja compreender todo êste processo da vida, deve ter profundo autoconhecimento, não conhecimento adquirido de um livro, de um psicólogo, mas conhecimento oriundo da vida de

relação, das relações que são como um espêlho no qual vos vêdes constantemente, tanto o que é agradável como o que é desagradável. Mas isso requer ardoroso interêsse. Pouquíssimos são os que sentem êsse ardente interêsse, e numerosos os que são mesquinhos e tolos.

PERGUNTA: Como pode a regeneração individual trazer, sòzinha e imediatamente, o bem-estar coletivo da grande maioria, como se faz necessário em tôda a parte?

KRISHNAMURTI: Pensamos que a regeneração individual é oposta à regeneração coletiva. Não estamos pensando em têrmos de regeneração, mas apenas em têrmos de regeneração individual. A regeneração é anônima. Enquanto penso na regeneração individual, como oposta à coletiva, não há relação entre os dois; mas se vos interessa a regeneração, não individual, mas regeneração, simplesmente, notareis então a presença de uma fôrça, uma inteligência inteiramente diversa, em ação; porque, afinal de contas, que é que nos interessa? Qual a questão que nos preocupa, profunda e fundamentalmente? Pode uma pessoa reconhecer a necessidade de uma ação conjunta do homem para a salvação do homem, perceber que a ação coletiva é necessária para a produção de alimentos, de roupa e de morada. Isso requer inteligência, e a inteligência não é individual, não é dêste partido nem daquele, desta ou daquela nação. Se o indivíduo busca a inteligência, esta há de ser coletiva. Mas, infelizmente, não estamos à procura da inteligência, não estamos em busca da solução do problema. Temos teorias com relação aos nossos problemas, métodos de resolvê-los,

e os métodos se tornam individuais ou coletivos. Se vós e eu estamos em busca de uma forma inteligente de nos aplicarmos ao problema, não somos nem coletivos nem individuais; só nos interessa, então, a inteligência, que há de resolver o problema.

Que é o coletivo, que é a massa? Sois vós, em relação com outra pessoa. Isso não é uma simplificação exagerada; porque, nas minhas relações convosco eu constituo uma sociedade; vós e eu criamos juntamente uma sociedade, em nossas relações. Sem essas relações não existe inteligência, não existe cooperação, da vossa parte ou da minha parte, que é inteiramente individual. Se eu busco a minha regeneração e vós buscais a vossa regeneração, que acontece? Estamos os dois seguindo em direções opostas.

Se estamos ambos interessados na solução inteligente de todo o problema, porque êsse problema é nossa principal preocupação, nesse caso ,o que nos interessa não é como eu o considero e como vós o considerais, qual seja o meu caminho ou qual seja o vosso caminho. Não nos interessam fronteiras e preconceitos econômicos ,nem direitos adquiridos e as coisas insensatas que nascem junto com êsses direitos adquiridos. Então, vós e eu não somos nem coletivos nem individuais; realiza-se essa integração coletiva, que é anônima.

O interrogante, porém, deseja saber como se deve agir imediatamente, o que fazer no momento imediato, de modo que sejam resolvidas as necessidades do homem. Quer-me parecer que não existe tal solução. Não há remédio moral de ação imediata, malgrado as promessas dos políticos. A solução imediata é a regene-

ração do indivíduo, não em proveito próprio, mas a regeneração que é o despertar da inteligência. Inteligência não é coisa vossa ou minha — é inteligência. Julgo importante que se perceba isso a fundo. Então, a nossa ação política ou individual, coletiva ou de outra natureza, será de todo diferente. Perderemos a nossa identidade; não nos identificaremos com coisa alguma — nossa pátria, nossa raça, nosso grupo, nossas tradições coletivas, nossos preconceitos. Perderemos tôdas essas coisas, porquanto o problema exige que percamos a nossa identidade, para o resolvermos. Mas isso requer compreensão, compreensão total do problema.

Nosso problema não é só o problema do "pão de cada dia"; nosso problema não é só o comer, vestir e morar; é mais profundo do que isso. E' um problema psicológico ,o problema de porque o homem se identifica com alguma coisa, pois é essa identificação com um partido, com uma religião, com o saber, que nos está desunindo. E essa identidade só pode ser dissolvida quando, psicològicamente, todo o processo de identificação, o desejo, o motivo, é compreendido claramente.

Assim, é inexistente o problema do coletivo ou do individual, quando estamos em busca da solução de determinado problema. Se vós e eu estamos ambos interessados numa coisa qualquer, se estamos vivamente interessados na solução do problema, não nos identificaremos com outra coisa. Mas, infelizmente, visto que não estamos vivamente interessados, nós nos identificamos; e é essa identificação que nos está impedindo de resolver êste vasto e complexo problema.

PERGUNTA: Embora tenhais empregado freqüentemente a palavra "verdade", não me lembro de que a tenhais definido alguma vez. Que quer ela dizer?

KRISHNAMURTI: Vós e eu, como dois indivíduos, vamos investigar esta questão, não amanhã, mas talvez nesta tarde mesmo. Se estais perfeitamente sereno, vamos averiguar isso. Definições não valem nada. As definições não tem significação para o homem que busca a verdade. A palavra não é a coisa; a palavra "árvore" não é a árvore; mas as palavras nos satisfazem. Tende a bondade de seguir-me com atenção. Para nós, as definições, as explicações, são muito satisfatórias, porque podemos viver dentro dos seus limites. Podemos cultivar palavras, porque as palavras produzem em nós efeitos físicos ou psicológicos. A palavra "Deus" desperta tôda sorte de reações psicológicas e neurológicas, e ficamos satisfeitos.

Por isso, para nós, a definição é muito importante. Não é exato? Chamamos à definição saber, e pensamos que o saber é a verdade. Quanto mais lemos a respeito, pensamos que tanto mais perto estamos dela. Mas a explicação da palavra não é a coisa. Cumpre-nos, pois, compreender, não nos deixando enredar por definições de palavras. Por conseguinte, temos de pôr de parte a palavra. E como é isso difícil! Não achais? — porque a palavra é o processo de pensamento. Não há pensar sem verbalizações, sem o emprêgo de palavras, imagens, conceitos, fórmulas. Prestai atenção a isso, meditai junto comigo, agora, a fim de o verificardes.

Quando a mente percebe que está enredada em palavras, que o próprio processo do seu pensar é

palavra, é memória, como pode então essa mente — que é memória, que é tempo, que está prêsa a definições e conclusões — como pode ela compreender o que é a verdade, o que é incognoscível? Se desejo conhecer o incognoscível, deve a mente estar de todo silenciosa, não achais? Isto é, tudo quanto é verbalização, imaginação, projeção, tem de acabar. Todos vós sabeis quanto é difícil à mente estar quieta — não compelida, não disciplinada, porém, quieta; o que significa que a mente já não está verbalizando, reconhecendo, já não é o centro de reconhecimento de qualquer experiência.

Quando a mente reconhece a experiência, essa experiência é coisa projetada. Quando experimento o Mestre, a Verdade, Deus, essa experiência é uma autoprojeção minha, porque reconheço. Há o centro do "eu", que reconhece aquela experiência; reconhecimento é processo da memória. Digo então: "Vi o Mestre", sei que êle existe, sei que existe Deus". Isto é, a mente é o centro do reconhecimento, e o reconhecimento é o processo da memória.

Quando experimento uma coisa, tal como Deus, a Verdade, essa coisa é projeção minha, é reconhecimento, não é a Verdade, não é Deus.

A mente só está inteiramente tranqüila quando é incapaz de experimentar, quando não há nenhum centro de reconhecimento. Mas isso não ocorre por meio de nenhuma espécie de ação da vontade. Não vem por meio da disciplina. Vem quando a mente observa suas próprias atividades, — o que espero estejais fazendo neste momento. E quando observais, podeis ver como a cada minuto há o processo de reconhecimento

em funcionamento, e como, quando reconheceis, não há nada novo.

A verdade é algo atemporal, não é mensurável por palavras. Uma vez que a verdade é imensurável, atemporal, a mente não pode reconhecê-la. Conseqüentemente, para que a verdade seja, é imprescindível que a mente se ache num estado de "não experimentar". A verdade deve vir a vós; não podeis ir a ela. Se fôrdes a ela, vós a "experimentareis". Não podeis invocar a verdade. Quando a chamais, quando a experimentais, estais em condições de reconhecê-la; se a reconheceis, então não é a verdade; é apenas vosso próprio processo de memória, de pensamento, que vos está dizendo: "E' isso, eu li, eu experimentei". O saber, por conseguinte, não é o caminho da verdade. O saber precisa ser compreendido e pôsto à margem, para que a verdade seja. Se vossa mente está tranqüila, não adormecida, não narcotizada por palavras, mas está realmente acompanhando, observando o processo da mente, vereis então como nasce a tranqüilidade, no escuro, misteriosamente; e nesse estado de tranqüilidade, vereis aquilo que é eterno, imensurável.

PERGUNTA: Há um impulso em todos nós, para ver Deus, a Realidade, a Verdade. A busca da beleza não é a mesma coisa que a busca da Realidade? A feiúra é o mal?

KRISHNAMURTI: Senhores, compreendei que não se pode procurar a Deus. Não se pode procurar a verdade. Porque, quando procuramos, o que achamos não é a verdade. Nossa busca é o desejo de achar o

que desejamos. Como podemos procurar uma coisa que desconhecemos? Procurais uma coisa a cujo respeito lêstes e a que chamais verdade; ou procurais algo a respeito de que tendes um sentimento interior. Precisais, por conseguinte, compreender o motivo da vossa busca, que é muito mais importante do que a busca da verdade.

Porque procurais, e o que procurais? Não tendes vontade de procurar, se sois feliz, se há alegria em vosso coração. Nós procuramos, porque estamos vazios. Vemo-nos frustrados, somos infelizes, violentos, cheios de antagonismo; é por isso que cremos, e desejamos, por isso, fugir a êsse estado, procurando algo que seja maior. Observai a vós mesmo e verificai o que vos estou dizendo — não vos limitando ,apenas, a escutar as minhas palavras. A fim de escapar de vossos atuais conflitos psicológicos, vossos sofrimentos, antagonismos, dizeis "Estou procurando a verdade". Não encontrareis a verdade, porque a verdade não vem quando estais a fugir da realidade, daquilo *que é*. Precisamos compreendê-lo. Para compreendê-lo não deveis sair em busca da solução fora dêle. Não podeis, pois, procurar a verdade. Ela tem de vir a vós. Não podeis invocar a Deus, e não podeis ir a Êle. Vossa adoração, vossa devoção é completamente desvaliosa, porque desejais alguma coisa, estendeis a mão para receber uma esmola. Estais, portanto, à procura de quem preencha o vosso vazio. E sentis mais interêsse pela palavra do que pela coisa. Mas se vos contentais com aquêle extraordinário estado de solidão, sem desvios nem distrações, só então surge na existência aquilo que é eterno. Os mais de nós estamos de tal maneira condicionados, de

tal maneira fomos educados, que desejamos fugir; e a coisa para a qual fugimos chamamos Beleza. Buscamos a beleza por intermédio de uma coisa qualquer — da dança, dos ritos, da oração, da disciplina, de várias espécies de fórmulas, da pintura, da sensação. Não é exato? Assim, enquanto estivermos à procura da beleza por meio de alguma coisa, nunca conheceremos a beleza, porque a coisa por cujo intermédio a procuramos, se torna sumamente importante. Não a beleza, mas sim o objeto por meio do qual a procuramos, assume tôda a importância, e ficamos apegados a êle. Não se acha a beleza por meio de coisa alguma; isso seria apenas uma sensação, que costuma ser explorada pelos astutos. A beleza vem com a regeneração interior, com a completa e radical transformação da mente, o que requer excepcional estado de sensibilidade.

A feiúra só é um mal quando não temos sensibilidade. Se sois sensíveis ao belo, rejeitando o feio, não sois sensíveis ao belo. O que mais importa não é o feio, nem o belo, mas sim que haja sensibilidade para ver, para reagir tanto ao que chamamos o feio como o belo.

Mas se só tomais conhecimento do belo e repelis o feio, é a mesma coisa que amputar um braço; tôda a vossa existência fica desequilibrada. Não fechais a porta ao mal, negando-o, chamando-o feio, combatendo-o, opondo-vos violentamente a êle? Só vos interessa o belo. Só a êle desejais. Nesse processo perde-se a sensibilidade.

O homem que é sensível tanto para o feio como para o belo, passa além, põe-se longe das coisas por meio das quais busca a verdade. Mas não somos sen-

síveis nem para o belo nem para o feio; vivemos fechados com nossos pensamentos, nossos preconceitos, nossas ambições, nossa ganância e inveja. Como pode ser sensível a mente que é ambiciosa, espiritualmente, ou noutro sentido? Só pode haver sensibilidade quando se compreende todo o processo do desejo; porque o desejo é um processo egocêntrico, e no egocentrismo não é possível descortinar o horizonte. A mente é então sacrificada pelo seu próprio vir-a-ser. A mente só é capaz de apreciar a beleza, através de alguma coisa. Essa mente não é bela. Essa mente não é boa, é uma mente feia, uma mente que está fechada e que busca proteção para si. Nunca essa mente descobrirá a verdade. Só quando a mente deixa de fechar-se com os seus ideais, seus interesses e ambições, só então é bela.

27 de janeiro de 1952.

IX

COMO tive ocasião de dizer no sábado passado, o problema da degeneração da mente reveste-se de suma gravidade, atingindo não só aos mais velhos, mas também aos jovens. Essa degeneração é um fator comum no mundo inteiro.

E' inevitável tal degeneração quando há o exercício da vontade, na ação, sendo vontade a escolha entre dois opostos — o essencial e o não-essencial — o desejo de ser ou de vir-a-ser. A vontade, evidentemente, é um fator de degenerescência em nossa vida, mas, em geral ,não gostamos de reconhecer êsse fato porque fomos criados, pelos nossos sistemas educativos e psicológicos, pela nossa religião, etc., para nos servirmos da vontade como um meio de realizar, de adquirir, de colimar um fim ,com tudo que o processo de escolha implica. Não é ela, de fato, um dos principais fatôres, em nossa vida, que concorrem para a deterioração, a repetição, a imitação, a conformidade de idéia ?

O que desejo fazer nesta tarde, se pudermos "experimentar", é entrar a fundo neste problema da mente, da mente como máquina de repetição, como armazém da memória, entregue ao afã de guiar, de moldar, de controlar, e, por isso mesmo, incapaz de produzir qualquer ação criadora; da mente como processo de consciência, o qual, contrariado, se torna o "eu". O indivíduo autoconsciente busca o preenchimento, e, justamente nesse desejo de plenitude, encontra a frustração, da qual resulta sofrimento.

Um dos principais fatôres de degeneração é o processo de pensamento em que predomina o espírito de repetição, de imitação, de conformidade; pois bem sabemos o que acontece, quando estamos sempre a repetir, a conformar-nos e a imitar; a mente se converte em simples máquina, funcionando automàticamente e reagindo de acôrdo com as circunstâncias, de acôrdo com a memória, tal qual uma máquina material, ajustada para funcionar. Tudo isso nós sabemos. Não conhecemos nenhum outro processo. Nosso pensar é puramente uma contínua repetição; embora uma idéia, uma reação nos pareça nova, trata-se apenas de um processo do passado em conjunção com o presente. Só somos capazes de nos encontrar com o presente protegidos pela cortina do passado, com a limitação do passado. Assim, se observardes a vossa mente, vereis que ela só se ocupa em conformar-se, em repetir, em imitar.

Surge aqui o problema relativo à maneira como devemos escutar. Estais-me escutando no nível verbal, ou estais observando o que estou dizendo juntamente com o que está de fato sucedendo no vosso processo

mental? Estais apenas reagindo à vibração verbal, ou estais observando, quer dizer, agitando em vossa mente o que estou dizendo? E' de grande importância que entremos vagarosamente nesta questão e como dispomos de uma hora inteira, podemos fazê-lo com todo o esmêro. Se estais observando a vossa mente ,servindo-vos de mim, das palavras que estou dizendo, como um espêlho e, por conseguinte, observando ,então o que vos estou dizendo será de extraordinária significação. Mas se estais apenas escutando, neste caso estais imitando; estais apenas reagindo a palavras; as palavras criam uma imagem e o entreter-se com essa imagem é tido por pensar, o que significa que estais observando sob o estímulo do "eu". E, por isso, se torna êsse estímulo fatigante, monótono; se ,entretanto, observardes o vosso próprio pensar, em relação com o que estou dizendo, descobrireis, se vossa mente é apenas um mecanismo de repetição, ou se é algo que transcende a qualidade mecânica de uma máquina. Espero que tenhais compreendido êste ponto. Fui claro?

A questão de que estamos tratando refere-se ao fator responsável pela degeneração da mente, tanto dos mais velhos como dos jovens. Êsse fator de deterioração torna-se observável, quando ficamos mais velhos; a velhice é ,para a maioria de nós, um problema, porque se percebe que a mente está visìvelmente degenerando. A pessoa pode não estar cônscia disso, mas outros observarão, nela, a degenerescência.

A aplicação do ideal, como meio de ação, é um processo que implica repetição, conformismo, tal como a tradição. Podeis, exteriormente, repudiar a tradição, forçados pela atual premência econômica;

mas, interiormente, continuais a seguir a tradição, que é repetitiva, conformista. O problema, pois, é o seguinte: "E' a mente simples máquina, incapaz de transcender a sua qualidade mecânica, ou pode a mente ser não-mecânica?". Isto é, até agora temos utilizado a mente como máquina que fazemos funcionar para alcançar um resultado, para sermos alguma coisa, para obtermos algo, processo em que é essencial o conformismo ou a repetição. Se desejo alcançar bom êxito, tenho de ajustar-me, de repetir, de imitar. Temos, pois, feito uso do mecanismo da mente, que é um processo de pensamento, como meio de produzir o resultado desejado. Isto é, como desejamos produzir certo resultado servindo-nos do processo do pensamento como de uma máquina semelhante a qualquer máquina de fábrica. A máquina é a mente; e quando queremos um resultado, fazêmo-la funcionar. Nesse processo a mente assume função meramente repetitiva.

A repetição, a imitação, não é um indício de desintegração, como se pode observar à medida que envelhecemos? Note-se como os velhos falam, repisando sempre a mesma coisa, as mesmas crenças... a continuidade, cristalizada, estabilizada, firmemente implantada. Tudo isso são sinais de deterioração, não é verdade? Não pergunteis o que aconteceria à sociedade e o que aconteceria às nossas relações se não houvesse repetição e conformismo. Apuraremos isso mais tarde. A mente que fica a pensar no que poderá acontecer se não formos mecânicos, já iniciou, sem dúvida, seu processo de degenerescência.

Muito importa que investiguemos esta questão com muito cuidado e inteligência, porque vemos como os velhos cada vez mais governam os moços; não que os moços sejam muito mais inteligentes — estou apenas frisando o fato. Todos os postos de govêrno, tôdas as altas dignidades religiosas, e todos os outros cargos elevados estão ocupados por pessoas de mais de sessenta e setenta anos. A perfeita máquina burocrática que o cidadão comum venera, é constituída por êsses velhos. Não apliqueis isso a uma dada pessoa, em particular, por favor. Vejo vários de vós a sorrir, ante a idéia de serem apontados como "relógios de repetição" os seus velhos guias ou uma determinada pessoa. Ora, vós também não incorreis na mesma repetição? Não tratamos de nenhum indivíduo em particular, mas, sim, do processo da repetição e da degenerescência.

Destina-se a mente, que é o único instrumento que possuímos, a ser utilizada apenas como máquina, regulada pela rotina, com a única função de repetir, de conformar-se? Como desmecanizar a mente? Isto é, como remover o fator ou os fatôres que produzem a deterioração? Esta questão reveste-se, sem dúvida, de grande importância, não achais? Êste se me afigura um dos problemas mais graves da atual crise de nossa civilização... refiro-me à civilização mundial ,não à civilização de Madrasta; refiro-me à totalidade do processo cultural —porque vemos que tôda sensação, tôda experiência, todo problema se converte em rotina.

E' possível à mente libertar-se dêsse processo mecânico? Que entendemos por processo mecânico? Não é o próprio pensamento — atentai bem para isso — um fator de deterioração? Por pensamento entendemos a

reação que é verbalização da experiência. Não estou dando uma definição, para decorardes. Não é o pensamento o processo de memória que verbaliza, sendo a memória o passado em conjunção com o presente? Tende a bondade de observar vossa mente. Não me escuteis só no nível verbal, observai o processo do vosso pensar. E' disso que estamos tratando. Não é um problema meu; é um problema que vós e eu temos de resolver. A menos que sejamos criadores, num sentido inteiramente diferente, todo o nosso sistema educativo, o nosso sistema religioso, político, a nossa civilização, as nossas idéias, são coisas totalmente inúteis, porque encerram fatôres degenerativos. Trata-se, pois, de um problema que vós e eu temos de resolver; para resolvê-lo, cumpre-nos estudar esta questão do pensamento. E' êste o único instrumento que possuimos, ou, pelo menos, o único instrumento de que fazemos uso. Se êsse instrumento é ineficaz para a criação de uma sociedade integrada, de seres integrados, deve existir algum outro meio. E' isso o que nos interessa descobrir.

Como dizia, não é o pensamento um processo que representa uma continuação do passado, modificado pela reação presente? Que é o nosso pensar? E' a memória em ação. Não pergunteis o que seria de nós, se não tivéssemos memória. Não é êste o problema. Quem perdeu a memória, vai para o manicômio, porque sofre de amnésia. Nosso problema é êste: o pensamento funciona de maneira repetitiva; o processo de pensamento é o resultado da reação que está sempre de acôrdo com um determinado fundo, o que naturalmente só pode produzir resultados mecânicos; por conseguinte, êle é

apenas um processo de repetição. Supomos que o pensamento produzirá uma nova sensação, uma nova maneira de viver ,uma nova cultura, etc. Isto é, supomos que o intelecto, que é pensamento, é o caminho da criação. Se não é, que nos resta?

A mente, que tão habituada está ao processo de pensamento, a mente que é o próprio pensamento, memória acumulada, que reage a cada experiência observável ou não observável, consciente ou inconsciente, a mente, por certo, é um mecanismo de repetição. Tôda a substância de nossa consciência, tal como funcionamos no presente, é, por conseguinte, um mecanismo de repetição. Creio que isso é bastante claro. Não achais também? Se procurardes transcender a repetição, vereis que a projeção dêsse pensamento, dessa imagem, é puro produto do passado, e que aquilo a que visais como ideal ,é efeito do passado. Logo, tôda a substância da consciência, quer estejamos cônscios dêsse fato, quer não, é um processo mecânico. Entendo por processo mecânico tôda reação do passado condicionada pelo presente e que nada mais é do que pura repetição.

Não decoreis esta definição, pois as definições não servem para resolver o problema. O que nos cabe fazer é verificar como se poderá modificar a mente, modificar todo o mecanismo da mente, de modo que ela deixe de estar sempre repetindo. Afinal de contas, a criação, em qualquer nível que seja, não é repetitiva, a verdade não é repetitiva. Portanto, para reconhecer a verdade, a mente não deve ser repetitiva.

Tomai um exemplo muito simples: Tendes uma experiência —a beleza de uma flor, um pôr de sol, a sombra de uma árvore. No momento de "experi-

mentar", não há reconhecimento ;só há um "estado de ser". Passado êsse momento, começais a aplicar-lhe um nome; dizeis: "como foi belo !". Isto é, nasce um processo de reconhecimento e com êle o desejo de repetir aquela sensação. Isso é simples, nada tem de complicado; observai e vereis. Vejo uma árvore iluminada pelo sol poente; nesse momento há percepção, experiência ,e nada mais; é um "estado de ser" indescritível. Depois, com o evoluir do "estado de ser", dou-lhe um nome, e assim o reconheço. Isso cria em mim uma sensação. Digo então: "Que beleza, que maravilha de sensação. Quero renová-la". Começo ,então, na tarde seguinte, a contemplar a árvore, à luz vespertina, e apresenta-se uma certa sensação vaga de que desejo isso. Assim, pus em funcionamento o mecanismo da repetição.

Observai o vosso próprio processo mental, e vereis como é verdadeiro isso. Tendes uma bela estatueta, *um* belo quadro, no vosso quarto. No primeiro instante, o objeto vos proporciona grande deleite; vêdes algo extraordinário, e a mente o apreende. Depois, dizeis: "Quero mais" — e vos sentais à frente do quadro, da imagem, para repetir a sensação. Com isso, pusestes a funcionar o processo mecânico da mente; êle não está apenas no nível consciente, mas, também em nível mais profundo, gerando conflito, luta.

Nossa mente está afeiçoada à rotina, à repetição, à imitação, à conformidade; nada mais conhece, além disso. Se percebe alguma coisa, logo quer transformá-la em ocorrência diária. Isso é bem evidente, não é? Ninguém o nega. E' um fato psicológico, observável em nossa vida diária.

Pois bem, como pode a mente, que é o único instrumento que possuimos, ser não-mecânica? Em primeiro lugar, quantos de nós já fizemos esta pergunta? Ou, quantos de nós estamos cônscios dêste problema? Muito poucos. Agora, que eu vo-lo apresento, e que estais cônscios dêle, qual é a vossa reação? Observo todo êste processo ,e sei alguma coisa mais? Não sei, evidentemente. Isto é, se eu dissesse que há alguma coisa mais, essa coisa seria ainda um processo de pensamento, que é uma projeção do passado no presente. Êste problema é muito complexo, porque nêle está compreendido todo o processo de dar nome, a aplicação de símbolos, a importância das palavras, não só neurològicamente, mas também psicologicamente, não só no nível consciente, mas também no nível mais profundo. Eis o fator de degenerescência.

Pode a mente, que tão habituada está a funcionar mecânicamente, deter-se? Êsse mecanismo tem de parar, antes que possais achar uma resposta. Se "projetais" a resposta, de acôrdo com Marx, de acôrdo com o *Bhagavad Gîta,* sois então repetitivo e destrutivo. Pode a mente ,que funciona há séculos parar? O "eu" é o resultado de todo o ser humano, ou, melhor, de tôda a espécie humana, e a mente é o envoltório do "eu". Pode parar êsse processo da mente, êsse mecanismo tão astucioso, tão voraz, tão intensamente exigente, tão poderoso? Isto é, pode êle findar? Se não pode, não achareis a resposta.

Se utilizais a mente, estais apenas dando continuidade ao pensamento como meio de alcançar alguma coisa. Tende a bondade de observar. Se estais cansado, não continueis a escutar. Se não estais cansados,

observai, apenas. Pode êsse mecanismo que tem funcionado através de gerações, através de séculos, deter-se voluntàriamente, isto é, sem ser forçado, sem ser constrangido, compelido. Quando um homem é constrangido, sua reação será de persistência no mesmo estado, e, portanto, uma reação de pensamento.

Como poderá a mente findar-se? Eis uma questão importante, mas não sabeis resolvê-la. A mente precisa ser detida, a fim de que possa saltar ao outro lado. Não podeis deixá-la funcionar mecânicamente, e dar o salto. No conjecturar é o passado que está reagindo, e não há nada novo. A mente mecânica nunca achará algo novo. A mente tem de terminar. Mas, como é possível isso? Está certa esta pergunta? O "como" é importante. Conseguis acompanhar-me?

Sabemos que a mente é mecânica; logo em seguida vem a reação "como detê-la?" No momento em que fazeis esta pergunta, a mente se torna mecânica. Estais percebendo? Isto é, desejo um resultado, tenho os meios para alcançá-lo e ponho em prática êsses meios. Que aconteceu? O "como" é a reação da mente mecânica, reação do velho; e o seguir e praticar o "como", é a continuação da máquina. Vêde como se tornou falso o nosso pensar. Estamos sempre preocupados com o passado, o "como", a maneira, a prática, etc. Estais vendo o processo. O "como" é vazio, e a mente indagadora se transforma, com efeito, na velha mente repetitiva, pela prática dêsse "como".

Há dois estados mentais diferentes: o que segue o "como" e o que investiga sem procurar um resultado. A mente que investiga e prossegue em sua

indagação, só nos poderá ser útil. Investigar e visar a um resultado são dois estados inteiramente diversos. Pois bem. Qual é o estado da vossa mente: o de buscar um resultado, ou o de investigar? Se estais em busca de resultado, estais apenas agindo mecânicamente. Nesse caso, nunca haverá um fim. Isso leva à deterioração e à destruição, é óbvio.

Vossa mente está de fato investigando, com o fim de encontrar a resposta sôbre se a mente *pode* terminar, e não com o fim de descobrir "como" fazê-la terminar ? O "como" é inteiramente diferente do "*pode*". Pode a mente terminar? Já fizestes esta pergunta a vós mesmos? Se já a fizestes, com que motivo, com que intenção, com que fim a fizestes? E' muito importante isso. Se fizestes a pergunta "pode a mente terminar?", tendo por motivo o desejo de um resultado, do qual estais bem cônscios, então, nesse caso, estais de novo no processo mecânico. Precisais, pois, ser extraordinàriamente vigilantes e sutis, para poderdes responder a esta pergunta — não para mim, mas para vós mesmos. Se realmente fizerdes a pergunta sem a intenção de ver o que acontece, se investigardes, vereis que a vossa mente não estará à procura de um resultado, mas, sim, esperando uma resposta; não estará especulando sôbre a resposta; não estará desejando a resposta; não estará ansiando pela resposta; estará simplesmente à espera.

Vêde, faço-vos uma pergunta: qual é a vossa reação? Vossa reação imediata é a de pensar, de raciocinar, de olhar, de descobrir um argumento inteligente, para responder. Pergunta e resposta são uma ação psicológica diàriamente observável, verbal e psicològicamente. Isto é, não estais respondendo, es-

tais reagindo, estais apresentando razões; em outras palavras, estais procurando uma resposta. Quando desejais achar a resposta a uma pergunta, a reação é mecânica, diferente do estado de espera. Isto é, a mente que fica à espera de uma resposta, não é mecânica, pois a resposta tem de ser algo que se desconhece; a resposta que se conhece é mecânica. Mas se se vos faz a pergunta e ficais "esperando" a resposta, vereis que vossa mente se acha, então, num estado inteiramente diferente. Esperar é mais importante do que responder. Estais compreendendo? Aí, a mente já não é mecânica, mas um processo inteiramente diferente; é uma coisa inteiramente nova, que surge na existência, sem ter sido solicitada.

PERGUNTA: Dissestes que é a nossa idéia do temor que não nos deixa enfrentá-lo. Como pode uma pessoa vencer o temor?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, a pessoa precisa estar cônscia dêle, estar consciente da sua presença. Estais neste estado? Vamos fazer uma tentativa, e experimentar juntos? Vejamos se, esclarecendo-se a questão, o temor se afasta completamente de nós. Vou levar-vos comigo a viajar. Se me acompanhardes de boa-vontade, tanto melhor. Se estais disposto, façamos a viagem até o fim, sem parar no meio do caminho.

Conhecemos várias formas de temor — o temor à opinião pública, o temor da morte, temor do que digam os outros, temor de perder algum objeto; há inumeráveis formas de temor. Perguntais "Como pos-

so vencer o temor?". Pode-se vencer alguma coisa? Sabeis o que significa vencer ,dominar, "ficar por cima" de uma coisa, reprimí-la, excedê-la? Quando dominais uma coisa, tereis de voltar a dominá-la, não é verdade? Nessas condições, o próprio processo de dominar é uma atividade contínua de constante dominar. Não podeis dominar o vosso inimigo, porque, justamente com o dominá-lo ,vós o fazeis mais forte. Êste é um dos fatôres.

Temos interêsse em compreender o temor e em procurar as coisas que êle implica. Vamos viajar juntos. Como vem à existência, o temor ? Trata-se da palavra "temor", ou do "fato" temor? Compreendeis? E' a palavra que me está causando temor, ou o fato, a existência real de uma coisa em relação com outra? Qual dêsses dois está causando o temor? Isso não é complexo; é muito simples, se observardes bem.

Tenho mêdo à palavra "temor"? Averiguemos. Ora, que acontece quando sentimos mêdo? A reação óbvia, é fugir dêle, por muitas maneiras — embriaguez, mulheres, templo, mestre, crenças; tôdas estas coisas estão no mesmo nível; não há melhores nem piores. O homem que foge ao temor pela embriaguez é tão virtuoso como o que foge do mêdo pela virtude. Socialmente, poderá haver diferença de valores, mas, mentalmente, psicològicamente, é tudo a mesma coisa.

Qual é nossa reação, diante do temor? Fugir. Isto é, nossa reação ao temor é de condenação, — não é verdade? — ou de justificação. Estou realmente com mêdo? Penso na frase "estou com mêdo" na hora que estou fugindo? Não penso, certamente. Não posso compreender o temor, se fujo dêle, se o justifico ou con-

deno, ou, mesmo, se com êle me identifico ou se digo "estou com mêdo" e raciocino. Assim, se desejo compreender o temor, não deve haver fuga. Mas nossa mente está constituída de fugas. Por isso, não quer enfrentar aquela coisa, compreendê-la, reagir, descobrir o que está causando temor; por essa razão, fujo ao temor.

Que é então importante, o temor ou a fuga ao temor? Qual a coisa mais importante em nossa vida, quando existe temor? Fugir dêle, não é verdade? Não a maneira de dissolvê-lo, mas sim a maneira de a êle fugir. Estou mais interessado no fugir do que no compreender. E posso compreendê-lo, se estou olhando noutra direção? Só posso vê-lo bem se me concentro todo em tôrno dêle. Existe a possibilidade de um percebimento completo, de completa concentração em tôrno do tempo, se estou sempre a correr dêle ? Não existe, evidentemente.

Para compreender o temor, não fujais, por meio de repressão, domínio, virtude, etc. Ficareis, assim, mais perto do fato que está causando o temor. Qual a vossa relação com êsse fato? E' uma relação verbal? — verbal, no sentido de que a mente especula a respeito e teme a especulação; a mente prevê e diz: "Se acontecer *isto,* acontecerá *aquilo;* por isso tenho mêdo". Qual é, pois, a vossa relação com aquêle fato? Atentai bem, pois dessa relação depende a vossa solução. Estais em relação com o fato que causa o temor, apenas verbalmente — isto é, especulativamente — ou o estais defrontando sem especulação, que significa sem verbalização? Se estais em relação com êle verbalmente, não

tendes então comunhão direta com êle. Se o estais olhando de frente, então já não estais fugindo, não há evasão sob forma alguma.

Consideremos agora a relação das palavras e de sua significação. E' o temor causado pela palavra ou pelo fato? Visto que a palavra é a mente, a mente está criando uma cortina de proteção, pela verbalização, a fim de não encarar o temor. Será, então, o temor criado pela palavra? — isto é, pela mente, que se põe a pensar a respeito, sendo o pensamento o processo de verbalização ? Se assim é, pensar a respeito do temor significa fugir dêle. Em caso contrário ,estais encarando o fato sem verbalização, sem processo de pensamento, sem evasão; estais em relação direta com êle, em comunhão direta com êle.

Quando estais diretamente em comunhão com alguma coisa, que acontece ? Já estivestes diretamente em comunhão com alguma coisa, sem processo de pensamento? Nunca estivestes, evidentemente. Quando vos achais nesta comunhão direta, a coisa a que destes o nome de temor, deixou de existir. São as cortinas de proteção, as fugas, a verbalização, êsse processo mental, que criam o temor, e não o próprio fato. Essas cortinas existentes entre vós e o fato, produzem o temor, e não o fato; não existe a necessidade de dominar o fato. Se percebeis o processo na sua inteireza, se o acompanhastes, passo a passo, vereis que não tendes mais temor. Estais, então, observando o fato, e o fato vai operar a modificação, o fato vai encarregar-se da ação, e não vós, em vosso movimento de fuga.

PERGUNTA: Como podem unir-se o pensador e o pensamento?

KRISHNAMURTI: "Como"? é uma pergunta de colegial. Mas vamos averiguar se é possível unir os dois processos que separam as coisas, quando em curso. Em primeiro lugar, sabemos que o pensador e o pensamento são separados. Estamos cônscios disso? Para vós o pensador e o pensamento são duas entidades separadas e desejais saber se é possível uní-las. Se o pensante está separado e está sempre dominando o pensamento, o pensamento está sempre tolhido e o pensante sempre a subjugá-lo. Não haverá trégua, haverá uma batalha constante entre o pensador e o pensamento. Preciso averiguar se é possível os dois existirem juntos, de modo que não haja divisão, nem batalha; porque reconheço que só quando não há luta existe algo novo.

A violência não produz a paz; só quando não há violência, há paz. Idênticamente, preciso verificar se o pensador e o pensamento são duas entidades separadas, eternamente divididas, nunca unidas.

Vós e eu vamos empreender juntos a viagem para descobrir e "experimentar" verdadeiramente o fato. Sabemos que o pensante e o pensamento estão separados. A maioria de nós nunca sequer refletiu a respeito, — têmo-lo como um fato verdadeiro. Só quando alguém vos faz essa pergunta, começais a indagar, Eu o interpelo, agora, e portanto vós estais indagando, estais fazendo a viagem de investigação. Essa viagem é a compreensão do que *é*, do que está realmente acontecendo, e não do que desejarieis que acontecesse.

Porque estão separados o pensante e o pensamento? Não pergunto se deviam ou não estar separados, e, sim, porque estão separados. Estão separados por fôrça do hábito. Nunca duvidamos disso; aceitamo-lo e o reconhecemos como coisa certa e verdadeira; por conseguinte, transformou-se em hábito. O pensante está separado do seu pensamento e a luta entre os dois, a dominação do pensamento pelo pensante, é um hábito diário ,nosso — sendo o hábito rotina, repetição. Isso é um fato, não achais?

Que aconteceria se o pensante e o pensamento não estivessem separados? Minha mente se acostumou com êsse hábito. Que lhe aconteceria se êsse hábito cessasse? Sentir-se-ia perdida, não é assim? Ver-se-ia desnorteada, perplexa, diante de uma coisa inesperada, nova; por isso, a mente prefere viver de hábitos; e, assim, diz ela: "conservarei o meu hábito. Já que não sei o que acontecerá se aquelas duas entidades se juntarem, é melhor deixar as coisas como estão". Estais, pois, mais interessado na continuação do hábito do que em procurar saber o que aconteceria se o pensante e o pensamento se juntassem.

Porque desejamos que continue o velho hábito? Pela razão muito clara de que desejamos segurança, certeza, alguma coisa em que nos arrimarmos; porque é a única coisa que conhecemos. Estamos bem seguros com relação ao pensador e ao pensamento. Nunca pensamos no que aconteceria se êles se juntassem. A certeza faz com que nos apeguemos ao que é velho. Isso é um fato psicológico, um fato observável. Nosso problema, pois, não é de como unir o pensante e o pensamento, mas sim, de porque a mente busca segurança,

certeza. Pode a mente existir sem certeza, sem estar procurando alguma coisa em que se apoiar — saber, crença, o que quer que seja? A mente não pode prescindir do processo da segurança. A mente que conhecemos está segura; não lhe interessa indagar; só lhe interessa estar bem abrigada, em perfeita segurança.

Porque procura a mente segurança? Porque percebeis que o pensamento se modifica de súbito ,a qualquer instante; não há realidade no pensamento; por isso, o pensamento cria o pensante, como entidade permanente que subsistirá indefinidamente; tem, pois, no pensante interêsses adquiridos. Encontra, assim, a mente a sua segurança no pensante, a certeza, que é o velho hábito.

..Temos, pois, de verificar se a mente pode em algum tempo ter segurança, ou se está apegada à mera ilusão de segurança. A mente tem o poder de criar a ilusão de segurança, e, de a ela se apegar; conseqüentemente, enquanto estiver em busca de segurança, não será capaz de compreender o outro estado. Enquanto a mente não estiver interessada em descobrir o que acontecerá se se juntarem o pensante e o pensamento, continuará apegada àquilo a respeito de que está bem segura.

Nosso problema, por conseguinte, consiste em saber se há segurança, certeza. Existe tal coisa? Evidentemente não existe. Não a achareis, nem em Deus, nem em vossa espôsa, nem nos bens materiais que desejais. Não existe segurança. Disso não estais convencido; disso não tivestes ainda experiência. Sem segurança, sem coisa alguma em que a mente possa arrimar-se, a que possa segurar-se, apegar-se, reina uma

solidão absoluta. Porque a mente teme o estar só, a mente inventa o pensante, como entidade permanente, de existência contínua. Ou, se não inventa o pensante, inventa Deus, a propriedade, a espôsa... qualquer coisa serve: uma árvore, uma pedra, uma imagem esculpida.

A mente, em seu desejo de segurança, criou o pensante como entidade separada do pensamento e se acostumou a esta divisão pelo hábito; onde existe hábito, existe permanência, e a mente se torna mecânica. Ao perceberdes realmente — não apenas verbalmente, mas como uma experiência real — que o pensante é o resultado do pensamento, que êle busca a permanência na continuidade, vereis então que não há esfôrço por parte da mente para efetuar a união dos dois. Só existe, então, um estado de compreensão, sem palavras, sem o processo de pensamento constituído de pensante e pensamento. Para tal necessita-se uma extraordinária intuição de todo o processo da consciência, que estivemos considerando nesta tarde, sendo essa intuição o processo da meditação. Essa meditação só é possível quando a mente compreende todo o conteúdo da consciência, isto é, vós mesmos.

2 de fevereiro de 1952.

X

CONFORME estive dizendo ontem, uma das causas fundamentais da degenerescência é a vontade em ação. Disse também eu que a imitação, a repetição, a reação mecânica da mente, da memória, constitui outro fator de deterioração da mente. Não é a auto-perpetuação um dos principais fatôres da destruição, da deterioração da mente?

Vemos que tôda religião, tôda filosofia, e mesmo o estado totalitário, deseja destruir o processo separativo da mente. Nunca houve revolução, nunca houve transformação econômica exterior, nunca houve disciplina interior, como se costuma dizer, capaz de destruir ou de fazer findar o "eu". Penso que a maioria de nós percebe ou está cônscia de que o "eu" precisa findar, não teòricamente, mas de fato. Pode-se filosofar e especular a respeito; a maioria o faz subrepticiamente ou com um intento agressivo, como a maioria dos políticos, por quem somos dirigidos, ou como os ricos que controlam quase tôda a nossa economia externa, ou como

os que seguem o caminho espiritual. Todos êles, de maneiras diferentes, estão aplicados à expansão do "eu". Não é êsse um dos principais fatôres que concorrem para destruir a mente?

O único instrumento que possuimos é a mente. Até agora nós a temos usado de maneira errada. E' possível, agora, fazermos findar todo êsse processo do "eu", com todos os seus fatôres de degeneração, todos os seus elementos destrutivos? Creio que a maioria de nós percebe que o "eu" é separativo, destrutivo, anti-social; tanto externa como internamente, é um processo isolante, em que não é possível nenhum estado de relação, em que não pode existir o amor. Nós percebemos êsse fato, uns mais, outros menos, mas a maioria não está cônscia dêle. E' possível fazer findar verdadeiramente êsse processo — não o substituindo por outra coisa ,ou o adiando, ou o afastando por meio de explicações?

Como já vimos, nem a mera disciplina, nem a conformidade, põem fim ao "eu"; dão-lhe, sim, vitalidade, mudando-lhe, apenas, a direção. A maioria das pessoas inteligentes, das pessoas que refletem, já deve ter examinado esta questão. Independentemente das sanções religiosas, das compulsões totalitárias — injunções, campos de concentração — os mais de nós nos temos perguntado se o "eu" pode realmente findar. Quando fazemos tal pergunta a nós mesmos, a reação automática, a reação natural é o "como". Como pode êle findar? Assim, o "como" se torna muito importante para nós. Só o "como", o método prático, a maneira, tem importância para nós. Se pudermos examinar um pouco mais de perto tôda a questão relativa ao "como"

e sua técnica, talvez venhamos a compreender que o "como", o método prático de se conseguir um resultado não porá fim ao "eu".

Quando desejamos conhecer o método de terminar o "eu", a maneira de conseguir tal resultado, qual é o processo da mente? Existe o "como", a maneira de proceder, o método, o sistema ? Se seguirmos o sistema, êle porá têrmo ao "eu"? Ou lhe dará fôrça de expansão em outra direção? Os mais de nós, sobretudo os que sentimos um certo interêsse e temos inclinações religiosas, desejamos ansiosamente conhecer ou descobrir o método de terminar, a maneira de vir-a-ser, a maneira de se conseguir um resultado. Se nos examinássemos profundamente, em nossos corações e em nossas mentes, é bem certo que conseguiríamos o método de terminar o "eu", se tal método existisse.

Ora, porque pergunta a mente pela maneira, pela técnica, pelo método? Não é importante esta pergunta? O que acontece é o seguinte: Vós tendes um sistema, um método, o "como", a técnica; e a mente forma, de acôrdo com a técnica, o padrão. Isso põe fim ao "eu"? Tendes um método disciplinar muito rigoroso, ou um método de gradualmente vos aliviardes do conflito do "eu", um método que vos proporcionará consolação; entretanto, essencialmente, o desejo de método só indica, realmente, o fortalecimento do "eu". Não é verdade? Prestai bem atenção e vereis se é verdade ou não que o "como" indica um processo de pensamento, um processo imitativo, por meio do qual a mente, o "eu", pode acumular fôrça, adquirir maior capacidade, em vez de acabar-se definitivamente.

Considerai a questão da inveja. Os mais de nós somos invejosos, em níveis diferentes, o que causa malefícios indizíveis a outros e a nós mesmos; tendes inveja do rico, inveja do culto, inveja do *guru*, inveja do homem que realiza os seus fins. A inveja é o motivo social, uma fôrça impulsora em nossa existência. Às vêzes, ela se disfarça sob um aspecto religioso, mas, na essência, é a mesma coisa —o desejo de ser algo, espiritual, econômicamente. Ela é um dos nossos impulsos mais poderosos. Existe algum método, algum meio de nos livrarmos dela? Nossa reação instintiva, se refletimos, por pouco que seja, é descobrir uma forma de fazê-la cessar ou de extinguí-la. Que acontece, então? Pode-se extinguir a inveja por meio de um método, uma técnica? A inveja implica o desejo de ser alguma coisa, neste mundo ou no outro. Nada empreendestes contra o desejo, que vos faz invejoso, mas aprendestes um modo de disfarçar aquêle desejo, expressando-o de outra maneira. Mas, essencialmente, é sempre a inveja.

Nessas condições, se pudermos compreender o processo de como desejamos um método para alcançar um resultado ,e , também, se compreendermos a mente que cultiva a técnica, veremos, então, que isso, essencialmente, é um meio de fortalecer o pensamento. O pensamento é um dos principais fatôres de deterioração, porque o pensamento é um processo da memória, sendo a verbalização da memória e uma influência condicionadora. A mente que busca uma saída desta confusão, só está fortalecendo aquêle processo de pensamento. O que importa, pois, não é que se ache uma maneira ou um método, porque já vimos quais são as conse-

quências aí contidas — mas, sim, de estarmos cônscios de todo o processo da mente.

O pensamento nunca pode ser independente; não há pensar independente, porque todo pensamento é um processo de conformidade com o passado. Não há nenhuma independência ou liberdade pelo pensar. Como pode a mente que é essencialmente o resultado do passado, que está condicionada por várias memórias — climática, social, mesològicamente, etc. — como pode essa mente ser independente ? Assim, — quando buscais a independência do pensamento, estais apenas perpetuando o "eu". Qual é o processo dessa independência? Os mais de nós nos sentimos solitários, e há em nós uma constante ânsia de preenchimento. Cônscios dêsse vazio em nós, buscamos várias maneiras de fugir a êle — atividades religiosas ,atividades sociais... vós conheceis bem essas fugas. Enquanto não resolvermos aquêle problema, a independência que estamos a procurar, para o nosso pensar, será sempre, apenas, uma perpetuação do "eu".

Para a maioria de nós, a criação é coisa inexistente; não sabemos o que significa criar. Sem essa ação criadora que não é do tempo, que não é do pensamento, será que não poderemos fazer nascer uma civilização bàsicamente diferente, um diferente estado de relações humanas ? E' possível a mente achar-se naquele estado receptivo, no qual pode realizar-se a criação? O pensamento não é criador; o homem que cultiva a idéia nunca pode ser criador; o cultivo de um ideal é processo de pensamento e está condicionado em conformidade com a mente. Como pode, então a mente, que é processo de pensamento, que é resultado

do tempo, que é resultado da educação, de influências, de coerção, do mêdo ,da busca de recompensa e fuga à punição — como pode a mente, em tais condições, ser livre, de maneira que possa realizar-se a criação? Quando nos fazemos esta pergunta, desejamos saber o método, o "como", a maneira prática de alcançar aquela liberdade mental. Procurar conhecer o "como", o método é a coisa mais absurda, um procedimento de colegial. O "como" implica sempre o método, que é coisa que interessa ao pensamento, que é conformidade com uma técnica determinada. Vemos também que só há criação quando a mente, com seu processo de pensamento, se finda.

Sem dúvida, na atual crise mundial e com os políticos e suas astuciosas explorações, a criação é a coisa mais difícil de se alcançar. Não queremos mais teorias, mais guias, mais técnicas e técnicas mais novas, os meios de manter em vigor o padrão.

As mentes criadoras são só as dos entes humanos que são "integrados".

E' possível à mente, que é o resultado de séculos de processo de pensamento, encontrar-se, em algum tempo, naquele estado criador? Isto é, pode o pensamento, alguma vez, receber, ou cultivar, aquêle impulso criador? Creio que esta é uma das perguntas mais importantes que podemos fazer a nós mesmos. Porque já vimos que a simples observância de um padrão nunca nos levou a parte alguma, nem social nem religiosamente. Nenhum guia pode dar-nos o verdadeiro ímpeto criador ,nenhum exemplo é capaz disso; todo exemplo é expansão do "eu", o herói é expansão do eu, glorificado. O cultivo do ideal, portanto, é uma

expansão de mim mesmo, o preenchimento de mim mesmo numa idéia; é continuação do pensamento, como tempo, e por isso não há estado criador. Julgo muito importante averiguar bem isso ,estar bem cônscio de quanto é essencial que cada um de nós descubra êsse espírito criador. A mente nunca será capaz de descobrí-lo, por mais que faça; o pensamento não pode compreender nem gerar o estado criador.

Que estado criador e êsse? Por certo, não se pode dizer positivamente o que êle é. Descrevê-lo seria limitá-lo, seria um processo de medição; e medí-lo é empregar um processo de pensamento. Não há dúvida de que isso é exato. Por conseguinte, o pensamento nunca será capaz de apreendê-lo. De nada vale o descrevê-lo. O que está ao nosso alcance fazer é descobrir quais são os obstáculos, chegando-nos a êles de maneira negativa, indireta. A maioria de nós fará objeção a isso, porque estamos, em geral ,habituados a ser diretos. "Fazei *isso,* e obtereis *aquilo*", tal é a atitude que governa o nosso proceder. Estamos aqui discutindo, não com o fim de descrever aquêle estado, mas com o fim de verificar o que devemos fazer para descobrir, por nós mesmos, os empecilhos que estão obstando àquele estado criador, àquele estado extraordinário em que a mente ,a entidade que observa, é inexistente.

Qual o primeiro obstáculo que se depara? E' sem dúvida o desejo de ser poderoso, o desejo de dominar. O desejo de poder é um processo separativo; ainda que esteja identificado com o todo, com uma nação, ou com um grupo, é um processo de isolamento. O empecilho é a mente, que é ambiciosa ,em qualquer nível... a chamada ambição espiritual, a mentalidade do político,

do rico, do pobre. Tôdas estas pessoas desejam possuir mais. A ânsia de ter mais é o elemento mais destruidor que se nos depara. E' muito difícil perceber isso, porque a mente é cheia de sutilezas. Uma pessoa pode não procurar o poder, às escâncaras, sem disfarce, mas pode procurá-lo como político, sob o pretexto de estar servindo aos interêsses do Estado; ou pode também atuar como cabo eleitoral... Há várias maneiras de se buscar o poder, e tudo isso, essencialmente, é a *vontade de ser*, a *vontade de vir-a-ser* alguma coisa que se expressa sob a forma de virtude, de responsabilidade, pela ação da mente, pelo espírito de domínio, pelo orgulho de ser poderoso.

Um dos fatôres mais fortes, uma das barreiras mais importantes, é êsse desejo de poder, êsse desejo de domínio. Observai as vossas próprias vidas, e vereis como está sempre a operar aquêle desejo separativo, aquêle desejo destruidor. Êle, naturalmente, levará de vencida o amor. Só no amor está a nossa redenção. Mas não se pode possuir o amor, quando há espírito de domínio, espírito que se manifesta no desejo de poder, de posição, de autoridade, quando está em ação a vontade ,o desejo de alcançar um resultado. Sabemos tudo isso. Temos também uma vaga percepção de tudo isso. Estamos colhidos na corrente do vir-a-ser, na corrente do desejo de poder, impossibilitados de detê-la, de sairmos dela. Para isso não há nenhum "como". Devemos reconhecer tôdas as conseqüências do poder; e assim que as reconhecemos, saimos da corrente — não há nenhum "como".

Um dos obstáculos à criação é a autoridade, a autoridade do exemplo, a autoridade do passado, a auto-

ridade da experiência, a autoridade do saber, a autoridade da crença. Tudo isso são obstáculos ao estado criador. Não sois obrigados a aceitar o que estou dizendo. Podeis observá-lo em vossa própria vida; e haveis de ver como a crença, o saber e a autoridade dão mais fôrça ao processo separativo da mente.

Evidentemente, um outro fator que impede o estado criador é a repetição, a imitação, a perpetuação de uma idéia, — repetição, não só de sensação, mas repetição de ritos, a vã repetição que tem por alvo o saber, a repetição da experiência — que são inteiramente sem significação e só constituem obstáculos. Não há nenhuma experiência nova. Tôda experiência é processo de reconhecimento. Se não há reconhecimento, não há experiência, e o processo de reconhecimento é processo da mente, que é verbalização.

Outro fator que nos está separando do estado criador é o desejo de um método, do "como", da maneira — queremos proceder de modo que a mente alcance um resultado ;êsse é um processo de continuidade, de repetição, e a mente que está entregue à repetição não pode, jamais, ser criadora.

Assim, se puderdes ver tudo isso, compreendereis que é na realidade a mente que se opõe à existência do estado criador. Uma vez cônscia do seu próprio movimento, a mente cessa. Só então pode realizar-se o estado criador; êsse estado criador é a única salvação, porque êle é amor. O amor nada tem em comum com o sentimentalismo ;nada tem em comum com a sensação; não é produto do pensamento; não pode ser fabricado pela mente. A mente só é capaz de criar imagens de sensação, de experiência; e imagens não são

o amor. Não sabemos o que significa o amor, embora empreguemos pròdigamente a palavra. Mas sabemos o que é sensação; é da própria natureza da mente, o sentir sensações ,o cultivar a sensação, através de imagens, através de palavras ou de qualquer forma de presunção A mente não pode conhecer o amor; no entanto, vimos cultivando a mente há séculos.

E' dificílimo à mente perceber todo êsse processo, de modo que o "experimentador" não esteja separado da coisa experimentada. E' esta divisão entre "observador" e "objeto observado" que é o processo de pensamento. No amor não existe "experimentador" ou "coisa experimentada". Nós não o conhecemos; mas, sendo êle a nossa única redenção, é lógico que um homem que sente verdadeiro empenho tem de observar todo o processo da mente, tanto o oculto como o patente. Isso é extremamente difícil. Os mais de nós estamos dissipando as nossas energias, por influência do clima, por influência do regime alimentar, com maledicência ociosa — perdão, não há maledicência ociosa, só existe maledicência — e por causa da inveja. Não nos resta tempo para investigar. E só pela investigação meditativa nos é possível o percebimento claro da mente e da sua substância; então, a mente cessa, e o amor pode existir.

PERGUNTA: Como pode um homem preencher-se, se não tem ideais?

KRISHNAMURTI: Existirá o preenchimento, — embora os mais de nós estejamos em busca do preenchimento? Queremos preencher-nos, por meio da fa-

mília, de nosso filho, nosso irmão, nossa espôsa, por meio da propriedade, da identificação com uma nação ou um grupo, ou pelo cultivo de um ideal, ou pelo desejo de continuidade do "eu". Há formas variadas e diferentes de preenchimento, em níveis diversos da consciência.

Mas existe de fato o preenchimento? Que é que se preenche? Que entidade é essa que busca existir dentro ou por meio de uma certa identificação? Quando é que pensais em preenchimento? Quando é que procurais o preenchimento?

Como já disse, não estou fazendo uma conferência no nível verbal. Se assim a considerais, será melhor então retirar-vos, porque perdeis o tempo. Se, porém, desejais penetrar profundamente, ficai então vigilantes e segui-me; porque necessitamos de inteligência, e não de uma repetição morta, — repetição de frases, de palavras, de exemplos, de que já estamos fartos.

O que necessitamos é de criação, criação inteligente, "integrada"; vale dizer, deveis investigar, para descobrir pela vossa própria compreensão do processo da mente.

Assim, ao escutardes o que digo, relacionai-o diretamente com vós mesmos, "experimentai" o de que estou falando. Não podeis experimentá-lo através de minhas palavras. Só o experimentareis se sentirdes verdadeiro empenho, se observardes vosso próprio pensar e vosso próprio sentir.

Quando há de ser preenchido o desejo? Quando tendes consciência dêsse impulso a ser, a vir-a-ser, a preencher-se? Por favor, observai-vos. Quando tendes consciência dêle? Não estais cônscio dêle quando êle

é contrariado? Não estais cônscio dêle quando sentis uma solidão extaordinária, quando tendes um sentimento de nulidade absoluta, o sentimento de não serdes alguma coisa? Só tendes percepção dêsse impulso para o preenchimento, quando sentis um vazio, uma solidão. E, então, procurais o preenchimento por inúmeras maneiras, por meio da seita, pela vossa relação com a propriedade, as árvores, com tôdas as coisas, em diferentes níveis da consciência. O desejo de ser, de identificar-se, de preencher-se, só existe quando há a consciência de que o "eu" está vazio, solitário. O desejo de preenchimento é uma fuga daquilo a que chamamos solidão. Nosso problema, pois, não é como nos preenchermos, ou o que é o preenchimento; porque tal coisa — o preenchimento — não existe. O "eu" nunca pode preencher-se; êle é sempre vazio; podeis ter umas poucas sensações ao alcançardes um resultado; mas assim que se desvanecem as sensações, vos encontrais de novo naquele estado de vazio. Por isso, começais a seguir o mesmo processo de antes.

O "eu", pois, é o criador daquele vazio. O "eu" é o vazio; o "eu" é um processo egocêntrico, no qual estamos cônscios daquela extraordinária solidão. Assim, estando cônscios dela, tentamos a fuga, por meio de várias formas de identificação. A essas identificações chamamos preenchimento. Na realidade não existe preenchimento, porque a mente, o "eu", nunca pode preencher-se; pela sua própria natureza, o "eu" é egocêntrico.

Nessas condições, que deve fazer a mente que está cônscia daquele vazio? Nosso problema é êsse, não é verdade ? Para a maioria de nós, essa dor do vazio

é extremamente forte. Fazemos qualquer coisa, para fugir a ela. Qualquer ilusão serve, e essa é a fonte da ilusão. A mente tem o poder de criar ilusões. E enquanto não compreendermos aquêle vazio, aquêle estado de vazio, que é egocêntrico, podemos fazer o que quisermos, podemos buscar qualquer espécie de preenchimento, mas haverá sempre aquela barreira que separa, que não conhece a plenitude.

Nossa dificuldade, por conseguinte, consiste em estarmos cônscios dêsse vazio, dêsse isolamento. Nunca nos vemos frente a frente com êle. Não sabemos como êle é, quais são as suas qualidades; porque vivemos continuamente a fugir dêle, retraindo-nos, isolando-nos, identificando-nos. Nunca estamos em presença dêle, diretamente, em comunhão com êle. Por isso, somos "observador" e "coisa observada". Isto é, a mente, o "eu", observa o vazio; e, então, o "eu", o pensante, trata de livrar-se dêsse vazio, ou de fugir.

Êsse vazio, êsse isolamento, será diferente do observador? Ou será que o próprio observador é que está vazio, e não que está observando o vazio? Porque, se o observador não fôr capaz de reconhecer êsse estado a que êle chama "vazio", não haverá experiência alguma. Êle está vazio; está vazio, não pode atuar sôbre isso, nada pode fazer a respeito. Porque, se fizer alguma coisa, torna-se êle o observador a atuar sôbre a coisa observada, o que é uma relação falsa.

Assim, quando a mente reconhece, percebe, está cônscia de que está vazia, e que não pode atuar sôbre êsse estado, então, êsse vazio, do qual estamos cônscios, do exterior, tem um sentido diferente. Até agora, nos tínhamos ocupado com êle como "observador". Agora é o

"observador" que é vazio, que está só, solitário. Pode êle fazer alguma coisa a respeito ? Não pode, evidentemente. Sua relação com êsse estado é, então, inteiramente diferente da relação de observador. Êle está só, acha-se naquele estado em que não há a verbalização "estou vazio". No momento em que o verbaliza, em que o exterioriza, é diferente dêle. Assim, quando cessa a verbalização, quando cessa o "experimentador" que "experimenta" o vazio, quando deixa de fugir, vê-se êle, inteiramente solitário, sua relação, em si mesma, é isolamento; êle próprio é o isclamento; e ao perceber isso plenamente, com tôda a certeza, deixa de existir o vazio, a solidão.

Mas solidão é coisa de todo diversa de "estar só". Essa solidão tem de ser transposta, para então "estarmos sós". A solidão não é comparável com o "estar só". O homem que conhece a solidão, nunca conhecerá o "estar só". Estais sós? Nossas mentes não estão integradas para estarmos sós. O próprio processo da mente é separativo. E quem separa, conhece a solidão.

Mas o "estar só" não é separativo. E' algo que não é a multiplicidade, que não é influenciado pela multiplicidade, pela multidão, que não é resultado da multidão, que não é composto de partes, como a mente. A mente é produto da multidão. A mente não é uma entidade que está só, porque foi montada, peça por peça, fabricada, através de séculos. A mente nunca pode estar só, nunca pode conhecer o "estar só". Mas, uma vez cônscia do isolamento, ao passar por êsse estado, vem ela a conhecer o "estar só". Então, e só então, pode existir aquilo que é imensurável. Os mais de nós, infelizmente, buscamos a de-

pendência. Queremos companheiros, queremos amigos, queremos viver num estado de separação, num estado que produz conflito. O que está só nunca pode achar-se em estado de conflito. A mente, porém, não pode perceber isso, não pode compreender isso; só pode conhecer a solidão.

PERGUNTA: Dissestes que a verdade só pode surgir quando uma pessoa é capaz de estar só e de amar o sofrimento. Isso não está claro. Tende a bondade de explicar o que entendeis por "estar só" e "amar o sofrimento".

KRISHNAMURTI: A maioria de nós não está em comunhão com coisa alguma. Não estamos diretamente em comunhão com nossos amigos, com nossas espôsas, nossos filhos. Não estamos diretamente em comunhão com coisa alguma. Existem sempre barreiras — barreiras mentais, imaginárias e reais. E essa separação é, sem dúvida, a causa do sofrimento. Não digais "sim, já lemos isso, sabemo-lo verbalmente". Mas, se fôrdes capaz de experimentar diretamente, vereis que o sofrimento não pode terminar por meio de nenhum processo mental. Podeis achar explicações para o sofrimento, o que é um processo mental; mas o sofrimento continua a existir, embora o encubrais.

Assim, para compreender o sofrimento, precisais, por certo, amá-lo, não é verdade? Isto é, precisais estar em comunhão direta com êle. Se desejais compreender alguma coisa — vosso vizinho, vossa espôsa, ou qualquer relação — se desejais compreender qualquer coisa de maneira completa, precisais estar

perto dela. Precisais chegar-vos a ela sem objeção alguma, sem preconceito, condenação ou repulsa; precisais amá-la, não é verdade ? Se desejo compreender-vos, não devo ter preconceitos a vosso respeito, preciso ser capaz de olhar-vos, não através de barreiras, não através de cortinas formadas pelos meus preconceitos e meus condicionamentos. Preciso estar em comunhão convosco, o que significa que preciso amar-vos. De modo idêntico, se desejo compreender o sofrimento, preciso amá-lo, preciso estar em comunhão com êle. Isso me é impossível, porque estou fugindo dêle, por meio de explicações, por meio de teorias, de experiências, de adiamentos, constituindo tudo isso o processo de verbalização. Por conseguinte, as palavras me impedem a comunhão com o sofrimento. As palavras — palavras explicativas, racionalizações, que são sempre palavras, que representam o processo mental —. as palavras me impedem de estar diretamente em comunhão com o sofrimento. E' só quando me acho em comunhão com o sofrimento, que o compreendo.

O segundo passo é êste: Eu, que sou o observador do sofrimento, sou diferente do sofrimento? Eu, que sou o "pensador", o "experimentador", sou diferente do sofrimento ? Exteriorizo-o, a fim de fazer alguma coisa com relação a êle, a fim de evitá-lo, dominá-lo, repelí-lo. Sou diferente daquilo a que chamo sofrimento? Não sou. Portanto, eu sou o sofrimento; não é verdade que existe o sofrimento e que eu sou diferente dêle. Eu é que sou o "sofrimento."

Enquanto sou o observador do sofrimento, não há terminar do sofrimento. Mas assim que se dá o

percebimento de que o sofrimento sou eu, de que o próprio observador é o sofrimento — o que é muitíssimo difícil de experimentar, de perceber, porque há séculos que dividimos essa coisa — quando a mente percebe que ela própria é sofrimento — não quando está observando o sofrimento, não quando está sentindo o sofrimento — que ela própria é a criadora do sofrimento, ela própria é a entidade que sente o sofrimento, que ela é o próprio sofrimento, ocorre então o terminar do sofrimento. Isso não requer nem tradição nem pensar, mas sim um percebimento muito atento, muito vigilante e inteligente. Êsse estado inteligente, êsse estado "integrado", é que é "estar só". Quando o observador é a coisa observada, êle é então o estado "integrado". E nesse "estar só", nesse estado de se achar completamente só, completo, em que a mente não está em busca de coisa alguma, nem visando a recompensa, nem fugindo à punição, em que a mente está de fato tranqüila, não está procurando, não está tateando, só então vem à existência aquilo que não é mensurável pela mente.

3 de fevereiro de 1952.

XI

DURANTE as últimas semanas, estivemos, em nossas reuniões, considerando os problemas que atingem todo o nosso ser, não apenas um determinado nível, mas todo o processo da consciência, os hábitos do pensar e os fatôres que produzem o falso processo de pensamento. Vemos que o processo do pensar é um fator de deterioração. Esta asserção poderá parecer, aos que aqui estão pela primeira vez, algo espantosa ou surpreendente; ou poderão achá-la meio idiota; mas os que têm seguido estas palestras com verdadeiro interêsse não necessitam de mais explicações. Porque as explicações, na realidade, são prejudiciais à compreensão; deixamo-nos tão fàcilmente alimentar de palavras; tão fàcilmente nos satisfazemos com explicações, com uma sensação de som! A explicação repetida com freqüência, ou a palavra, é suficiente para embotar a mente.

Aquêles que têm seguido estas minhas palestras atentamente e com certo interêsse, terão, creio eu, observado ou estarão cônscios de que o pensar, tal como

o praticamos atualmente e gostamos de praticar, é um dos principais fatôres que separam o homem do homem, um dos fatôres que nenhuma ação produzem, que adiam a ação; porque as idéias são o resultado do pensamento e nunca podem produzir ação.

Há um vácuo entre a idéia e a ação, e temos dificuldade em lançar uma ponte por sôbre êsse vácuo em que caímos.

Desejo discorrer, nesta tarde, sôbre a questão da automistificação, das ilusões a que a mente gosta de entregar-se, que ela impõe a si mesma e a outros. Trata-se de uma questão muito séria, mòrmente numa crise da espécie da que o mundo está enfrentando agora. Todavia, para que possamos compreender inteiramente êsse problema da automistificação, cabe-nos estudá-lo não apenas verbalmente, no nível verbal, mas intrìnsecamente ,fundamental e profundamente. Como dizia, nós nos satisfazemos muito fàcilmente com palavras e "contra-palavras"; somos "conhecedores" das coisas do mundo e, como tais, só nos cabe ficar à espera de que alguma coisa aconteça. Sabemos que a explicação da guerra não põe côbro à guerra; inúmeros historiadores, teólogos e homens religiosos têm explicado a guerra e a maneira como ela se origina; entretanto, as guerras continuam, mais destrutivas, talvez, do que nunca. Aquêles de nós que sentem verdadeiro empenho, precisam transcender a palavra, procurar essa revolução fundamental dentro de si mesmos; é ela o único remédio capaz de trazer uma redenção duradoura e fundamental da humanidade.

Idênticamente, ao tratarmos desta espécie de automistificação, creio que devemos pôr-nos em guarda

contra quaisquer explicações e respostas superficiais; devemos, se me é permitido sugerí-lo, não apenas escutar as palavras de um orador, mas também observar o problema, tal como o conhecemos em nossa vida diária; isto é, devemos observar a nós mesmos no pensar e na ação, observar a impressão que produzimos nos outros, e como continuamos a agir, de nossa parte.

Qual é a razão, qual é a base da automistificação? Quantos de nós estamos verdadeiramente cônscios de que estamos enganando a nós mesmos? Antes de podermos responder à pergunta "que é automistificação, e como se origina ela?" — não julgais necessário estarmos cônscios de que estamos enganando a nós mesmos? Sabemos que estamos enganando a nós mesmos? Que pretendemos nós com essa mistificação? Julgo muito importante o problema, pois, quanto mais enganamos a nós mesmos, tanto mais cresce a fôrça da ilusão, a qual nos transmite certa vitalidade, certa energia, certa capacidade, que nos leva a impor aos outros a nossa própria ilusão. Assim, gradualmente, não só estou impondo uma ilusão a mim mesmo, mas também a outros. E' um processo "interatuante" de automistificação. Estamos cônscios dêsse processo, nós que nos julgamos muito capazes de pensar com lucidez, determinada e diretamente? Estamos cônscios de que, nesse processo de pensar, há automistificação?

O pensamento, em si, não é um processo de busca, uma procura de justificação, procura de segurança, de automistificação, um desejo de ser tido em boa conta, um desejo de posição, de prestígio e po-

der? Êsse desejo de ser — política, religiosa ou socialmente, — não é êle próprio a causa da automistificação? No momento em que desejo algo diferente da pura materialidade, não produzo, não dou origem a um estado que aceito fàcilmente? Tomai, para exemplo, o seguinte: Desejo saber o que acontece depois da morte, questão em que a maioria de nós está interessada, e quanto mais velhos mais interessados. Desejamos saber a verdade a êsse respeito. Como a acharemos? Certamente não a acharemos por meio de leituras, nem por meio de diferentes explicações.

Como então a achareis? Primeiramente, deveis expurgar a vossa mente de todos os fatôres que constituem empecilhos — tôda esperança, todo desejo de continuidade, todo desejo de averiguar o que existe "daquele lado". Porque a mente está sempre em procura de segurança, sempre desejosa de continuar, esperançosa de achar um meio de preenchimento, esperançosa de uma existência futura. Essa mente, conquanto esteja buscando a verdade sôbre a vida após a morte, a reincarnação, ou o que quer que seja, é incapaz de achar aquela verdade. Não é exato isso? O que importa saber não é se a reincarnação é ou não um fato verdadeiro, mas, sim, como a mente busca, por meio de automistificação, a justificação de um fato que pode ser e pode não ser verdadeiro. O que tem importância, pois, é a maneira como nos chegamos ao problema, o motivo, o impulso, o desejo com que nos aplicamos a êle.

Aquêle que busca está sempre impondo a si mesmo aquela ilusão; ninguém lha pode impor; é

êle próprio que a impõe. Criamos a ilusão e depois nos tornamos seus escravos. Assim, o fator fundamental da automistificação é êsse desejo constante de ser alguma coisa ,neste mundo e no outro. Sabemos qual é o resultado do desejo de ser alguma coisa neste mundo; êsse resultado é a confusão extrema, em que todos competem com todos, todos se entredestroem, em nome da paz; conhecemos o jôgo que estamos fazendo uns com os outros, o qual é uma forma extraordinária de automistificação. De igual maneira, desejamos a segurança no outro mundo.

Vemos que começamos a enganar a nós mesmos, no momento em que existe êsse impulso para ser, para vir-a-ser, conseguir. E' muito difícil a mente ficar livre dêsse impulso. Êsse é um dos problemas básicos da nossa vida. E' possível viver neste mundo e não ser nada? Porque é só assim que podemos estar livres de tôdas as ilusões, só assim a mente não fica a procurar um resultado, uma resposta satisfatória, uma forma de justificação, a segurança, numa dada forma, numa dada relação. Só se realiza êsse estado quando a mente reconhece as possibilidades e as sutilezas da ilusão, e por conseguinte, com compreensão abandona tôdas as formas de justificação ,de segurança — o que significa que a mente é então capaz de ser, completamente, "nada". E' possível isso?

Por certo, enquanto vivermos a enganar a nós mesmos, de alguma forma, não poderá existir o amor. Enquanto a mente fôr capaz de criar e impor a si mesma uma ilusão, ela terá, evidentemente, de separar-se da compreensão coletiva ou integrada. Essa é uma das nossas dificuldades; não sabemos co-

operar; o que sabemos é só trabalhar em conjunto visando a um fim que nós mesmos criamos. Ora, só pode haver cooperação quando vós e eu não temos nenhum alvo comum, criado pelo pensamento. Acompanhai-me lentamente, pois vejo que várias pessoas não me estão seguindo. O que importa é compreender que a cooperação só é possível quando vós e eu não desejamos ser alguma coisa. Quando vós e eu queremos ser alguma coisa, torna-se necessária a crença e tudo o mais; torna-se necessária uma utopia, de nós mesmos projetada. Mas se vós e eu estamos criando, anônimamente, sem automistificação de espécie alguma, sem barreiras de crença e de saber, sem o desejo de estar em segurança, existe então a verdadeira cooperação.

E'-nos possível cooperar, manter-nos coesos, sem termos um alvo, um resultado? Podemos, vós e eu, cooperar, sem estarmos em busca de um resultado? Essa, sem dúvida, é que é a verdadeira cooperação, não achais? Se vós e eu concebemos, elaboramos, planejamos um resultado, e agora estamos trabalhando juntos, para alcançar êsse resultado, qual é o processo aí subentendido? Nossas mentes estão de acôrdo, nossos pensamentos, nossas mentes intelectuais estão, naturalmente, de acôrdo; mas, emocionalmente, todo o nosso ser pode estar resistindo ,do que resulta mistificação, do que resulta conflito entre vós e mim. Êsse é um fato evidente e observável em nossa vida cotidiana. Vós e eu combinamos executar juntos um dado trabalho, e intelectualmente, estamos de acôrdo; mas, inconscientemente, profundamente ,estamos a batalhar um contra o outro; eu desejo um resultado que me

dê satisfação; quero dominar; quero que meu nome sobressaia ao vosso, embora seja sabido que estou trabalhando convosco. Dessarte, nós dois, que somos os criadores do tal plano de cooperação, somos, na realidade, adversários, embora, exteriormente, estejamos de acôrdo quanto ao plano. No íntimo, estamos em guerra um com o outro, embora, conscientemente, possamos estar em harmonia.

Nessas condições, não achais importante averiguarmos se vós e eu podemos cooperar, comungar, viver juntos ,num mundo em que vós e eu nada somos; se somos capazes de cooperar verdadeiramente, não no nível superficial, mas fundamentalmente? Êsse é um dos nossos maiores problemas, quiçá o maior de todos. Eu me identifico com um objetivo, e vós vos identificais com o mesmo objetivo; ambos estamos interessados nêle; ambos pretendemos realizá-lo. Êsse processo de pensar, sem dúvida, é muito superficial, porque, pela identificação, geramos a divisão — que é um fato tão evidente em nossa vida diária. Sois hinduísta e eu sou católico; ambos estamos pregando a fraternidade... e prontos a saltar à garganta um do outro. Porque isso? Êste é um dos nossos problemas, não achais? Inconsciente e profundamente, vós tendes as vossas crenças e eu tenho as minhas crenças. Com nossas falas de fraternidade, não resolvemos o problema das crenças, mas só concordamos, teórica e intelectualmente, que assim deve ser; no íntimo, no fundo, estamos um contra o outro.

Enquanto não desfizermos estas barreiras, que constituem uma automistificação, que nos dão uma certa vitalidade, não será possível nenhuma cooperação en-

tre vós e mim. Pela identificação com um grupo, com uma dada idéia, uma determinada nação, nunca chegaremos à cooperação.

A crença não produz a cooperação; pelo contrário, a crença divide. Vemos um partido político contra outro, cada um dêles crendo num determinado método de atender aos problemas econômicos e, conseqüentemente, todos em guerra entre si. Não estão decididos a solucionar o problema da fome, por exemplo. Interessam-se pelas teorias que irão resolver aquêle problema. Não lhes interessa na realidade o problema, mas, sim, apenas o método pelo qual o problema se resolverá. Por isso, tem de haver luta entre os dois, porque o que lhes interessa é a idéia e não o problema. De modo idêntico, os indivíduos religiosos estão uns contra os outros, embora, verbalmente, proclamem que têm uma só vida, um só Deus; sabeis tudo isso. Entretanto, no íntimo, as suas crenças, as suas opiniões, as suas experiências os estão destruindo e mantendo separados.

A experiência, pois, torna-se um fator de divisão em nossas relações, a experiência é um meio de mistificação. Se experimento uma coisa, a ela me apego; não procuro investigar todo o problema relativo ao processo do "experimentar"; mas, porque experimentei, tanto basta, e por isso me apego à experiência e, conseqüentemente, por meio dessa experiência, me imponho a automistificação. Nossa dificuldade, pois é que cada um de nós está de tal modo identificado com uma determinada crença, com uma determinada forma ou método de promover a felicidade, o ajustamento econômico, que nossa mente está tôda tomada por essa

coisa e nos é impossível entrar mais profundamente no problema; por êsse motivo, desejamos permanecer à parte, individualistamente, com nossas peculiares maneiras de proceder, nossas crenças e experiências. Enquanto não dissolvermos e compreendermos essas coisas, não só no nível superficial, mas no nível mais profundo, não pode haver paz no mundo. Eis porque muito importa que aquêles que se sentem realmente interessados compreendam integralmente êste problema — o desejo de vir-a-ser, de realizar, de ganhar — não só no nível superficial, mas fundamental e profundamente; de outro modo, não há possibilidade de paz no mundo.

A verdade não é coisa que se possa ganhar. O amor não pode vir àqueles que têm o desejo de segurar-se a êle ou que desejam com êle identificar-se. Essas coisas vêm, por certo, quando a mente não procura, quando a mente está de todo tranqüila, quando a mente já não está criando movimentos e crenças em que possa apoiar-se ou de que lhe advenha uma certa fôrça — o que constitui um indício de automistificação. Só quando a mente compreende, no seu todo, o processo do desejo, pode estar tranqüila. Só quando a mente não está em movimento, para ser ou para não ser, só então existe a possibilidade de um estado em que não é possível ilusão de espécie alguma.

PERGUNTA: Uma pessoa começa cheia de boa-vontade e do desejo de ser útil; mas, infelizmente, para que possa ser útil construtivamente ingressa em várias organizações políticas ou religioso-sociais. Não tarda

muito que a pessoa se veja afastada de todo sentimento de bondade e de caridade. Como acontece isso?

KRISHNAMURTI: Vamos pensar juntos neste problema, agora, de maneira cabal? Isto é, não fiqueis apenas a ouvir-me explicar a questão, mas observai a vós mesmos em ação, na vida cotidiana. A maioria de nós, principalmente quando somos jovens e ainda sensíveis e impressionáveis, desejamos fazer alguma coisa em benefício dêste mundo cheio de sofrimentos e fome. Ao nos tornarmos mais velhos ,infelizmente, essa sensibilidade se embota.

Sois sensível, desejais fazer o bem, sois compassivo, e, ao verdes tanto sofrimento, fome, esqualidez, corrupção, tôda sorte de apetites, sentis o desejo de fazer alguma coisa. E começais a olhar em tôrno de vós. E, aí, que acontece? Assistis a reuniões da extrema-esquerda, do centro ou da direita, ou apanhais algum livro religioso e procurais resolver o problema. Se tendes inclinação religiosa, achais uma explicação — *karma,* reincarnação, desenvolvimento, evolução, "tem de ser" ou "não tem de ser", etc. — Se o atendeis com uma mentalidade política, começais a freqüentar reuniões políticas. Os da esquerda prometem resultados imediatos; mostram o que é possível fazer imediatamente; estão completamente identificados com uma determinada idéia, um determinado conceito, uma determinada fórmula; exibem fotografias das obras que realizaram ou das obras que realizarão e têm farto material de propaganda. Tudo isso vos convence mais do que o que outros dizem, e assim vos deixais apanhar. Começais com o desejo de fazer bem, com o desejo altruista de produzir

um resultado, e acabais dentro de uma organização política, que promete uma recompensa futura, uma futura utopia.

No vosso zêlo de realizar uma obra útil, entrais para a organização; vosso zêlo foi encaminhado para a atividade política, para uma idéia; em vez de consagrar-se à ação imediata, consagrou-se ao futuro, adotando métodos ideológicos, práticos, disciplinas, etc. Estais agora mais interessado no método, no partido, no grupo, na sua dialética peculiar, etc., do que em como agir para operar uma transformação. Será que não pusemos em jôgo uma mistificação, um adiamento, um esquecimento, — mistificação, não em face do problema ou dos males que criaram o problema, mas em face dos partidos contrários ,a qual não nos deixa fazer coisa alguma? O resultado é que perdemos a nossa bondade ,a nossa caridade, perdemos inteiramente o contacto com elas, com a fonte da compaixão e do amor. Chamamos a isso ação imediata! Tal é a situação em que se acha a maioria de nós, não é verdade?

Aderimos a grupos, filiamo-nos a sociedades, na esperança de que daí resulte algum bem; e, em breve tempo, vemo-nos inteiramente absorvidos em crenças, em lutas, em ambições, em tolices medonhas. A desvantagem da maioria de nós é que nos achamos isolados; vivemos no seio da sociedade, do partido, do grupo político; somos todos prisioneiros, é difícil a evasão, porquanto os partidos, os grupos, as organizações religiosas têm o poder de excomungar-nos; ameaçam-nos, porque têm fôrça, fôrça econômica e fôrça psicológica, e estamos à mercê dêles; comprometemo-nos com êles, e nossos interêsses estão nas suas mãos, tanto psi-

cológica como econômicamente. Necessitamos grandes somas de compreensão, para nos libertarmos de tudo isso. Ninguém nos prestará ajuda, porque cada um crê numa coisa e está comprometido com esta ou aquela causa. E, assim, envelhecemos dentro desta prisão; vem-nos o desespêro, a tragédia, e os aceitamos como coisas inevitáveis.

E' possível perceber todo êsse processo em que a bondade, a caridade ,o amor são destruídos pela nossa estultice, porque sentimos tanto empenho em fazer alguma coisa? O próprio desejo, a vontade de fazer alguma coisa, dá origem à auto-mistificação. Não temos paciência para esperar, para olhar, observar, conhecer mais profundamente. O próprio desejo de entrar em atividades altruistas redunda em mistificação, porque o homem ladino está à nossa espera, para tirar proveito da nossa bondade, do nosso desejo de ser úteis; a êle nos entregamos, para sermos explorados, para lhe servirmos de instrumento.

Não será possível olharmos para tudo isso, ficarmos cônscios de todo o conteúdo do problema, e romper as prisões, não teòricamente, mas de fato, — para enfrentarmos o problema de modo que façamos reviver aquela bondade prístina, aquêle sentimento de intimidade com as pessoas, que é o verdadeiro estado de amor? Êsse é o único caminho a seguir. Quando há amor, êle fará surgir um estado extraordinário, um resultado extraordinário, que nem vós nem eu somos capazes de planejar, para produzir depois, capazes de conceber. Tôdas as pessoas engenhosas têm traçado planos e têm concebido idéias; vêde o que está acon-

tecendo: estão-se esganando, destruindo-se uns aos outros.

Percebendo todo êste problema, os que sentem um sério empenho devem evidentemente romper as suas prisões. No rompê-las, justamente, encontra-se a renovação; justamente no perceber está a ação que não é idéia, primeiro, e depois ação.

PERGUNTA: Porque dizeis que o saber e a crença precisam ser suprimidos para que a verdade exista?

KRISHNAMURTI: Que é o vosso saber e que é a vossa crença? Se examinais o vosso saber e a vossa crença, que são êles? Só lembranças. Não é verdade? De que é que tendes conhecimento? Das vossas lembranças, das experiências de outras pessoas, registradas num livro! Se pensais a respeito do vosso saber, que é êle? Lembrança. Estais obtendo explicações, ministradas por outras pessoas, e tendes vossas próprias experiências, baseadas em vossas lembranças. Depara-se-vos um incidente e traduzis êsse incidente de acôrdo com a vossa memória, a que chamais experiência. Vosso saber é um processo de reconhecimento. Sabemos o que são as crenças. Elas são criadas pela mente, no seu desejo de estar certa, de estar protegida, de estar em segurança.

Assim, como pode essa mente, tolhida que está pelo saber, essa mente, que é acumulação do passado, traduzindo o presente segundo sua própria conveniência, como pode essa mente, com sua carga de saber, compreender o que é a verdade? A verdade tem de ser algo

que está fora do tempo. Ela não pode ser "projetada" pela mente ;não pode ser talhada pela minha experiência; tem de ser algo incognoscível, em face de minha experiência passada. Se eu a conheço, do passado, isso então é reconhecimento e portanto não é a verdade. Se ela é apenas uma crença, é então uma "projeção" dos meus próprios desejos.

Porque nos orgulhamos tanto do nosso saber? Estamos aprisionados em nossas crenças, no "estado de conhecimento", no sentido em que é geralmente compreendido o conhecimento. Temeis o "ser nada". Eis porque fazeis questão de ter tantos títulos; tendes a preocupação de adquirir nomes, idéias, reputação, de fazer exibição de vós mesmos. Com tôda essa carga na mente, dizeis: "Estou procurando a verdade, desejo compreender a verdade". Se examinais atentamente todo o processo da aquisição de saber e da formação da crença, que acontece? Verificais, sem dúvida, que essas coisas são artifícios da mente — o crer, o saber; elas vos conferem certo prestígio, certos poderes; os outros vos respeitam como um homem extraordinário, muito lido e muito culto. Em ficando mais velhos, achais-vos com direito a mais respeito, porque, naturalmente, vos tornastes mais sábios, pelo menos assim o pensais. O que fizestes foi apenas amadurecer na vossa própria experiência. A crença destrói os entes humanos, divide os entes humanos. O homem que crê nunca pode amar; porque, para êle, a crença é mais significativa do que o ser bondoso, cordato, solícito; a crença proporciona certa fôrça, certa vitalidade, um falso sentimento de segurança.

Assim, examinando bem a coisa, que encontrais? Só palavras, só memória. A verdade é algo que deve achar-se além dos limites da imaginação, além do processo da mente. Ela tem de ser eternamente nova, uma coisa não susceptível de reconhecer-se, de descrever-se. Se citais Sankara, Buda, XYZ, já começastes a comparar — o que demonstra que, pela comparação, desististes de pensar, de sentir, de experimentar. Êsse é um dos artifícios da mente. Vosso saber está destruindo a percepção imediata daquilo que é a verdade.

Eis porque importa compreender, no seu todo, o processo do saber e da crença, para o abandonarmos. Sêde simples, vêde essas coisas com simplicidade e não com uma mente ardilosa. Vereis, assim, que a mente, que amontoou tanta experiência, tantas explicações, que está limitada por tantas crenças, começa a renovar-se. Ela já não está à procura do novo, já não está reconhecendo, deixou de reconhecer; acha-se, por conseguinte, em estado de constante experimentar, não relacionado com o passado; há um movimento novo, que não é susceptível de repetir-se.

Importa, por essa razão, que todo saber, tôda crença sejam devidamente compreendidos. Não podeis suprimir o saber; tendes de compreendê-lo ;não podeis fechar a porta ao saber. Qual é, agora, a vossa reação? Saireis daqui e continuareis a proceder da maneira habitual, porque tendes mêdo de afastar-vos do velho padrão.

Para achar a verdade, não há *guru,* não há exemplo, não há caminho; a virtude não conduzirá à verdade; a prática da virtude é auto-perpetuação. O saber, evidentemente, só nos dá respeitabilidade. O ho-

mem "respeitável" e fechado dentro de sua própria importância, nunca encontrará a verdade. A mente precisa estar de todo vazia, não procurar, não "projetar". Só quando a mente está totalmente tranqüila, apresenta-se a possibilidade daquilo que é imensurável.

PERGUNTA: Qual a relação que há entre aquilo que os psicólogos chamam intuição e o que chamais compreensão?

KRISHNAMURTI: Não nos preocupemos com o que dizem os psicólogos. Que entendeis por intuição? Empregamos esta palavra, não é verdade? Tenho empregado a palavra compreensão muito freqüentemente. Vamos ver o que ela significa.

Que entendemos por intuição? Não venhais com o que outras pessoas dizem. Vós empregais a palavra intuição. Que é sentimento intuitivo? Com razão ou sem ela, temos um sentimento de que uma coisa deve ser assim ou não deve ser assim. Por sentimento intuitivo, entendemos um sentimento não racionalizado, não muito lògicamente pensado, um sentimento que atribuimos a uma fonte situada fora da mente, a que chamamos um lampejo da consciência superior. Não estamos verificando se há ou não intuição, queremos agora averiguar a verdade a êsse respeito.

Antes de mais nada, é muito fácil enganarmos a nós mesmos, não é verdade? Tenho um sentimento intuitivo de que a reincarnação é uma verdade. Não o tendes vós? Admitis a reincarnação, não por terdes lido a respeito, mas porque tendes um sentimento relativamente a ela; vossa intuição vo-lo diz, e por isso o

admitis. Só estou aventando isso para exemplo; não estamos levando em consideração a realidade da coisa, isto é, se há ou não há continuidade. Pois bem, que se subentende no sentimento intuitivo? Vossa esperança, vosso desejo, continuidade, temor, desespêro, sentimento de vazio, solidão — tôdas essas coisas vos estão impulsionando; tôdas elas vos impelem a segurar-vos à idéia da reincarnação. Destarte, o vosso próprio desejo, inconscientemente, projeta aquêle sentimento intuitivo.

Sem compreender integralmente o processo do desejo, não podeis confiar na intuição, pois ela pode ser extraordinàriamente enganosa. Em certos casos, a intuição é enganosa. Não alegueis que os cientistas têm a percepção intuitiva de um problema; vós não sois cientistas. Somos gente comum, com nossos problemas cotidianos. Os cientistas trabalham, impessoalmente, num problema matemático; lutam com o problema, lutam, lutam, e, não conseguindo achar a solução, põem-no de lado; quando recomeçam a trabalhar, vêem sùbitamente a solução — eis a sua intuição. Nós, porém, não nos aplicamos aos nossos problemas dessa maneira. Temos demasiada intimidade com os nossos problemas; estamos confinados, limitados pelos nossos próprios desejos; e êles ditam, consciente ou inconscientemente, a nossa atitude, a nossa reação. Empregamos a palavra intuição em relação a êsse processo.

Compreensão significa percepção integral do problema, isto é, compreensão do desejo e de suas maneiras de operar. Quando compreenderdes, vereis que não existe uma entidade que, como "examinador", observa o problema submetido a exame. Essa compreensão não é intuição. Essa compreensão é o perce-

bimento do processo de como o desejo opera, percebimento integral e não apenas no nível superficial; penetra a coisa de maneira completa, revelando, assim, tôda e qualquer possibilidade de engano.

A compreensão é um processo integrado, ao passo que a intuição, como a usamos, é seccional. Esta última opera ocasionalmente; no resto do tempo somos tolos. De que nos adianta essa intuição? Por um instante vemos as coisas muito lùcidamente, e durante o resto do tempo somos exatamente a mesma estulta entidade de antes. A compreensão é um processo integrado que opera todo o tempo; e ela nasce quando estamos cônscios do processo total do desejo.

PERGUNTA: Dizeis que a vida que levamos é negação e por isso não pode haver amor. Quereis ter a bondade de explicar-vos?

KRISHNAMURTI: Porque quereis a minha explicação? Não estais cientes disso? Serão nossas vidas criadoras, muito positivas? Pelo menos, nós pensamos que somos positivos. Mas o resultado é sempre negativo. Somos muito positivos em nossa avidez, nossos rancores, nossa inveja, nossa ambição. Sabemo-lo muito bem, não é verdade? — divisão de classes, divisão comunal, divisões naturais, tôdas as formas de destruição, separação, isolamento. Eis os fatos inegáveis.

Nossa vida, conquanto pareça positiva, é em verdade negativa, porque leva à morte, à destruição, ao sofrimento. Não haveis de querer admitir isso, porque, dizeis: "Estamos fazendo tudo quanto há de mais positivo no mundo; não se pode viver em estado de nega-

ção". O que estais fazendo, contudo, é uma atividade negativa. Tudo o que fazeis é um ato de morte. Que mais pode ser tal atividade, senão negação? Sendo ambicioso, sois destrutivo, sois um elemento corruptor, um elemento corrosivo, nas vossas relações. Cada um dos vossos atos é um ato negativo.

Como pode a mente, cuja existência inteira é uma série de negações, conhecer o amor? E vindes perguntar-me o que é o amor. Imitação é morte; no entanto, temos modelos ,que desejamos seguir; temos poder; temos *gurus;* seguimos o processo da repetição, da imitação, da rotina — e isso que é? Morte, negação! Não é? Como pode tal entidade compreender alguma coisa? Essa entidade não pode conhecer o amor.

A única coisa positiva que existe é o amor. Mas êle só se manifesta quando não existe o estado de negação, quando não sois ambicioso, quando não sois corrupto, quando não sois invejoso. Precisais, primeiramente, compreender aquilo que *é,* e ao compreenderdes aquilo que *é,* surge na existência "o outro estado".

(Não tem data).

XII

ESTA é a última palestra da presente série. Não haverá outras reuniões depois desta, pelo menos por enquanto.

Os mais de nós, penso eu, sabemos que tôda forma de persuasão, tôda espécie de estímulo nos tem sido proporcionada, para resistirmos às atividades egocêntricas. As religiões, pelo mêdo, por meio de promessas, pelo mêdo do inferno, por condenações de todo o gênero, têm tentado dissuadir o homem dessa atividade constante que nasce do centro representado pelo "eu". Como tudo isso falhou, as organizações políticas chamaram a si o encargo. Aqui, mais uma vez a persuasão, mais uma vez a esperança utópica, como meta final. Contra tôda e qualquer resistência foram instituídos e postos em vigor, os campos de concentração e medidas legislativas, das mais moderadas às mais extremas, e, todavia, prosseguimos em nossa atividade egocêntrica. E' só isso que sabemos. Se acaso pensamos a tal respeito, procuramos fazer alguma modificação; se nos tor-

namos cônscios dessa atividade ,procuramos alterar o seu curso e, fundamentalmente, profundamente , não há transformação alguma, não há a cessação radical daquela atividade. Estamos cientes de tudo isso. Pelo menos o estão os homens que refletem; estão eles também cônscios de que só quando cessa aquela atividade do centro, pode haver felicidade. A maioria de nós não está cônscia disso. Temos por certo que é natural êsse estado de coisas, que a ação conseqüente é inevitável, só sendo susceptível de modificar-se, controlar-se, e moldar-se. Ora, os que estão interessados mais sèriamente — *sèriamente,* não sinceramente, porque a sinceridade é um modo de auto-mistificação e portanto está fora de cogitação — devem averiguar como é que uma pessoa que está cônscia dêsse extraordinário processo de atividade egocêntrica, pode sair dêle, transcendê-lo.

Para compreender o que é essa atividade egocêntrica, precisamos, naturalmente, examiná-la, observá-la, estar cônscios do seu processo, na sua inteireza. Se fôr possível ficarmos cônscios dêle, haverá então a possibilidade de sua dissolução; mas o estar cônscio requer certa compreensão, certa intenção de enfrentar a coisa tal como ela é, abstendo-nos de interpretá-la, modificá-la, condená-la. Temos de estar cônscios daquela atividade que estamos desempenhando, oriunda daquele estado egocêntrico; precisamos estar cônscios dela. Essa é uma das nossas principais dificuldades ,uma vez que no momento em que ficamos cônscios daquela atividade queremos moldá-la, queremos controlá-la, queremos condená-la, queremos modificá-la; mas nunca estamos em situação de enfrentá-la diretamente; e quando estamos,

mui poucos de nós somos capazes de saber o que se deve fazer.

Reconhecemos que as atividades egocêntricas são prejudiciais, são destrutivas e que tôda forma de atividade egocêntrica — tal como a de identificação com a nação, com determinado grupo, com determinados desejos, com desejos que produzem ação, a busca de um resultado, neste mundo ou no outro, a glorificação de uma idéia, o seguimento de um exemplo, a veneração e o cultivo da virtude — é, essencialmente, a atividade de uma pessoa egocêntrica. Tôdas as suas relações, — com a natureza, com pessoas, com idéias — são produto daquela atividade. Sabendo tudo isso, que cabe a uma pessoa fazer? Tôda atividade dessa ordem tem de findar voluntàriamente, e não por imposição própria, não por ter sido influenciada, guiada. Espero que estejais percebendo a dificuldade aí existente.

Os mais de nós somos sabedores de que essa atividade egocêntrica gera malefícios e o caos; mas só estamos cônscios disso em certas direções. Ou o observamos noutras pessoas e ignoramos as nossas próprias atividades; ou, se em nossas relações com outras pessoas ,tomamos conhecimento de nossa atividade egocêntrica, desejamos fazer uma transformação, desejamos encontrar um substituto, desejamos passar além. Antes de podermos atender a êsse processo, precisamos saber como é que êle se origina, não é verdade? Para compreender alguma coisa, precisamos ser capazes de a observar; e ,para observá-la, precisamos conhecer as suas várias atividades em níveis diferentes, tanto conscientes como inconscientes, e bem assim as diretrizes conscientes, os movimentos egocêntricos resultantes dos

motivos e intenções inconscientes. Trata-se, sem dúvida, de um processo egocêntrico, resultado do tempo, não é verdade?

Que é ser egocêntrico? Quando é que tendes consciência de ser "eu"? Como tenho sugerido freqüentemente, nas minhas palestras, não fiqueis apenas a escutar-me verbalmente; servi-vos de minhas palavras como de um espêlho, no qual podeis ver a vossa própria mente em funcionamento. Se apenas ouvis as minhas palavras, sois então muito superficiais e vossas reações hão de ser muito superficiais; mas se sabeis escutar devidamente, que não significa compreender-me, a mim, ou ao que estou dizendo, e, sim, ver-nos no espêlho das minhas palavras —se vos servis de mim como de um espêlho em que descobris a vossa própria atividade, isso, então, terá um efeito extraordinário, profundo; mas se me escutais pela maneira como ouvis conferências políticas ou de outro gênero, então creio que não percebereis todo o significado do descobrimento, por vós mesmos, daquela verdade que dissolve o centro do "eu".

Só estou cônscio das atividades do "eu" quando existe oposição, quando a consciência se vê contrariada, quando o "eu" está desejoso de alcançar um resultado. O "eu" está ativo, ou tenho consciência daquele centro, quando o prazer termina e eu desejo mais dêsse prazer; há então resistência e um intencional ajustamento da mente a um determinado fim, o qual me proporcionará deleite, satisfação; estou cônscio de mim mesmo e das minhas atividades quando estou cultivando a virtude conscientemente. E' só isso o que sabemos. Um homem que cultiva a virtude conscientemente, não

é virtuoso. A humildade não pode ser cultivada e nisso é que consiste a beleza da humanidade.

Nessas condições, enquanto existe êsse centro de atividade, em qualquer direção, consciente ou inconsciente, há o motivo do tempo e estou consciente do passado e do presente em conjunção com o futuro. O centro dessa atividade, da atividade egocêntrica do "eu", é um processo de tempo. E' isso o que entendeis por tempo — referis-vos, ao processo psicológico do tempo; é a memória que dá continuidade à atividade do centro, que é o "eu". Tende a bondade de observar-vos em funcionamento; não ouçais apenas as minhas palavras, não fiqueis hipnotizados pelas minhas palavras. Se observardes a vós mesmos e tomardes conhecimento dêsse centro de atividades, vereis que êle é apenas o processo do tempo, da memória, do experimentar e traduzir cada experiência, segundo a memória; vereis também que a atividade do "eu" é recognição, sendo isso processo da mente.

Pois bem, pode a mente ficar livre da atividade egocêntrica? Talvez seja possível, em momentos raros; talvez possa acontecer à maioria de nós, quando praticamos um ato inconsciente, não intencional, não propositado. É possível à mente ficar livre da atividade egocêntrica? Eis uma pergunta muito importante, que, vos deveis fazer em primeiro lugar, pois, precisamente no fazê-la encontrareis a resposta. Isto é, se estais cônscio do processo total dessa atividade egocêntrica, se estais perfeitamente ciente de suas atividades em diversos níveis da vossa consciência, então, de certo, tendes de perguntar a vós mesmos se é possível aquela atividade chegar a um fim; isto é, não pen-

sar dentro dos limites do tempo, não pensar com referência ao que serei, ao que fui, ou ao que sou. Dêsse modo de pensar procede todo o processo da atividade egôcentrica; aí também tem comêço a determinação de vir-a-ser, a determinação de escolher e de evitar, tudo isso processo de tempo. Notam-se, nesse processo, malefícios sem fim, miséria, confusão, perversão, degenerescência. Ficai cônscio disso, enquanto falo, nas vossas relações, na vossa mente.

Positivamente, o processo do tempo não é revolucionário. No processo do tempo não há transformação; só há uma continuidade e nunca um findar. No processo do tempo só existe recognição. Só quando temos a cessação completa do processo do tempo, da atividade do "eu", há o novo, há revolução, há transformação.

Uma vez cônscia de todo êsse processo do "eu", em sua atividade, que deve a mente fazer? Só com a renovação, só com a revolução — *não pela evolução,* não com o "eu" na atividade de vir-a-ser, mas sim pelo completo findar do "eu", há o novo. O processo do tempo não pode trazer o novo; o tempo não é o caminho da criação.

Não sei se qualquer de vós já teve algum momento de criação — não "ação", não me refiro à execução de algum ato — quero significar o momento de criação em que não há recognição alguma. Nesse momento se realiza aquêle estado extraordinário em que o eu "como atividade de recognição deixou de existir. Acredito que alguns de nós já conhecemos um momento dêsses; talvez a maioria de nós já o conhecemos. Se estamos vigilantes, veremos que naquele estado não

existe nenhum "experimentador" que lembra, traduz, reconhece, e depois identifica. Não há nenhum processo de pensamento, que é coisa do tempo. Naquele estado de criação, de ação criadora, naquele estado do novo, que é atemporal, não existe, absolutamente, nenhuma ação do "eu".

Nossa questão, agora, é certamente esta: É possível à mente experimentar, conhecer aquêle estado, não momentâneamente, não em instantes raros, mas — não quero usar a expressão "eternamente" ou "para sempre", que implicam o tempo — conhecer aquêle estado, achar-se naquele estado, sem relação alguma com o tempo? Esta, sem dúvida, é uma descoberta muito importante, que cada um de nós deve fazer, porquanto é ela a porta do amor; tôdas as outras portas representam atividades do "eu". Onde há ação do "eu" não há amor. O amor não é do tempo. Não podeis praticar o amor, pois isso seria uma atividade consciente do "eu", que espera, por meio do amor, alcançar um resultado.

O amor, pois, não é coisa do tempo; não podeis chegar a êle por meio de um esfôrço consciente, por meio de uma disciplina, por meio de identificação, porque tudo isso é processo do tempo. A mente que só conhece o processo do tempo é incapaz de reconhecer o amor. O amor é a única coisa que é nova, eternamente nova. Uma vez que os mais de nós temos cultivado a mente, que é um processo de tempo, resultado do tempo, não sabemos o que é o amor. Falamos a respeito do amor; dizemos que amamos pessoas, que amamos nossos filhos, nossas espôsas, nosso próximo; que amamos a natureza; mas, no momento

em que estou consciente de que amo, entrou em atividade o "eu" e, conseqüentemente, o amor deixou de existir.

O processo total da mente só é compreensível no estado de relação — relação com a natureza, com pessoas, com nossa própria "projeção", com tudo, enfim. Na realidade, a vida não é outra coisa senão relações. Ainda que tentemos isolar-nos das nossas relações, não podemos existir sem elas; embora as relações sejam dolorosas e procuremos evitá-las pela fuga, recolhendo-nos ao isolamento, tornando-nos eremitas, etc., não o podemos fazer. Todos êsses métodos constituem um indício de atividade do "eu". Ao perceberdes o quadro, em sua inteireza, ao perceberdes integralmente êsse processo do tempo como consciência — perceber, sem que haja escolha, sem que haja nenhuma intenção determinada no sentido de um objetivo, sem desejo de resultado — vereis como êsse processo do tempo chega a um fim, espontâneamente — um fim não provocado, um fim que não é resultado do desejo. Só quando cessa aquêle processo existe o amor, que é eternamente novo.

Não temos de procurar a verdade. A verdade não é uma coisa que se acha longe de nós. A verdade habita a mente, está presente em suas atividades de cada instante. Ao perceberdes essa verdade existente, momento por momento, ao perceberdes inteiramente êsse processo do tempo, então, êsse percebimento libera, descarrega aquela consciência ou energia que está tôda aplicada a ser. Quando a mente se serve da consciência como atividade egocêntrica, entra em cena o tempo, com tôdas as suas misérias, todos os seus con-

flitos, todos os seus malefícios, tôdas as suas ilusões intencionais; e só quando a mente, compreendendo êsse processo total, cessa, pode existir o amor. Podemos chamá-lo amor ou por outro nome qualquer; o nome que lhe damos não tem importância.

PERGUNTA: Como pode uma pessoa saber se está enganando-se a si mesma?

KRISHNAMURTI: Quando é que sabeis uma coisa qualquer? Qual é o processo do saber? Observai êsse processo, e não tardareis a descobrir se estais ou não enganando a vós mesmo. Isto é, se fazeis esta pergunta a sério, podereis descobri-lo.

Desejais saber quando é que estais enganando a vós mesmo. Ora, que entendeis por engano? Quando é que sabeis uma coisa? Quando estais interpretando, não é verdade? Só sabeis uma coisa quando há reconhecimento, quando está funcionando o processo de interpretação, quando estais experimentando e traduzindo a experiência; é então que dizeis "sei". Sempre que há processo de reconhecimento, há saber.

Que entendemos por enganar a si mesmo? Quando é que enganamos a nós mesmos, consciente ou inconscientemente? Os mais de nós, embora enganando-nos a nós mesmos, estamos completamente inconscientes dêsse processo. Podemos estar cônscios dêle nos níveis superficiais da compreensão consciente da palavra; podemos estar cônscios da auto-mistificação de uma maneira vaga. Mas isso nada adianta. Precisamos ter conhecimento dela em todos os níveis, fundamentalmente. Isso é um tanto difícil. Precisamos investigar, preci-

samos descobrir, precisamos averiguar e compreender o que entendemos por engano. Quando é que nos enganamos a nós mesmos, quando é que nos iludimos a nós mesmos? Só quando há uma imposição a nós mesmos ou a outros. É isso, por certo, o que implica a palavra ilusão, não é? Impor uma certa experiência a outros, ou ficarmos nós mesmos apegados a essa experiência, o que significa impô-la a nós mesmos. O que estou dizendo não é difícil de entender. Se procederdes, passo por passo, vereis que é até muito simples. Há auto-mistificação sempre que estou a impor uma experiência a outros ou a mim mesmo, sempre que estou traduzindo *uma* experiência em função do meu apêgo a ela, ou da identificação, ou do desejo de convencer a outrem.

A auto-mistificação, conseqüentemente, é um processo de tempo. É um processo acumulado. Tive uma experiência, quando menino, e desejo que aquela experiência seja conservada. Estou convencido de que aquela experiência que tive em menino é verdadeira, e quero convencer-vos disso, porque eu tive a experiência e a ela estou apegado; é assim que sabemos uma coisa.

Nessas condições, o saber, que é a interpretação de uma experiência, acarreta a auto-mistificação, que é um processo de tempo.

Não sabeis quando estais enganando-vos a vós mesmos? Não o sabeis ? Apresenta-se um fato e êsse fato vós o traduzis de acôrdo com os vossos interêsses adquiridos, vossos próprios gostos e aversões; e, no mesmo instante, começou a funcionar a auto-mistificação. Quando sois incapaz de fazer frente a um fato e começais a traduzir êsse fato de acôrdo com a vossa

memória, no mesmo instante tem comêço a auto-mistificação. Tenho uma visão, que traduzo e a que me apego; tenho uma experiência, que traduzo de acôrdo com meu gôsto ou aversão, e começo a enganar-me a mim mesmo com a ajuda de minha experiência passada; é assim que começa a auto-mistificação, isto é, com a interpretação.

Quando sou capaz de olhar o fato sem nenhuma espécie de comparação ou julgamento, sem tradução, só então tenho a possibilidade de não ser enganado. Quando nada desejo dêsse fato, quando não desejo um resultado, quando não desejo convencer-vos ou a mim mesmo, a respeito dêle, essa possibilidade de não ser enganado existe. Preciso olhar o fato diretamente, estar em contacto com êle, sem que haja nenhuma interpretação entre mim e o fato. Entre mim e o fato não deve existir êsse processo de tempo que é a mistificação.

Tenho uma experiência, quando menino, quando rapaz, em relação com um *guru*, com um Mestre, com o que quer que seja; então, que acontece? Eu a interpreto em conformidade com meus gôstos, com o meu condicionamento. E então digo "sei". Começa, aí, a auto-mistificação. Fiquei apegado a uma experiência susceptível de traduzir-se. Tôda experiência traduzível é o comêço da auto-mistificação. Sôbre esta base construo todo o processo do saber. Se tenho capacidade, convenço-vos da minha experiência; e vós, supersticioso que sois, sem senso crítico, me seguis, porque desejais ser enganado, quereis ficar prêso na mesma rede. A rede tem de ser jogada fora. Podeis arar o solo, dia por dia, arar, arar, arar; mas, en-

quanto não lançardes uma semente, nada colhereis. É assim que nos estamos enganando conscientemente a nós mesmos e aos outros.

Vemos, pois, que é muito simples, muito fácil, uma pessoa descobrir por si mesma se está enganando-se a si própria. Enquanto houver um intérprete a traduzir a experiência, tem de haver mistificação. Não digais que há tempo de sobra para ficarmos livres do "experimentador", do "tradutor". Essa é outra das maneiras de nos enganarmos; é o nosso desejo de nos furtarmos ao fato.

Se desejamos saber se nos estamos enganando a nós mesmos, isso é muito fácil e muito simples. Só quando não perguntais, quando não estendeis a mão a outro, pedindo uma esmola, só então se pode conhecer o estado em que não há possibilidade de mistificação alguma.

PERGUNTA: Dizeis que pela identificação causamos a separação, a divisão. Vosso modo de vida parece a alguns de nós "separativo", isolante, e parece também ter trazido a desunião de muitos que antes estavam unidos. Com o que vos identificastes?

KRISHNAMURTI: Procuremos, em primeiro lugar, averiguar a asserção de que a identificação divide, separa. Tenho afirmado isso muitas vêzes. É ou não é um fato?

Que entendemos por identificação? Não deveis simplesmente ceder à identificação num nível verbal, mas, sim, encará-la diretamente. Vós vos identificais com vossa nação, não é verdade? Quando o fazeis, que acontece? Imediatamente, por causa dessa identificação

com um determinado grupo, vós vos fechais. Isso é um fato, não achais? Quando vos dizeis hinduista, vós vos identificastes com determinadas crenças, tradições, esperanças, ideais; e justamente essa identificação vos isola. Isso é um fato, não? Se perceberdes essa verdade, deixareis de identificar-vos, e por isso não sereis mais hinduista, nem budista, nem cristão, política ou religiosamente. A identificação, pois, é fator de separação, fator de deterioração, em nossa vida. Eis o fato; eis a verdade sôbre a identificação, quer vos agrade, quer não.

Pergunta, a seguir, o interrogante se eu, com minha ação, causei separação no seio daqueles que antes estavam unidos. Exatamente. Quando percebemos uma verdade, não temos o dever de proclamá-la? Como pode haver união baseada na falsidade? Identificais-vos com uma idéia, com uma crença; e quando alguém impugna essa crença, essa idéia, vós o repelis — não o atraís, e, sim, o repelis. Vós o isolastes; o homem que diz que o que fazeis está errado, não vos isolou. Assim, vossa ação é que é isolante e não a ação dêle, a ação de pessoa que aponta aonde está a verdade. Não quereis encarar o fato de que a identificação é um fator de separação.

A identificação com uma família, com uma idéia, uma crença, com uma organização qualquer, tem fôrça separativa. Se alguém acaba com ela diretamente ou vos chama a atenção para ela, apresentando-vos um desafio, então vós, que desejais a identificação, que desejais ser separativos, que desejais repelir tal pessoa, dizeis que êsse homem é um fator de isolamento.

Vosso modo de existência, vosso modo de vida, é separativo; por conseguinte, sois responsável pela separação. Eu, não. Vós me expulsastes; não fui eu que saí. Naturalmente, começais a sentir que eu estou fomentando o isolamento, estou causando a divisão, que minhas idéias e minhas expressões estão destruindo, são destrutivas. *Elas têm de ser destrutivas, têm de ser revolucionárias*. Do contrário, que valor tem uma coisa nova?

Com efeito, Senhores, faz-se necessária uma revolução, não de acôrdo com determinada ideologia ou padrão. Se fôr de acôrdo com qualquer ideologia ou padrão, não é revolução, mas, sim, mera continuação do passado; é identificação com uma idéia nova, emprestando, portanto, continuidade a uma determinada convenção; e isso, naturalmente, não é revolução de espécie alguma. Realiza-se a revolução, quando, interiormente, cessa tôda e qualquer identificação; e isso só se consegue quando sois capazes de olhar diretamente o fato, sem vos enganardes a vós mesmos, e sem dar ao intérprete nenhuma oportunidade de dizer-vos o que pensa a respeito dêle.

Se percebo a verdade sôbre a identificação, então, evidentemente, não estou identificado com coisa alguma. Senhor, quando percebo a verdade de que uma coisa é nociva, não existe problema. Cesso de identificar-me com ela, onde quer que seja. Compreendei que todo processo de identificação é destrutivo, separativo; quer êle funcione com relação a crenças religiosas, quer com relação à concepção dialética da política, êle é exclusivamente separativo. Quando reco-

nhecerdes êsse fato, quando estiverdes plenamente cônscios do mesmo, estareis, então, sem dúvida nenhuma, libertos; por essa razão, não haverá identificação com coisa alguma. Não estar identificado significa estar só, mas não como uma entidade superior, perante o mundo. Isso nada tem que ver com a união. Vós no entanto, temeis a desunião.

Diz o interrogante que eu trouxe a desunião. Eu? Duvido muito! Descobristes por vós mesmos a verdade a respeito. Se vos deixais persuadir por mim e, conseqüentemente, vos identificais comigo, não fizestes então uma coisa nova, apenas trocastes um mal por outro mal. Senhores, precisais romper com tudo, para descobrirdes. A verdadeira revolução é a revolução interior; é uma revolução que vê as coisas em tôda a claridade; e essa é a revolução do amor. Nesse estado não temos identificação com coisa nenhuma.

PERGUNTA: Dizeis que só pode haver cooperação quando vós e eu somos "igual ao nada". Como pode ser verdade isso? Não é a cooperação uma ação positiva, ao passo que ser "igual ao nada" é quase uma negatividade inconsciente? Como podem dois "nadas" estar em relação. e em que podem cooperar?

KRISHNAMURTI: O estado de "nada" tem de ser naturalmente um estado inconsciente. Não é um estado consciente. Uma pessoa não pode dizer "sou o mesmo que nada". Quando uma pessoa tem consciência de que é "nada", já é alguma coisa. Isso não é algo que estou dizendo para divertir-vos, porém, um fato. Quando uma pessoa está cônscia de que é virtuosa, torna-se respeitável; a pessoa respeitável nunca

poderá achar o que é real. Quando estou cônscio de que sou "o mesmo que nada", essa nulidade, então, é alguma coisa. Não aceiteis esta asserção, só porque eu a fiz.

Só pode haver cooperação quando vós e eu somos "o mesmo que nada". Averiguai o que isso significa, pensai, e meditai a fundo. Não vos limiteis a fazer perguntas. Que significa êsse estado de nulidade? Como o entendeis? Só conhecemos o estado de atividade do "eu", a atividade egocêntrica. Se estais seguindo algum *guru*, algum Mestre, isso é inteiramente irrelevante. Só conhecemos o estado que representa ação do "eu". Êsse estado, evidentemente, cria malefícios, infelicidade, agitação, confusão e falta de cooperação. E surge então o problema: "Como devemos cooperar?".

Sabemos, agora, que tôda cooperação baseada numa idéia leva à destruição, como já foi demonstrado. Ação, cooperação, baseadas em idéia, têm efeito separativo. Assim como a experiência é separativa, assim também o é a ação baseada em idéia. Mesmo que estejais convencidos, mesmo que milhões estejam convencidos, restam ainda muitos para convencer; e, por essa razão, há uma perpétuo batalhar. Já sabemos, pois, que não pode haver nenhuma cooperação fundamental, embora possa haver persuasão superficial, por meio do temor, de promessa de recompensa, ameaça de punição, etc. — e isso, evidentemente, não é cooperação.

Assim, onde há atividade do "eu" com um fim em vista, com uma utopia em vista, tal coisa nada mais é do que destruição, separação; e não há cooperação alguma. Que deve uma pessoa fazer, se está deveras

desejosa, se tem vontade, verdadeiramente, de descobrir, não superficialmente, mas de maneira real, e de promover a cooperação? Se desejais cooperação, com vossa espôsa, com vosso filho, com vosso próximo, como deveis começar? Deveis começar por amar a pessoa. É claro!

O amor não é uma coisa da mente; o amor não é idéia. O amor só pode existir depois de extinta a atividade do "eu". Vós, porém, chamais essa atividade do "eu" positiva; êsse ato "positivo" leva à destruição, à separação, à aflição, à confusão, coisas essas que conheceis muito bem e a fundo. E, todavia, todos nós falamos de cooperação, de fraternidade. Bàsicamente, o que desejamos é ficar apegados às nossas atividades egocêntricas.

Nessas condições, um homem que deseje realmente investigar e descobrir a verdade sôbre a cooperação deve, inevitàvelmente, fazer terminar a atividade egocêntrica. Quando vós e eu não somos egocêntricos, amamo-nos um ao outro; então, vós e eu estamos interessados na ação e não no resultado; não na idéia, mas no realizar da ação; vós e eu temos amor um pelo outro. Quando minha atividade egocêntrica entra em choque com a vossa atividade egocêntrica, "projetamos", então, uma idéia, com relação à qual nós dois entramos em conflito; superficialmente, estamos cooperando, mas, em verdade, estamos continuamente em guerra.

Vemos, que o "ser nada" não é o estado consciente; e quando vós e eu nos amamos, então cooperamos, não para executar alguma coisa a respeito da

qual temos uma idéia, mas em qualquer coisa que seja preciso fazer.

Se vós e eu nos amássemos, acreditais que existiriam as aldeias sórdidas e repugnantes? Nós agiríamos, não ficaríamos a criar teorias e a falar de fraternidade. Evidentemente, não há calor, não há riqueza em nossos corações, e vivemos falando a respeito de tudo; temos métodos, sistemas, partidos, governos e leis. Não sabemos que não é com palavras que se conquista aquêle estado de amor.

A palavra "amor" não é amor. A palavra "amor" é só o símbolo e nunca pode ser a realidade. Por isso, não fiqueis hipnotizados pela palavra "amor". Ela não é nenhuma coisa nova. Êsse estado só pode realizar-se depois de ter cessado a atividade do "eu"; e, em virtude dessa cessação do "eu", estais cooperando com o fito de fazer o que é preciso e não com o fito numa idéia. Não sabeis tudo isso, senhores? Não sabeis que quando vós e eu nos amamos, fazemos as coisas tão fácil e tão plàcidamente? Não falamos de cooperação, não falamos de nenhum sistema de como se faz uma coisa, ficando depois a batalhar por causa do sistema e inteiramente esquecidos da ação. Vós sorrides, e passais adiante... Envelhecemos em esperteza, mas não em sabedoria.

PERGUNTA: Qual o sistema de meditação que devo seguir?

KRISHNAMURTI: Vamos averiguar. Não ides ouvir a minha verdade, para fazê-la a vossa verdade. Só podeis reproduzir as palavras, mas isso não é a

Verdade. O símbolo não é a realidade. Quando venerais o símbolo, vos tornais idólatras, e o idólatra nunca achará o que é verdadeiro.

Ides agora verificar o que é a verdade, não a verdade última, a verdade absoluta, a verdade final, mas a verdade sôbre o sistema que vos auxiliará a meditar. Isto é, nós vamos descobrir a verdade sôbre se os sistemas ou métodos vos auxiliam a meditar. Compreendeis?

O interrogante, provàvelmente, deseja saber se sistemas, métodos e determinados atos ajudam uma pessoa a meditar. Vamos averiguá-lo. A verdade não é uma coisa que está longe, a muitas léguas de distância, sendo necessário percorrê-las, para a alcançar. Ela está bem diante de vossos narizes, para ser descoberta a cada minuto. Ela aí está, para que a descubrais com uma mente nova, uma mente criadora. Por essa maneira descobriremos a verdade, a significação integral da meditação.

Qual a significação de um sistema? Prática contínua, execução de uma coisa, vêzes e mais vêzes, cópia, imitação. Não é verdade? Todos os sistemas só significam isso, não é exato? Pelo exercício, pela repetição, ides achar a felicidade? Essa felicidade, essa bem-aventurança, essa coisa que não é mensurável não pode vir por êsse caminho.

No comêço da vossa prática está o comêço e o fim dessa prática; isto é, aquilo com que começais é a mesma coisa com que acabais; o comêço é o fim. Se eu pratico, se copio, acabo sendo um imitador, repetindo sempre, tal qual uma máquina. Se minha mente

só é capaz de repetir, de praticar, dia por dia, um certo método, de seguir um certo sistema, no fim a minha mente estará ainda copiando, imitando, repetindo. Isso é bem óbvio, não achais? Por conseguinte, no comêço já tracei o curso que minha mente terá de seguir; se não compreendo no comêço, não compreenderei no fim. Essa a verdade evidente.

Descobri, pois, que o fim já está no princípio. Os sistemas, oferecendo promessas, prazeres, recompensas, punições, põem a mente mecânica, estúpida, num estado de embriaguez. E como não há liberdade no comêço, não há liberdade no fim. O comêço tem enorme importância.

Para vós, a meditação é um processo inteiramente diferente. Desejais aprender a concentração; desejais aprender um método de alcançar um resultado; desejais adorar a uma divindade, macho ou fêmea, alguma imagem estúpida. Quereis cultivar a virtude. Tudo isso é meditação, para vós Quando vos dedicais à virtude, quando cultivais a virtude, que acontece? Tendes a ação do "eu." O "eu" deseja ser bondoso, generoso, sem avidez; e vós vos exercitais, dia por dia, mês por mês. Dêsse modo, não estais fortalecendo a avidez, num sentido diferente? Porque estais vos tornando cônscios de que não sois ávidos, e no momento em que estais cônscios de que não sois ávidos, sois, sem dúvida nenhuma, ávido.

Vosso cultivo da virtude é uma forma de atividade egocêntrica. Não é meditação. Quando quereis concentrar-vos, a vossa mente começa a divagar, e tentais freá-la. E começa, assim, uma batalha. A mente

quer divagar, e vós quereis concentrar-vos. Que indica isso?

Quando estais aqui, durante o tempo que aqui estais, as vossas mentes não se acham verdadeiramente concentradas? Isto é, não há concentração instintiva, natural, que não é processo de exclusão?

Se a vossa mente é mesquinha, estreita, astuta, sagaz, ambiciosa, de que adianta a vossa meditação, de que adianta aprenderdes a concentração? Se a aprendeis, ela é outra forma de atividade do "eu", que vos ajudará a enganar a outros e a vós mesmo. Percebemos agora a verdade de que a concentração não é meditação; ela é apenas um processo de estreitamento, um processo de exclusão, destinado a forçar a mente a ajustar-se a um determinado padrão.

Suponhamos que tenhais abandonado todos os sistemas, que se tenha dissipado completamente a idéia de sistemas. E, daí? A idéia de concentrardes a vossa mente num determinado objeto — Mestre, imagem — que só é exclusão, que é um processo de identificação e, portanto, de separação, essa idéia se dissipou. E, então, que acontece? Vossa mente se torna mais perceptiva e lúcida. Não sabeis que qualquer atividade da mente, qualquer realização por parte dela, representa uma carga?

Por favor, dai atenção a isso, meditai enquanto estou falando, e vereis que tôda forma de realização, todo senso de vir-a-ser, é sempre atividade do "eu" e, portanto, coisa do tempo. Ao perceberdes claramente êsse fato, ao reconhecê-lo plenamente, já não há então cultivo da virtude. Então, todo senso de realização, de ser alguém, se desvanece; por conseguinte, a mente

se torna mais tranqüila, mais serena, não mais prevendo recompensas ou punições; torna-se completamente indiferente à lisonja e ao insulto. Que aconteceu à vossa mente? Não ides para casa, para pensar a êsse respeito; pensai agora. As coisas que antes vos agitavam, as coisas que atuavam de maneira separativa, o estar às escuras e temeroso, o estar buscando uma recompensa ou evitando uma punição — tudo isso desapareceu. A mente se torna mais tranqüila, mais vigilante. Há rigoroso silêncio, não provocado, não disciplinado, não forçado. E, então, que acontece? Então, nesse estado de tranqüilidade, emergem idéias, emergem sentimentos; e vós os compreendeis e vos descartais dêles. Depois, se fôrdes um pouco além, vereis que, naquele estado, há certas atividades que não são "auto-projetadas", que vêm obscura e misteriosamente, sem terem sido chamadas, tal como a brisa, como o pôr do sol, como a beleza. No momento em que elas surgem, a mente, percebendo-lhes a beleza, poderá desejar conservá-la, poderá dizer: "Experimentei tal estado" e segurar-se a êle, criando assim o processo do tempo, que é a memória. Essa possibilidade, também, precisa desaparecer.

Sabeis como a mente está operando e como deseja uma série de sensações, as quais são chamadas maravilhosas, e como lhes estais dando nomes. Ao perceberdes a verdade acêrca de tudo isso, essas coisas também desaparecem. Agora, qual é o estado da mente que não está procurando, que não está tentando alcançar, que não está desejando, que não está em busca de um resultado, que não está dando nomes, que não está reconhecendo? Essa mente está tranqüila; essa mente

está em silêncio; o silêncio veio naturalmente, sem nenhuma espécie de constrangimento, de compulsão, de disciplina. Foi a verdade que libertou a mente. Nesse estado a mente está extraordinàriamente tranqüila. Então, surge aquilo que é novo, que não é reconhecível, aquilo que é criação, que é amor, ou como quer que o chameis — aquilo que não é diferente do comêço. E essa mente é uma mente bem-aventurada, uma mente sagrada. Só essa mente pode ser útil. Só essa mente pode cooperar, só essa mente pode existir sem identificação, pode estar só, sem auto-mistificação de nenhuma espécie.

O que está além não é mensurável com palavras. O que não é mensurável vem; mas, se o procurardes, como o fazem os insensatos, nunca o tereis. Vem, quando menos o esperais; quando estais contemplando o céu; quando estais descançando à sombra de uma árvore; quando estais observando o sorriso de uma criança ou as lágrimas de uma mãe. Nós, porém, não estamos observando, não estamos meditando. Quando meditamos é sôbre alguma coisa sem beleza, alguma coisa misteriosa, que precisa ser cultivada, que precisamos praticar e viver em conformidade com ela. Um homem que pratica a meditação, nunca saberá; mas o homem que compreende a verdadeira meditação, a qual é de momento a momento, êsse homem saberá. Não há experiência individual. Quando se trata da verdade, desaparece a individualidade, o "eu" deixou de existir.

10 de fevereiro de 1952.

4001

J. Krishnamurti

QUANDO O PENSAMENTO CESSA

18

Instituição Cultural Krishnamurti

GRÁFICA EDITÔRA JORNAL DO COMÉRCIO S. A.-Av. Rio Branco, 117 - 1957